

HISTÓRIAS DO UNIVERSO DE
TRÊS COROAS NEGRAS



DE



FENNBIRN

KENDARE BLAKE





RAINHAS DE FENNBIRN

A RAINHA ORÁCULO E
AS JOVENS RAINHAS

KENDARE BLAKE

Tradução
Isadora Sinay





Foto: Shawn H. Nichols

Kendare Blake é autora da série best-seller *Três coroas negras* (*Três coroas negras*, *Um trono negro*, *Dois reinos sombrios* e *Cinco destinos sombrios*). Ela nasceu na Coreia do Sul e atualmente mora em Washington, EUA. Saiba mais sobre ela em www.kendareblake.com.

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

A rainha oráculo

Epígrafe

Prólogo

500 anos atrás

A Corte da Rainha

Os Jardins da Rainha

O Jardim Negro

Os Aposentos da Rainha

A Corte da Rainha

Indrid Down

Os Aposentos da Rainha

Solstício de Verão

O Volroy

Indrid Down

O Festival do Solstício de Verão

O Volroy

Indrid Down

O Volroy
Indrid Down
O Volroy
O Volroy
Prynn
O Volroy
A Torre Oeste

As jovens rainhas

Prólogo | O Chalé Negro

O Dia da Reivindicação | Seis anos depois

Wolf Spring
O Chalé Negro
A Reivindicação
Rolanth
Greavesdrake Manor
Wolf Spring

Três anos depois

Rolanth
Wolf Spring
Greavesdrake Manor
Wolf Spring

As consequências da tentativa de fuga de Arsinoe | Dois anos depois

Indrid Down
Rolanth

Epílogo | Wolf Spring

Dois Anos Depois

Conheça os outros livros da série Três coroas negras

Créditos

A RAINHA ORÁCULO

*Sem visão, sem ruído
Sem culpado envolvido
Traição não havia*

*E, mesmo assim,
por Elsabet, a Louca,
todos morreriam naquele dia*

— Da “Canção da Oráculo Louca”

PRÓLOGO

Em um dia quente de verão, a Rainha Mirabella se sentou nos degraus da frente do Chalé Negro, aos pés da parteira Willa, para que ela trançasse seu cabelo. Suas irmãs – a Rainha Arsinoe, mais nova apenas por alguns minutos, e a Rainha Katharine, meia hora mais nova – brincavam juntas no jardim.

— Ainda bem que a roupa preta esconde a sujeira da grama — Willa comentou quando Katharine tropeçou em seus próprios pés e caiu, sua saia preta voando.

— Ha, ha — Arsinoe provocou. Os olhos enormes de Katharine começaram a brilhar e ficar marejados. Mirabella pigarreou e Arsinoe a olhou, culpada. Então ela suspirou e ajudou a irmã mais nova a se levantar.

— Por que você nunca diz a elas para serem gentis? — Mirabella perguntou.

— Eu digo a elas para serem educadas. — Willa gentilmente separava o cabelo da pequena rainha com os dedos. — Está tão grande agora. Tão grande e brilhante. Quando você for rainha, deverá usá-lo sempre solto e nunca coberto por um véu.

Mirabella se controlou para não inclinar a cabeça. Mesmo aos cinco anos, ela sabia que ser boa e ser educada não significavam a mesma coisa, embora não soubesse exatamente por quê.

Na grama, Arsinoe e Katharine voltaram a perseguir uma a outra. Elas riam, sem fôlego, e, quando pararam de rir, Katharine começou a cantar

uma canção que Willa lhes havia ensinado naquela manhã.

— Sem visão, sem ruído, sem culpado envolvido, traição não havia...!

— ...e, mesmo assim, por Elsabet, a Louca, todos morreriam naquele dia! — Arsinoe completou a rima e levantou um galho que estava carregando como se fosse uma espada. Katharine deu um gritinho e correu.

— Por que você nos ensinou essa música? — Mirabella perguntou. Era a canção de uma rainha, a fábula da última rainha oráculo, mas Mirabella não gostava dela.

— Todos na ilha conhecem a história da oráculo louca. Uma rainha certamente deveria conhecê-la.

— É só uma canção.

— Canções preservam a história. Para que as pessoas se lembrem. — Willa baixou a voz, e Mirabella soube que o que viria a seguir era para apenas ela escutar. — Dizem que a dádiva da visão da Rainha Elsabet se voltou contra ela. Que a deixou louca, até que, em um ataque de paranoia, ela ordenou a execução de três famílias inteiras.

— O que é “paranoia”?

— Ter medo ou estar convencida de algo que não existe.

— Eles tinham certeza de que ela estava errada?

— Tinham. E, por conta de seu crime, a Rainha Elsabet passou os últimos vinte anos de seu reinado trancada na Torre Oeste do Volroy. Agora nunca mais teremos rainhas com a dádiva da visão.

Mirabella engoliu em seco. Ela sabia o motivo disso. E o motivo era que toda trigêmea nascida com a dádiva da visão era afogada.

— Tudo por culpa dela?

Willa olhou ao redor e riu da expressão assustada no rosto de Mirabella.

— Não fique tão perturbada! Foi há muito tempo.

— Quanto tempo?

— Muito, muito tempo. Antes mesmo da névoa vir nos proteger. A Rainha Elsabet reinou quando Fennbirn ainda fazia parte do mundo. Naquela época, os portos viviam lotados de navios vindos de países como a nobre Centra, a rica Valostra e o belicoso Salkades.

Centra, Valostra, Salkades. Nomes que Mirabella já ouvira nas aulas de Willa. Mas não com frequência. Esses nomes haviam se perdido na névoa.

Agora todos faziam parte do continente. Eles mal existiam.

— Vinte anos é muito tempo para ficar trancada — Mirabella murmurou, e Willa beijou o topo de sua cabeça. Ela sentiu um puxão na ponta do cabelo, e uma trança apareceu, finalizada e jogada por cima de seu ombro.

— Não ligue para isso. Agora, vá brincar.

Mirabella se levantou, obedecendo-a. Mas, pelo restante do dia, e por muitos dias depois, ela pensou na Rainha Elsabet e na canção da oráculo louca. E se perguntou o quanto daquilo era verdade.

500 ANOS ATRÁS

A CORTE DA RAINHA

No meio da manhã, a Corte da Rainha já era um turbilhão de atividades. Embaixadores estrangeiros e representantes das melhores famílias da capital haviam começado a se reunir desde o momento em que as portas haviam sido abertas. Eles se aglomeravam e conversavam, vestindo seus melhores mantos e chapéus, contando novidades e fofocas enquanto esperavam pela rainha. Mas a rainha não aparecia.

— Quanto tempo vocês acham que vai demorar hoje? — Sonia Beaulin perguntou, sentando-se à longa mesa com o restante do Conselho Negro e girando sua adaga em uma das mãos, usando a dádiva da guerra para enfiá-la na madeira.

— Não tanto quanto levarão para construir uma mesa nova. — A elemental, Catherine Howe, levantou a sobrancelha para os presentes. — Tenham paciência. Vocês já viram como ela governa. Ela é decidida. Não precisa do mesmo tempo que as outras rainhas. E ela ainda é jovem. Ainda está se ajustando.

— Ela teve três anos. E nós somos um Conselho Negro jovem. Nós não nos ajustamos?

— Você já estava ajustada desde o começo — Catherine disse, jogando os belos cachos castanhos para o lado.

Ao lado delas, sentada no centro da mesa entre a guerreira Sonia e Gilbert Lermont, que tinha a dádiva da visão – e era irmão de criação da rainha –, a envenenadora Francesca Arron escutava. Os Arron eram, no

geral, muito bons em ouvir. E esperar. E Francesca estava esperando há três anos, desde que havia sido indicada ao Conselho Negro, para ser nomeada como sua líder.

— A rainha está chegando! Abram caminho!

Francesca se levantou com os outros quando a Rainha Elsabet e suas acompanhantes entraram no cômodo, suas bochechas coradas e vozes alegres iluminando o lugar de repente, mesmo que as paredes do pátio de verão, abertas e sustentadas por colunas, já estivessem sendo banhadas pela luz do sol.

— Peço perdão por deixá-los esperando — a Rainha Elsabet anunciou. Ela estava vestida com roupas de caça, sua saia preta de cavalgada suja de terra. Ela tirou as luvas de montaria, entregando-as para sua criada com um sussurro, e a garota correu, certamente para buscar doces, salgados e um bom vinho. Uma rainha esperta, agradando-os com guloseimas. Seu atraso logo seria esquecido.

Ela andava rapidamente pela multidão, suas pernas tão longas que a maioria de suas acompanhantes tinha que correr para alcançá-la. Todas exceto a Comandante da Guarda, é claro. A guerreira Rosamund Antere, da família Antere de guerreiros, era uma cabeça mais alta que a rainha.

— Você estava caçando — Francesca disse enquanto a Rainha Elsabet se sentava.

— Estava. — Seu rosto ainda brilhava por conta da atividade, e seus olhos negros reluziam. Era quase o suficiente para fazê-la parecer bonita. Mas ainda não o bastante.

Sonia Beaulin pigarreou.

— Suas criadas disseram que você saiu antes do amanhecer.

— Há algum momento melhor para caçar tetrazes? — Elsabet sorriu. — Agora, se meu conselho já terminou de me interrogar sobre meu exercício... — Ela se virou na direção dos súditos e, um por um, os membros do Conselho Negro afundaram em suas cadeiras, Francesca por último.

Gilbert Lermont se levantou e leu, em sua ata, o nome daqueles que tinham chegado primeiro. Eles deram um passo à frente. A rainha ouviu atentamente enquanto eles reportavam suas novidades: sucessos comerciais, colheitas ou o nascimento da filha de um nobre. Era verdade o que Catherine Howe dissera: a rainha tinha uma natureza decidida. Seus

comentários eram poucos, mas certos. Ela era esperta, mas não tinha paciência para bajulações, a ela ou àqueles com quem falava.

Era uma forma boa o suficiente de reinar, Francesca percebeu, mas não faria com que o povo a amasse. E para alguém tão decidida, ela estava demorando demais para nomear Francesca para seu lugar merecido como líder do conselho.

Ela observou a rainha rir, uma risada gutural e profunda para uma rainha tão jovem, ainda uma menina, na verdade, mal completados vinte anos. Alguns diziam que ela era bonita, mas estavam apenas sendo gentis. A Rainha Elsabet tinha um nariz anguloso e uma boca grande. Não era bela. Não que beleza fosse um requisito para rainhas, mas era mais fácil amar uma rainha bonita.

Quando a risada de Elsabet se transformou em tosse e ela pediu licença para seu conselho, Francesca disfarçou um sorriso. Ela poderia esperar para ser líder do conselho. Mas não esperaria para sempre.

OS JARDINS DA RAINHA

Mais tarde, naquele dia, Elsabet, a rainha oráculo, sentou-se em seu jardim retangular no lado sudoeste do Volroy. Ela estava reclinada em uma poltrona macia, ao lado de uma mesa de pedra, jogando cartas com seus acompanhantes mais próximos, protegida do sol por um dossel de tecido preto.

— Gilbert, você vai descartar? Ou vai esperar que eu simplesmente esqueça qual jogo estamos jogando?

Gilbert contraiu os lábios finos, afinando-os ainda mais, enquanto considerava sua mão. Ele baixou uma carta e ela sorriu, agarrando-a.

— Bem o que eu precisava.

— Droga. — Ele franziu a testa e bagunçou o cabelo loiro-escuro. — Estou enferrujado. Poucos desses idiotas aceitariam jogar com alguém que tem a dádiva da visão. Como se funcionasse assim.

— De fato. Não é necessária a visão para ganhar de alguém ruim como você. — Com uma risada leve, Elsabet desceu sua mão vencedora até a mesa antes dele.

— Droga.

A rainha sorriu enquanto ele juntou as cartas e começou a embaralhá-las. Gilbert Lermont era seu irmão adotivo. Eles haviam crescido juntos na cidade branca de Sunpool e ela podia contar nos dedos da mão as vezes em que ele havia ganhado dela nos jogos de carta. Mas deixe ele culpar a falta

de prática. Ela sabia como o irmão se sentia, sozinho em uma nova cidade com poucos oráculos.

— Eu tenho pensado muito em casa — ela disse.

Gilbert a olhou por baixo das sobrancelhas escuras. Bess, sua criada favorita e companheira constante, e Rosamund Antere, sempre por perto como sua Comandante da Guarda, fizeram o mesmo.

— Indrid Down é nossa casa agora, Elsie.

Elsabet franziu a testa.

— Não se pode ter duas casas? Eu só... Eu sinto falta de lá, de antes de tudo isso. — Ela apontou para a própria cabeça, para a coroa de prata enfeitada com pedras que parecia fundida em seu couro cabeludo. — Eu sinto falta de estar perto daqueles que sabem o que é a dádiva da visão e como ela funciona. As pessoas daqui olham para mim como se eu fosse uma bizarrice. E elas esperam que todos os dias na corte sejam maravilhosos. Como se eu devesse cuspir grandes profecias duas vezes de tarde e uma antes do café da manhã.

Ela pegou suas cartas recém-embaralhadas e as colocou na mesa de novo quando Bess empurrou mais do tônico de Gilbert em sua direção.

— Eu não quero mais. É amargo.

— Por favor — Bess disse. — Sua doença preocupa a todos.

— Foi só uma dor de cabeça. Apenas poeira que aspirei por conta da caçada. — Mas Elsabet bebeu o tônico, mesmo que só para ver Bess sorrindo. — Além disso, eles não estavam preocupados, só irritados.

— Talvez se você não chegasse atrasada com tanta frequência — Gilbert disse enquanto arrumava sua mão.

— Isso não mudaria nada. Meu Conselho Negro não gosta de mim porque eu não faço as coisas da forma que eles querem. Mas não foi você que me disse, Gilbert, que eu deveria deixar minha marca como rainha assim que chegasse no Volroy? Assim que tomasse a coroa. Não foi você que me avisou que jovens rainhas não são levadas a sério? Que poderia levar anos até eu realmente ser a governante da minha ilha?

— Não fui eu que te disse, também, que uma rainha é tão boa quanto seus conselheiros?

— Sim. — Ela contorceu a boca. — Mas você estava errado. Isso pode se aplicar às outras rainhas, mas uma rainha oráculo só é boa com sua dádiva.

No canto da tenda, sempre observadora, Rosamund Antere inclinou a cabeça, seu cabelo vermelho-sangue.

— Rosamund? O que foi?

— Seu rei consorte se aproxima.

O coração de Elsabet martelou no peito e ela o amaldiçoou em silêncio. Ela era uma rainha, não uma aldeã que podia deixar o coração ditar seu comportamento. Mas com William, seu rei consorte, isso era difícil de lembrar. Toda vez que ele entrava em um cômodo, ela prendia a respiração. Toda vez que ele a olhava, ela queria esconder seu rosto pouco atraente por trás das mãos.

William era de Centra, um país do outro lado do mar, a nordeste. Eles tinham um bom exército e colheitas fartas. Um rei consorte de Centra era sempre uma escolha politicamente inteligente. Mas, para dizer a verdade, Elsabet teria escolhido William mesmo que ele tivesse vindo de lugar nenhum.

Os outros pretendentes eram bonitos. Todos eles, na verdade. E muitos eram sedutores. Mas nenhum deles olhara para Elsabet da mesma forma que William. Ninguém, em toda sua vida, olhara para ela assim. Como se ela fosse bonita. Desejável. E certamente ninguém tão atraente quanto ele, com seus olhos azuis brilhantes e cabelos pretos como a noite. Durante o cortejo, ele costumava dizer que, no trono, seus cabelos negros os fariam combinar como um par de cavalos de carruagem.

Ele entrou sob o dossel e uma das criadas de Elsabet rapidamente lhe trouxe uma cadeira, embora isso provavelmente fosse perda de tempo. William nunca ficava muito tempo parado em um lugar. Ele era um esportista. Fora por insistência dele que os dois haviam se levantado antes do amanhecer para caçar tetrazes naquela manhã.

Ele se inclinou e beijou a bochecha da rainha, mas quando ela franziu as sobrancelhas, ele virou o rosto dela e a beijou nos lábios.

— Para você. — William colocou um buquê de flores silvestres em cima da mesa, belos botões cor-de-rosa, brancos e amarelos, seus cabos cortados uniformemente por sua adaga e amarrados com um pedaço de fita listrada. — Eu as colhi na margem do rio, perto de onde estava nadando — ele continuou enquanto Elsabet sentia seu cheiro e, de fato, o tecido da gola do rei ainda estava molhado.

Elsabet passou os dedos pela fita. Era um adorno caro, uma nova moda que ela havia visto em muitas filhas de famílias afortunadas.

— Onde você conseguiu essa fita? — ela perguntou, e William engoliu em seco. — Você foi ao mercado?

— Sim! Eu não poderia te dar um buquê malfeito.

Elsabet tentou sorrir. Ela apontou para as cartas.

— Incluimos você no jogo?

— Não. — William mordeu o lábio. — Estou com vontade de ouvir música. Acho que vou procurar alguns músicos para nós. — Então ele partiu, sem olhar para trás, e Elsabet quase se levantou para segui-lo. Mas o rei consorte não desapareceu completamente. Ele ficou pelo jardim, conversando com algumas pessoas que haviam se reunido perto da rainha, em pequenos grupos de conversa avulsos. A garganta de Elsabet deu um nó quando ele tocou o queixo de uma bela garota elemental, com um coque loiro brilhante.

— Você sabe que ele sempre foi galanteador — Gilbert disse em voz baixa. — Foi uma das qualidades que atraíram você quando ele era só um pretendente.

Elsabet desviou o olhar de William e se forçou a jogar uma carta.

— Gilbert, sua dádiva da visão agora inclui telepatia?

— Não, minha rainha.

— Achei que não. — A dádiva de Gilbert era da visão na fumaça, além da peculiar habilidade de encontrar coisas que ele estava buscando, que se manifestava em um quase transe e o fazia se balançar estranhamente para a frente e para trás. Sua dádiva não incluía ouvir os pensamentos dos outros ou sentir suas emoções. A dádiva da rainha também não incluía essas coisas, e ela ficava feliz por isso.

Forçando-se a ignorar William, Elsabet se inclinou para trás para observar a grandiosidade do castelo. Ou melhor, a grandiosidade que estava por vir. A grande fortaleza do Volroy estava em construção há cem anos e, ainda assim, as torres não estavam prontas. Durante cem anos, pedras negras tinham cruzado a ilha, por terra, rio e pelo mar até o Porto de Bardon. Cem anos e incontáveis mudanças de mestres de obras, artesãos e trabalhadores. Mas, sob o reinado de Elsabet, ele seria concluído. Ela sabia, porque havia visto. Na mesma visão que mostrara que ela triunfaria sobre as irmãs e se tornaria a Rainha Coroada. Ela se viu, em uma visão,

passando pelos quartos da Torre Oeste já pronta, com uma coroa na cabeça.

— Logo haverá torres negras no topo — ela disse, e Bess seguiu seu olhar. — Você sabia, Bess, que foi a rainha da guerra, Aethiel, que começou a construir o Volroy?

— Eu sabia — Gilbert disparou antes que Bess conseguisse responder. — Aethiel começou, e a elemental Elo, que cuspiu fogo, continuou, assim como nossa última rainha, a guerreira Emmeline.

— Claro que você sabe disso. — Elsabet o cutucou de brincadeira para tentar tirar a presunção de seu rosto. — Você é um historiador. Mas garanta que as pessoas comuns também saibam, sim? Acho que eles estão começando a se ressentir das despesas.

— Seu reinado provavelmente será mais barato que o das rainhas guerreiras — Gilbert disse —, com seus constantes ataques e batalhas.

À menção da guerra, Rosamund falou depressa, surpreendendo a todos por estar se dando ao trabalho de ouvir.

— As pessoas entendem a guerra. Entendem seus custos. Sua glória. — Ela deu de ombros. — E os espólios não fazem mal, também.

— Você preferiria que eu fosse uma rainha da guerra, então, Rosamund?

Rosamund virou a cabeça e observou a rainha fixamente com seus olhos verdes. Ela sorriu.

— Eu prefiro que você seja como você é.

— Que bom. — Elsabet sorriu de novo, seu olhar passando por William, que voltava com os músicos. — Porque o tempo das rainhas da guerra passou. Agora teremos paz. A ilha mereceu.

O JARDIM NEGRO

Nos meses de verão, não era incomum que a rainha recebesse súditos ou visitantes ao ar livre. Ela gostava do jardim conhecido como Jardim Negro, um espaço retangular ladeado por cercas-vivas e um muro de pedra ao norte, com sua grama macia e bem-cortada e algumas árvores. Caminhos amplos de cascalho o cortavam, partindo de todos os cantos, e convergiam em uma fonte de pedra escura. Inevitavelmente, algum dos forasteiros eventualmente comentava que o Jardim Negro não era tão negro assim, e a rainha respondia que eles não faria sentido chamá-lo de “Jardim Verde”. Todos riam, enquanto Francesca Arron apertava os punhos. A maioria das pessoas, até mesmo a maior parte do Conselho Negro, achava as reuniões ao ar livre bastante agradáveis. Mas, para Francesca Arron, era apenas mais uma das formas de Elsabet desdenhar da tradição.

Francesca estava distante dos outros, observando a rainha divertir o embaixador de Valostra e seus quatro companheiros. Uma vez que a rainha escolheu um rei consorte da nação rival, Centra, não havia muito o que os valostrianos pudessem fazer ali. A maior parte do comércio e recursos de Fennbirn era reservado para o país do rei consorte. Mas os valostrianos tinham muito dinheiro e continuavam a mandar representantes apesar disso, com a esperança de manter boas relações até a próxima Ascensão.

— Muito bem, Rainha Elsabet! — O embaixador aplaudiu quando a bola da rainha bateu no bastão colorido que eles haviam enfiado na terra.

Era um jogo jogado com os pés e, para conseguir jogá-lo, Elsabet tinha levantado as saias até quase os joelhos.

— Cuidado — Sonia Beaulin disse, aproximando-se de Francesca para lhe entregar um punhado de frutinhas venenosas e segurando um pequeno pote de mel para mergulhá-las. — Seu desprezo está começando a aparecer por baixo dessa expressão cuidadosamente construída.

— Hunf. — Francesca enfiou uma frutinha adocicada na boca. — Olhe para ela. Só olhe para ela. Jogando com o vestido na cabeça.

— Ele não está nem perto da cabeça. E as pernas não estão nuas. Nada que possa ser considerado inapropriado.

— Aqui, não. Mas e no país deles? Eles voltarão para Valostra e dirão que a rainha é indecente. Uma meretriz.

— Deixe que voltem, então — Sonia disse, sua dádiva da guerra acordando. — Com as línguas cortadas.

— Mais uma vez, você não entende a questão. Eu não me importo com a opinião deles e não respeito seus padrões de conduta ridículos. Mas relatos como esses são o que trazem soldados às nossas praias. Guerra, para acabar com nossa indecência e devassidão. Para salvar nossas almas. — Francesca cuspiu uma semente no chão. — Não há nada que eu odeie mais do que ataques e massacres para nos salvar de nós mesmas.

Ao ouvir sobre batalhas, os olhos de Sonia brilharam.

— A dádiva da visão da Rainha Elsabet certamente nos avisaria com antecedência se fosse o caso.

— A dádiva da visão não é confiável. E a dela está enfraquecendo.

— Como você sabe?

Francesca levantou o olhar para Sonia.

— Eu apenas sei.

Uma exclamação de surpresa coletiva soou quando a rainha, ao tentar dar outro chute, tropeçou em sua saia quando ela se soltou, caindo de joelhos. Um constrangimento, com certeza, mas Elsabet apenas riu. Ela gargalhou, na verdade, sua boca muito aberta e seus dentes grandes demais. E os valostrianos rapidamente a ajudaram a se levantar, amontoando-se em volta da rainha, vestindo túnicas listradas chamativas e chapéus de penas. Sorte a dela ser rainha. Qualquer outra garota sem graça como ela teria sido deixada na grama.

— Olhe — Francesca disse. — Até o rei consorte sabe que ela tem dado liberdades demais. — William estava sorrindo, mas conforme o jogo prosseguiu, seu sorriso se tornou cada vez mais incerto. — Ele sabe que comentarão.

— Bem, e o que devemos fazer? — Sonia perguntou. — Nós somos suas conselheiras, mas ela não aceita quase nenhum conselho. Catherine diz para deixarmos ela se acostumar com a coroa. Então ela vai parar de brigar para que as coisas sejam feitas sempre do seu jeito. E vai se cansar de tentar deixar sua marca.

— Catherine Howe está apaixonada pela rainha desde antes da coroação. Assim como sua rival. — Ela apontou com a cabeça para a Comandante da Guarda, sempre pronta, monitorando seus soldados, um em cada entrada.

Um prazer floresceu no peito de Francesca quando Sonia mostrou os dentes. Um ódio tão forte. Francesca gostava de emoções fortes. Emoções fortes que ela podia explorar.

OS APOSENTOS DA RAINHA

A Rainha Elsabet encarou seu espelho de cristal. Depois de um longo dia entretendo os valostrianos, ela estava sozinha novamente, apenas com Bess, sua criada favorita, que a preparava para dormir. Sozinha, a rainha ficava deprimida com frequência, e o reflexo que a encarava de volta não ajudava a melhorar seu humor. Bess já havia removido a maquiagem de Elsabet, cuidadosamente feita, e o rosto que a rainha via era limpo, sem adornos.

Ela se endireitou e respirou fundo. Linda, eles a chamavam. Ela era uma rainha com presença, eles diziam. Elsabet esperava que fosse verdade. Com um rosto tão feio, era tudo que podia esperar.

— Você acha que é mais fácil para as rainhas bonitas? — Elsabet perguntou enquanto Bess penteava seu cabelo longo e preto. — Ou todas nós precisamos desfilarmos por aí como cavalos de raça para impressionar?

— Mais fácil. Quem quer o mais fácil? A Elsabet que eu conheço procura desafios. Floresce com eles.

Elsabet suspirou. De fato. Quando teve sua primeira visão da Ascensão e viu que a irmã mais nova mataria a mais velha, ela ficou um pouco desapontada. Uma tarefa a menos entre ela e a coroa. A rainha sentia que deveria ter feito tudo.

— Doce Bess. — Elsabet esticou o braço e tocou a mão da garota. Ela e Bess tinham praticamente a mesma idade, mas meninas bonitas sempre pareciam infinitamente mais jovens, e Bess era uma das garotas mais

bonitas da ilha, com seus cachos loiro-avermelhados e lábios cor-de-rosa.
— Você ficará aqui comigo mesmo depois que se casar?

— Eu não estou com pressa para me casar, minha rainha.

— Está se divertindo com as suas liberdades?

Bess corou.

— Eu sempre achei esse um dos fardos mais pesados de uma rainha... ser forçada a se casar tão jovem. Tão cedo. Com tão pouca... experiência.

— Eu não precisei ter experiências. — Elsabet sorriu. — Eu encontrei William.

Alguém bateu na porta do quarto, e Bess abaixou a escova.

— Aí está ele — ela sussurrou no ouvido da rainha, e a pele de Elsabet se arrepiou. Mesmo depois de três anos de casamento, a chegada de seu rei consorte ainda lhe deixava trêmula.

Mas Bess voltou com apenas uma bandeja.

— O que é isso?

— Mais tônico, de Gilbert. — Bess o colocou na mesinha de canto e misturou uma colher de mel no líquido amargo. Elsabet fez um gesto para que ela colocasse outra colher e, com uma careta, para que colocasse mais uma depois.

— Sua tosse ainda está ruim assim? — Bess perguntou enquanto a rainha bebia. — Você tem tomado o tônico já faz semanas, mesmo durante o dia.

— Não está ruim. São as dores de cabeça, principalmente. O tônico não ajuda muito. O que um tônico pode fazer contra o estresse da coroa? Mas você conhece Gilbert. Ele sempre está cuidando de mim, sempre muito preocupado. Então vou beber essa coisa amarga até ele ficar satisfeito. — Os olhos dela se voltaram para o corredor. — Você viu algum sinal do meu rei consorte?

— Não, minha rainha.

Elsabet franziu a testa.

— Você se lembra de quando ele costumava correr para mim toda noite? Como ele ficava inquieto do lado de fora enquanto você me arrumava para a cama, reclamando das correntes de ar neste maldito castelo em construção?

Bess não respondeu, mas Elsabet notou seu reflexo no espelho. Uma expressão de pena.

— Você o viu com alguém?

— Não, minha rainha — Bess disse, e rapidamente se virou para adicionar lenha na lareira.

— Mas ele tem flertado. A corte toda o viu flertar.

— O rei consorte sempre foi assim. Principalmente com você, Elsabet.

Principalmente com ela. Mas havia meses desde a última vez em que ele a havia procurado durante o dia para que os dois pudessem se esconder em algum lugar, em um cômodo sem uso ou um corredor vazio. E se já não era ela pelos corredores com ele, então devia ser outra pessoa.

— Ele tentou... alguma coisa com você, Bess?

Bess se virou e ficou mais ereta. O fogo queimava atrás dela.

— Não. E se fizesse, eu lhe daria um tapa na cara. Eu o deixaria com um belo roxo, e depois contaria a você imediatamente.

Elsabet não respondeu de imediato, e Bess correu para o lado da rainha de novo.

— Você acredita em mim?

— Claro que sim. Eu só queria que você tivesse dito que ele nunca faria isso. Que meu William nunca faria algo assim. Mas seria mentira. E você nunca mentirá para mim.

Bess acariciou gentilmente o cabelo da rainha e beijou o topo de sua cabeça.

— Eles dizem que é normal entre os homens de Centra... e não seria a primeira vez que um rei consorte vai além do leito Real.

Isso era verdade, embora eles normalmente esperassem ter permissão. Ou pelo menos até a rainha encontrar um amante.

— Normal — Elsabet disse. — Eu não quero normal. Eu quero grandeza. É assim que quero que meu reinado seja. Quando, Bess, eu fiquei satisfeita com normal?

Naquela noite, Elsabet se remexeu na cama até finalmente desistir, levantar e vestir um robe. Ela arrastou uma cadeira pelo tapete até o chão de pedras ao lado de sua janela, abrindo-a e deixando que a brisa gelada entrasse para apagar o fogo. Era o ponto alto do verão, mas como a capital

era tão perto do Porto de Bardon, as noites ainda ficavam frias. Ela encolheu as pernas para enfiar os pés embaixo da camisola.

William não veio. Ele estava bêbado em algum lugar ou ocupado com algum problema de Centra. Talvez tenha ficado jogando cartas até tarde ou resolvido descansar para uma caçada matutina, esquecendo-se de informar a ela. Qualquer uma dessas desculpas seria melhor do que a verdade que ela temia.

Elsabet apoiou os cotovelos no parapeito e olhou para a cidade adormecida abaixo de si, para as águas calmas do porto e para a lua acima dela. Quando ela era menina, parecia que a Deusa estava lá, na lua. Na luz forte e brilhante no céu. A Deusa estava em todos os lugares, é claro. Na terra e nas colheitas, nos peixes que nadavam correnteza acima. Nas pessoas. E, acima de tudo, em Elsabet, sua rainha escolhida.

— Houve um tempo em que minha dádiva era tão forte que eu só precisava pedir uma visão e você a mandava. Mas, naquela época, havia um propósito. A Aceleração. Minha Ascensão. As dádivas de todas as rainhas oráculos as abandonam depois que são coroadas, ou só a minha? — Ela esperou, mas a lua não respondeu. Era bobagem, ela pensou, pedir respostas à lua. Mas não havia outra pessoa a quem perguntar. A Alta Sacerdotisa estava longe, em uma peregrinação, vagando pelas montanhas como vinha fazendo há muitos anos. E as histórias das rainhas oráculos que a antecederam contavam apenas suas maiores visões. Suas profecias mais importantes. Quase não havia menção ao dia a dia delas no reino, e certamente nenhuma passagem dando conselhos sobre reis consortes que não se comportavam.

— William, meu William — ela murmurou. — Eu sou forte em todos os aspectos, exceto por ele. Uma pequena fraqueza. Mas parece que isso se sobrepõe a todo o resto.

Elsabet esperou na janela um pouco mais. Ela não tinha certeza do que estava esperando. Uma visão da Deusa? William entrando pela porta? Seus pensamentos estavam nebulosos, e a lua, por mais linda que fosse, não ofereceu nenhuma resposta. Então ela voltou para a cama e, finalmente, dormiu.

E, quando dormiu, ela sonhou. Um sonho brilhante, claro e realista, desde o sol nos cabelos dele até o barulho da terra sob seus sapatos. Ele era um garoto, um jovem homem, vestindo roupas comuns e com dedos

sujos de tinta. Ele tinha um sorriso largo, com dentes um pouco tortos, e a covinha em sua bochecha direita era maior que na esquerda. Ele não era bonito como William. Mas seu olhar era quente. Ele não fez nada além de sorrir para ela e, quando falou, foi apenas seu nome:

— Elsabet.

A CORTE DA RAINHA

No dia seguinte, Elsabet tentou prestar atenção no que Gilbert estava dizendo. Era algo sobre dinheiro, um assunto no qual ela normalmente se envolvia bastante, para a infelicidade do restante do Conselho Negro. Ela entendeu que a rainha anterior não se importava com as questões cotidianas do reino, preferindo focar nas questões mais grandiosas, como expedições de guerras e ataques. Quando Elsabet foi coroada, ela achou que o Conselho Negro receberia bem seu interesse. Mas, em vez disso, eles pareciam ressentir-lo. Até os membros mais jovens, que ela mesma havia nomeado: Sonia Beaulin e Francesca Arron. Mas Catherine Howe, não. A boa e ponderada Catherine Howe provavelmente não se ressentia de nada.

Hoje, porém, o conselho poderia fazer o que quisesse. Durante toda a sessão da manhã, as respostas de Elsabet foram curtas e desinteressadas. Seu olhar passou por papéis mostrados a ela, mas sem vê-los de verdade. Ela estava distraída, e a razão era nítida para todos no recinto.

Seu rei consorte havia passado a última hora sentado em uma mesa junto de uma beldade de cabelos escuros. Mas ele não estava sentado, por assim dizer. Estava tão inclinado na direção dela que parecia querer subir por cima da mesa.

— Elsie.

Elsabet piscou. Gilbert só a chamava assim quando estavam sozinhos. Quantas vezes ela o ignorara para que ele precisasse chamá-la assim na

frente da corte?

— Sim, Gilbert.

— Você está prestando atenção?

— Claro. — Ela fez um gesto com a mão. — Prossiga. — Ignorando as expressões duvidosas deles, Elsabet se focou novamente. Não era uma questão complicada; ela poderia recuperar o que havia perdido. Poderia, se seus ouvidos não estivessem cheios das risadas de seu rei consorte, um som que se tornava ainda mais alto pelo fato de ele estar claramente tentando abafá-lo.

Elsabet se virou e encarou William. Com seu movimento, o restante da corte congelou. Todos, menos o rei consorte e a garota cujos cachos escuros se enroscavam nos dedos dele. O salão ficou tão silencioso que, quando Elsabet falou, o som ecoou pelo ar como um grito.

— O que é tão engraçado?

As risadas de William e da garota pararam abruptamente, e eles se separaram. A mão dele deslizou de volta para o seu lado da mesa, como uma cobra culpada.

— Querida? — ele perguntou, e Elsabet sorriu largamente.

— O que é tão engraçado? Vocês estavam tão alegres aí no cantinho. Por que não compartilhar a piada conosco?

— Ah... — A boca de William estava aberta. — Nós estávamos discutindo o estado atual da moda. Como... quantas camadas, laços e tempo leva para alguém ser vestido corretamente.

Vestir-se corretamente. Ou se despir rapidamente.

— Claro. — Elsabet forçou uma risada. Na corte, algumas pessoas assustadas ou empáticas se juntaram a ela. — Um assunto muito engraçado, de fato.

Por um momento, pareceu que Elsabet voltaria às questões de dinheiro. Ela permaneceu sentada, respirando lentamente, as mãos se contorcendo em seu colo enquanto tentava se controlar. Mas, no fim, ela não conseguiu. Ela se levantou e se afastou da mesa do Conselho Negro, suas longas pernas fazendo-a cruzar rapidamente a sala.

— Rainha Elsabet! Elsie! — Gilbert gaguejou, derrubando papéis quando se levantou às pressas para segui-la.

— Isso é tudo por hoje — Elsabet anunciou quando saiu. — Agradeço pela presença de vocês.

Assim que ela saiu do salão, Bess surgiu ao seu lado sem precisar ser chamada, assim como Rosamund Antere, que fez um amplo círculo com sua lança para abrir caminho para a rainha.

— Bess, minhas luvas, por favor. E uma carruagem.

— Preparem a carruagem da rainha! — Rosamund exigiu, e dez guardas saltaram para obedecê-la.

— Não — Elsabet gritou para eles. — Mudei de ideia. Não quero a carruagem. Quero um cavalo. E cavalos para a comandante e para Bess.

— Elsabet. — Gilbert a alcançou e a puxou pelo cotovelo. — Você está bem?

— Estou bem, Gilbert. Só vou tomar um ar no mercado perto do rio.

Ele franziu a testa. O Conselho Negro não gostava que a rainha frequentasse os mercados como uma plebeia. Mas era exatamente por isso que ela o fazia: para ser como seu povo, para estar entre eles. Para se misturar com eles e ouvir seus problemas em primeira mão. E hoje, isso a afastaria de William e sua garota, então que o conselho reclame. Aparentemente, ela nunca conseguia agradá-los, de qualquer forma.

Sonia Beaulin apareceu na porta e ergueu o queixo.

— O mercado do rio? — Ela fungou e se virou para Rosamund. — Você não deveria levar a rainha até lá com tão poucos soldados.

— Eu conheço bem o lugar, Beaulin — Rosamund respondeu. — Esses poucos soldados são proteção suficiente...

— Perdoe-me se não confio no discernimento de uma Antere.

Rosamund deu um passo à frente. Sonia também, embora Rosamund fosse uma cabeça mais alta que ela.

— Chega, chega. — Gilbert as separou. — Você parecem cachorros, as duas. Rosnando e latindo, com as orelhas sempre para cima. Nós deveríamos ter indicado uma naturalista para o Conselho Negro, para controlar vocês duas.

— Obrigada, Gilbert — a rainha disse e começou a andar antes que mais alguém pudesse fazer alguma objeção. — Eu volto logo.

Depois que a rainha saiu com seus acompanhantes, Sonia voltou para a sala do trono e foi até sua amiga, a envenenadora Francesca Arron.

— Essa é a primeira vez que ela condenou o comportamento de William em público — ela disse. Então fez um som de desdém. — Olhe

para ele. Quão triste esse rosto bonito parece. Ele não vai ter coragem de ir para a cama de uma estranha esta noite.

— Talvez amanhã — Francesca respondeu. Mas ela não estava sequer olhando para o rei consorte. Estava observando as pessoas reunidas ali, vendo-as cochichar. Registrando a surpresa em seus rostos com a pequena crise de sua rainha, normalmente tão composta. Sem dúvida, Francesca encontraria uma forma de usar o falatório a seu favor. Os Arron eram assim.

— Expulse a garota da corte por uma temporada — Francesca disse.
— E tenha certeza de ser vista quando fizer isso. A rainha apreciará o favor.

INDRID DOWN

Quando Elsabet chegou ao mercado do rio, o galope de seu cavalo havia quase expulsado os sentimentos de ciúmes e vergonha. A audácia de William, exibindo sua conquista bem na frente dela. E como ela havia sido tola, sucumbindo a um ataque tão vergonhoso. As pessoas falariam agora, Elsabet pensou enquanto desmontava. Mas deixe que falem. Eles já vinham falando há meses. Deixe que vejam que ela não aceitaria esse comportamento. Deixe que falem sobre isso.

Ela respirou fundo enquanto Bess desmontava e ela e Rosamund se posicionavam ao seu lado. O mercado do rio era seu favorito no verão, já que era mais fresco, menos cheio que o do Porto de Bardon e com menos cheiro de peixe. Hoje ele estava agitado, as barracas repletas de mercadores vendendo carnes frescas e secas, tecidos recentemente tingidos, joias e qualquer bugiganga que alguém pudesse querer. Eles sorriam e tiravam seus chapéus para a rainha, e ela sorria de volta. Eles não haviam presenciado sua vergonha. E ela decidiu que seu comportamento no mercado seria tão despreocupado que nenhum deles acreditaria na fofoca que ouviriam mais tarde.

Elas pararam na barraca de um naturalista e observaram um homem amadurecendo morangos na palma da mão. Elsabet comprou uma cesta.

— Para tortas — ele sugeriu quando pegou suas moedas.

— Uma dádiva forte para um homem, amadurecer essas frutas com um toque — Rosamund comentou enquanto caminhavam. — Ele deve ser

um Travers. — Os Travers eram a família naturalista mais forte da ilha. A maioria das frutas e verduras que chegavam ao Volroy era cultivada e amadurecida por eles em sua cidade, Sealhead, na costa sudoeste da ilha, já que seus vegetais eram os melhores.

Bess esticou o pescoço para olhar melhor o naturalista. Ela sempre ficava curiosa com aqueles que tinham dádivas fortes, já que ela própria não tinha nenhuma. À direita, uma mulher as chamou e ofereceu uma taça de vinho gelado para a rainha, e Rosamund quase a arrancou de sua mão. Bess pagou a mulher e a agradeceu, olhando feio para Rosamund.

— Vocês, com a dádiva da guerra — ela resmungou. — Tudo é uma ameaça para vocês. Tudo é um desafio.

— Você gostaria que eu fosse menos vigilante a respeito da segurança de nossa rainha?

Bess pousou a mão no braço de Elsabet.

— Quem pensaria em machucar a rainha? Mas claro que não. Só gostaria que você se irritasse menos. Pare de procurar uma batalha. Das últimas três rainhas, duas foram guerreiras, e agora não há nenhum rei por perto que pense em nos atacar. Se algum tentasse, ele sabe o que encontraria: guerreiras com a dádiva forte cujas flechas nunca erram. E que recebem bem a morte. — Ela tocou o queixo de Rosamund, que a afastou com uma careta.

— Nós não recebemos bem a morte. Nós apenas sabemos que dificilmente a encontraremos.

Elas caminharam por uma fileira onde dois homens discutiam o preço de tecidos belamente coloridos, e Elsabet correu a mão pelo tecido pendurado.

— Eu também gostaria que você procurasse menos batalhas, Rosamund — ela disse. — Pelo menos com os membros do Conselho Negro. — Ela olhou com dureza para sua comandante para ter certeza de que seria compreendida. Rosamund e Sonia Beaulin quase sempre se enfrentavam. No palácio, Gilbert dissera que elas eram como cachorros. Mas elas eram mais como lobos. Duas matilhas de lobos: os Beaulin e os Antere, e se qualquer coisa de fato começasse entre elas, terminaria em sangue. Quando Elsabet foi coroada, pensou que acalmaria as duas famílias ao apontar Sonia para o Conselho Negro e Rosamund como Comandante da Guarda, mas agora parecia que ela tinha cometido um

erro, e que cada uma delas preferia o outro cargo. Mas como ter certeza? Talvez fosse o destino delas estarem sempre se estranhando, sem nunca haver paz entre as duas.

— Vou tentar, Rainha Elsabet.

— Bom. — Ela entrelaçou os braços com os de suas amigas. — Todas nós devemos tentar ser um exemplo para o povo. E a reputação de vocês já é assustadora o suficiente. Eles ainda dizem que você pinta seu cabelo de vermelho com raiz de garança para que ele pareça sangue.

— Há! — Bess exclamou e cobriu a boca.

— Mas nem sempre precisamos ser bons exemplos. — Rosamund baixou a voz e cutucou Elsabet com o cotovelo. — Não com aqueles que amamos. Nós notamos que você anda perturbada.

— E eu pensei que fosse boa em disfarçar. — Elsabet suspirou. Bess e Rosamund eram suas melhores amigas. Era até mais próxima delas do que de Gilbert, que ela via como um irmão. Bess estava com ela desde que as duas eram meninas e a mãe de Bess trabalhava para a família Lermont, em Sunpool. Elsabet e Rosamund ficaram mais próximas no Ano da Ascensão, e Elsabet gostou da soldada rigorosa imediatamente. Se ela não pudesse confiar nelas, não poderia confiar em ninguém.

— Vocês sabem que dizem que não estou bem — ela disse em voz baixa.

— As pessoas temem que você não esteja bem — Bess corrigiu, embora, para Elsabet, não parecesse haver muita diferença. — É por isso que comentam. Porque se preocupam.

— Eu acho que elas estão certas.

— Certas? — Rosamund se virou subitamente para a rainha e a olhou de cima a baixo. — Qual o problema? O que te aflige?

Elsabet sorriu.

— Nada que você possa ver de fora.

— É sobre o canalha do seu rei consorte? Deixe-me bater nele. Eu não vou deixar marcas.

— Rosamund! — Bess exclamou, e a comandante ficou quieta. — Diga, Elsabet.

— Acho que minha dádiva está enfraquecendo — Elsabet disse, indiferente. E ali estava. Seu medo secreto, alimentado por quase um ano. Um ano de visões cada vez mais fracas, e cada vez mais tosses e dores de

cabeça. — Eu não tenho uma visão e nem sinto nenhum toque da visão há um bom tempo.

Rosamund e Bess se entreolharam, sérias, seus passos desacelerando no meio do mercado agitado. Elsabet as sacudiu com gentileza pelos cotovelos. Ela não deveria ter contado isso naquele lugar. Elas vão chamar a atenção com sua tristeza.

— Há quanto tempo? — Bess perguntou.

— Meses. Muitos, muitos meses. — Ela não mencionou o estranho sonho que teve depois de falar com a lua em sua janela. O sonho do garoto com os dedos sujos de tinta. Era apenas um sonho. Nada de mais. — E o que é uma rainha oráculo sem sua dádiva?

— Ela é a Rainha Coroada — Rosamund disse. — E, além disso, como você sabe que sua dádiva enfraqueceu? Ela era forte quando você precisou dela para Ascender. Talvez você não precise dela agora. As pessoas deveriam ficar felizes por você não ter visões. Significa que estão seguros.

— Mas com certeza — Elsabet corou — ela teria me avisado sobre as... andanças de William.

— Por quê? — Bess disparou. — A Deusa não precisa enviar uma visão para algo tão óbvio. — Ela engasgou e colocou a mão sobre a boca. Elsabet ficou boquiaberta, mas então riu. Alto e com vontade, jogando a cabeça para trás e deixando seus grandes dentes à mostra.

— Obrigada, Bess. Isso me faz sentir muito melhor, na verdade.

OS APOSENTOS DA RAINHA

Quando William se esgueirou para o quarto de Elsabet, ela já estava determinada a ficar com raiva. Fria. Talvez até mesmo distraída. Já fazia três dias desde que ela vira William flertando com aquela garota na frente da corte inteira. A princípio, pareceu que ele estava mantendo distância por medo, ou talvez por educação. Mas, conforme os dias foram passando, começou a parecer mais com uma punição. Como se ela devesse procurá-lo e implorar por perdão.

Eu sou a rainha, Elsabet pensou. *Eu sou uma rainha desde que nasci, e não fui criada para implorar.*

Mas era mentira. Assim que ouviu seus passos na porta, ela sabia que cairia de joelhos e imploraria para que ele parasse. Para que ele voltasse. Para que ele a amasse.

Bess o levou para dentro e apertou a mão de Elsabet antes de fazer uma breve mesura e deixá-los sozinhos.

— E então, minha querida? — William perguntou. — Já está na hora da nossa briga terminar?

O rancor na voz dele partiu seu coração. Ele deveria tentar acalmá-la. Pegar sua mão. Não ficar parado, rígido e com um olhar de raiva.

Elsabet inspirou lentamente.

— Você quer ser deixado de lado?

— Isso é uma ameaça?

— Entenda como quiser. Você quer ser deixado de lado? Ser um rei consorte apenas no nome? Eu ficaria feliz em mobiliar uma casa no campo para você. Uma pequena propriedade com boa caça ao redor. Não criarei desculpas para você, mas você pode desaparecer da capital.

William não esperava aquilo. Ele pareceu realmente espantado.

— Desaparecer da capital? Para o campo? E o que meu primo, rei de Centra, pensará disso?

— Ele não pensará nada. Nós ainda estaremos casados. A aliança entre Centra e Fennbirn está firmada por uma geração. — Ela esperou e o observou pensar, forçando-se a permanecer impassível.

— E o que você fará? — ele perguntou. — Quando eu for embora?

— Eu farei o que quiser. Eu sou a rainha. — Ela era a Rainha Coroada, a encarnação da Deusa na Terra. E, ainda assim, isso não era o suficiente para fazê-lo olhar para ela como olhava para a garota bonita na sala do trono.

Enquanto ela permanecia parada, em silêncio, William começou a se mexer, e sua postura perdeu a rigidez.

— Mas... e as trigêmeas? As novas rainhas.

— Você visitará meu leito a cada Beltane. — Elsabet engoliu em seco. — É sua tarefa sagrada.

Ele esfregou as mãos no rosto e, quando a rigidez desapareceu, deu um passo para a frente e agarrou os pulsos dela.

— Elsabet. Querida. Chegamos a esse ponto, então? Por uma coisa tão pequena?

— Você me envergonha na frente de minha corte. Não é uma coisa pequena.

— Eu sei. — Ele beijou seu rosto. — Eu sei, você está certa. Eu não pensei. Eu me deixei levar. — Ele beijou seu pescoço, suas mãos, seus lábios. Usou o poder que tinha para diminuir sua determinação até que os braços de Elsabet estivessem ao redor dele, seu vestido levantado até a cintura. Então, ele a levou para a cama.

SOLSTÍCIO DE VERÃO

Com o Solstício de Verão se aproximando, a capital se tornou um lugar agitado e jovial enquanto a coroa e os cidadãos se preparavam para celebrar o festival. Elsabet queria abrir as portas do Volroy e realizar o banquete no pátio, em vez de fazê-lo na praça de Indrid Down. Seria aberto para o povo e para as famílias ricas, com dádivas fortes. Uma demonstração de unidade e paz após décadas de guerras e ataques. Claro que o Conselho Negro se opunha.

— A santidade do castelo seria violada, e sua própria segurança seria impossível de ser garantida. — Sonia Beaulin franziu o rosto. Ela não disse diretamente que a rainha era uma tola, mas sua expressão exasperada tornava seus sentimentos claros.

— Rosamund cuidará de minha segurança.

— Rosamund Antere tem uma dádiva fraca em relação à estratégia. Ela gerencia a Guarda Real com a competência de uma criança.

Ao lado de Sonia, na câmara do Conselho Negro, a elemental Catherine Howe puxou sua manga.

— Você sabe que ela pode te ouvir. Ela está ali fora.

— Como se eu me importasse! — Sonia bateu os punhos na mesa, fazendo-a balançar por inteiro.

Elsabet fez uma careta. Doce Catherine, tão suave e calma para uma elemental, mas que entendia tão pouco das dádivas alheias. Suas intenções eram boas, mas ela piorava as coisas com frequência.

— Realizar o festival no Volroy também permitirá que as pessoas vejam de perto a construção das torres. Eu posso anunciar que a Torre Oeste está quase pronta. E contar a história do prédio mais uma vez, para que eles se lembrem de que não fui eu que encomendei um castelo tão caro. Ouvi muitas reclamações nas vezes em que passei pelos mercados. Eles pensam que estou os levando à falência.

— Que absurdo — Gilbert disse, afastando seu cabelo fino e amarelo da testa. — O fluxo de materiais tem sido estável desde antes de termos nascido.

— Eu sei e você sabe, mas as pessoas esquecem.

— O povo está inquieto — Sonia murmurou. — Estão há tempo demais sem guerras e saques. Eles estão procurando coisas para reclamar.

Elsabet contraiu os lábios. Eles não estavam chegando a lugar nenhum.

— Ouvi suas objeções ao banquete e vou considerá-las. Mas o Solstício de Verão acontecerá em duas semanas, e é melhor começarmos a preparar o castelo. — Ela se afastou da mesa do conselho e ignorou as expressões amargas enquanto caminhava até o Jardim Negro para uma tarde de jogos e tranquilidade.

Rosamund abriu a porta com força, seu rosto parecendo uma nuvem de tempestade, e se curvou quando Elsabet passou. Sua reverência era boa, uma das mãos escondida na dobra da capa e, se a rainha não estivesse procurando por ela, não teria visto o cabo da adaga de Rosamund.

— Caminhe comigo, Rosamund — ela disse, arrastando-a consigo. — E guarde esta faca. Não vou deixar você retalhar Sonia Beaulin hoje, não importa o que ela tenha dito.

Elas chegaram ao Jardim Negro sem incidentes, e se espalharam pela grama, onde mesas haviam sido arrumadas com comida e bebida. William já estava lá, e cumprimentou Elsabet com um beijo no rosto. Ele andava atencioso desde a reconciliação. Foi até a cama dela todas as noites durante a primeira semana depois do ocorrido, e até a surpreendeu nos corredores do castelo, apoiando-a em alguma tapeçaria e atormentando-a com beijos até que ela não conseguisse mais pensar. Mas seu ardor passou, como ela sabia que aconteceria. Como deveria acontecer. Ela suspeitava que ele estava se esgueirando com garotas da capital de novo. Com certeza

estava flertando de novo. Mas pelo menos William controlava seus impulsos quando ela estava por perto, assistindo.

A rainha se sentou com Gilbert em uma mesa na sombra, e Bess serviu vinho gelado a eles. Elsabet deu um gole e quase o cuspiu. Ele tinha sido misturado com o tônico amargo de Gilbert.

— Blergh.

— Desculpe, minha rainha. Foi uma ordem de Gilbert.

Elsabet deu um tapinha na mão de seu irmão adotivo.

— E eu aprecio o gesto. Mas já tomei uma dose do tônico no café da manhã. Então agora, Bess, eu quero vinho puro, com um pouco de água.

— Sim, Rainha Elsabet. — Bess fez uma mesura. Gilbert franziu a testa, mas não discutiu.

— Alguns súditos vieram — Bess disse enquanto servia a bebida. — Eu acho que eles esperavam que você recebesse petições durante a tarde.

— Quantos?

— Só alguns. Nenhum com problemas sérios. É quase tudo sobre o festival. Um padeiro com amostras para o banquete. Um pintor.

— Traga-os aqui, então. — Elsabet apontou para o canto do jardim, onde várias figuras se escondiam nas sombras. — De qualquer forma, todo o Conselho Negro está aqui.

Ela estava parcialmente prestando atenção quando o garoto deu um passo à frente e se curvou. Não havia nada de notável nele. Nada que chamasse atenção. Foi só quando Francesca Arron leu sua petição que Elsabet olhou para ele de verdade. E então não conseguia mais parar de olhar.

Era o jovem de seu sonho. Desde o cabelo loiro-escuro bagunçado até as manchas de tinta nos dedos. Ele era real. Elsabet ainda conseguia ouvir o som exato de sua voz naquela noite, quando ela o ouviu dizendo seu nome.

— Rainha Elsabet, esse é Jonathan Denton. Um aprendiz de pintor estudando com um mestre de Prynn. — Francesca parou para olhá-lo melhor. Prynn era a cidade dos envenenadores. Sem dúvida ela estava tentando descobrir se o conhecia ou se ele tinha algum sangue Arron. — Explique sua questão para a rainha.

— Rainha Elsabet — o jovem disse, e ela quase engasgou. — Eu gostaria de pintar seu retrato. Para o Solstício de Verão.

Ela não respondeu.

— A rainha não quer ter seu retrato pintado — Francesca disse. — Ela foi obrigada a posar para um quando foi coroada. Não vejo razão para submetê-la a isso de novo, não tão cedo, pelo menos.

— Eu... — Jonathan Denton hesitou. — Eu trabalho muito rápido.

— Obrigada. Mas nós não pagaremos por outro retrato só para que um jovem aprendiz possa ganhar renome.

Jonathan ficou boquiaberto. Ele fez que sim com a cabeça e se curvou novamente, olhando para os olhos arregalados da rainha, indefeso.

— Obrigado, minha rainha — ele disse e se virou para partir.

— Espere! — Elsabet quase se levantou da cadeira. Francesca Arron lançou um olhar cortante para ela. — Vou posar para esse pintor. Um retrato do primeiro Solstício de Verão realizado dentro do castelo seria uma bela obra para as paredes da Torre.

O VOLROY

Elsabet realmente odiava posar para retratos. Seu rosto tinha tremido durante quase todo o tempo em que posou pela primeira vez, e ela odiou o resultado final, mesmo que o artista tivesse sido gentil e pintado suas bochechas de forma suave, amenizado a linha de seu maxilar e diminuído o calombo do seu nariz. Então, ela não sabia o que estava fazendo quando se encontrou com o pintor Jonathan Denton no pátio ensolarado que se abria no lado oeste do Volroy. Ela só sabia que o tinha visto em um sonho, e estava determinada a descobrir o motivo.

— Rainha Elsabet. — Ele se aproximou o máximo que ousava e fez uma medida. — Estou honrado por você posar para mim. Prometo que o retrato ficará exatamente como deseja. Dizem que minhas pinturas de construções são muito boas. O Volroy será um belo pano de fundo, com você sentada no primeiro plano. Ou talvez...

— Assim está bom.

Ele arrumou uma cadeira e ela se sentou, ficando pacientemente parada enquanto ele ajustava o caimento de seu vestido e até tocava seu rosto, movendo-a para um lado e para o outro para que a luz batesse melhor.

— Quanto tempo vai demorar?

— Não muito. — Ele sorriu, um pouco tímido. — Se você ficar parada.

— Eu posso falar?

— Claro! Eu... vou avisar quando chegar a hora de trabalhar na sua... expressão.

Ela o observou enquanto ele trabalhava, arrumando pincéis, retalhos e tinta.

— Você parece nervoso.

— Eu estou nervoso.

— Mas você foi ousado o suficiente para vir até a rainha e pedir para pintar um retrato para uma ocasião especial.

Ele sorriu de novo, com mais facilidade desta vez.

— Eu acho que sou ousado pela minha arte.

Elsabet suspirou. Seu julgamento a respeito dele permanecia o mesmo. Não havia nada de extraordinário no garoto. Ele tinha altura e constituições medianas. Da idade dela ou talvez alguns anos mais jovem. Ela poderia ter se enganado? Sua lembrança do sonho era falha? Ou talvez o sonho tenha sido apenas um sonho. Talvez ela o tivesse visto antes em algum lugar, no mercado ou na praça, e sua mente havia simplesmente conjurado o rosto de sua memória, sem nenhuma razão.

Mas o sonho havia sido tão vívido. E ela não costumava sonhar com estranhos.

— Jonathan Denton — ela disse. — Entretenha-me enquanto trabalha. Conte-me algo sobre você.

— O que quer saber?

— Qualquer coisa. O que você normalmente conta a alguém que acabou de conhecer. Eu nunca ouvi falar da família Denton — ela disse quando ele pareceu confuso. — Você é um aprendiz em Prynn, mas você é de lá? Tem uma dádiva de envenenador?

— Eu sou. E nós temos, embora eu não fique surpreso por você não ter ouvido falar de nós. Parece que os Arron são os únicos envenenadores que as pessoas conhecem.

— É porque toda linha de envenenadores tem o sangue deles, ou é isso que eles dizem.

— É verdade. — Jonathan levantou o pincel. — Todo envenenador em Indrid Down tem um pouco de Arron. Mas eu não tenho muito. Meu cabelo não é loiro o suficiente.

Ela riu e olhou para suas roupas: calça e túnica cinza-escuro. O tecido era de boa qualidade e o traje era bem-feito, mas era simples e não havia

detalhes de pele. Era provavelmente o melhor que ele tinha, usado especialmente para a ocasião, para estar no Volroy. Ele se endireitou e estudou o rosto dela tão intensamente que ela corou.

— Há algum — ela começou e pigarreou — lugar para onde você prefere que eu olhe?

— Não, eu... Desculpe. Eu estava encarando. É desconcertante estar tão perto da rainha oráculo.

— Sim. Minha coroa cega as pessoas para os meus defeitos. Talvez ela cegue seu olho de pintor e meu retrato saia maravilhoso. — Ele olhou para baixo e ela se sentiu culpada. O que ele poderia responder? Elogiá-la e dizer que ela era linda? — Uma rainha oráculo é uma rainha como qualquer outra. Não se preocupe, eu não consigo espiar seu coração e descobrir seus segredos.

— Que alívio. Devo admitir que não sei nada sobre a dádiva da visão. Eu nunca fui a Sunpool, e a dádiva é muito rara fora de lá.

— Não há vergonha nisso. Ser um envenenador também é um mistério para mim. Todas as dádivas são impossíveis de compreender por aqueles que não as tem. Você pode me fazer perguntas, se quiser.

Ele parou enquanto preparava a tela e pensou.

— Você sempre soube que ganharia a coroa?

— Sim. Assim que a Ascensão começou, depois do Beltane, eu já havia tido uma visão forte e nítida.

— Da morte das suas irmãs?

— De mim mesma. Caminhando pelos quartos da Torre Oeste finalizada. — Ela olhou para cima, para o Volroy, seu pescoço esticado. Ela conhecia a silhueta bem o suficiente para vê-la de olhos fechados, onde a torre inacabada terminava e quais pedras se abriam como um sorriso banguela.

— Deve ter sido reconfortante.

— Foi. E não foi. A dádiva da visão traz muitas coisas, mas eu não diria que conforto é uma delas. Visões podem ser mal-interpretadas. Elas podem ser inevitáveis, ou podem ser um aviso.

Jonathan ficou em silêncio por um momento enquanto suas mãos se moviam pela tela, fazendo pequenas marcas. Seus movimentos eram certos e confiantes para um aprendiz. Elsabet observou seus olhos

ficarem distantes, estudando o Volroy, e focados, quando ele olhou para ela e seu vestido de novo.

— Eu gostaria que este fosse um retrato alegre — ela disse. — Uma celebração do Solstício de Verão. Nada muito sombrio.

— Se você quer que ele seja alegre, então precisará sorrir. — Ele levantou as sobrancelhas e riu. — Ou talvez eu possa simplesmente imaginar como isso seria. — Ele enfiou um dos pincéis entre os dentes e atacou a tela com traços amplos e secos. Então, colocou-os de lado e deu um passo para trás. — Depois que você estiver ajustada no primeiro plano, vou adicionar coisas ao seu redor. Cestas de frutas e legumes de verão. Eu faço um ótimo conjunto de alegres cães de caça.

Elsabet riu.

— Você vai me tornar uma naturalista.

— Não se preocupe. Não há como ignorar uma rainha oráculo em um retrato. Não com a aura escura em volta de sua cabeça. — A aura escura. Era a forma tradicional de representar a dádiva da visão nas pinturas. Quanto mais forte a dádiva, mais escura a aura. No retrato de uma rainha, ela deveria ser tão escura que pareceria uma esfera negra flutuando logo acima da coroa.

— Malabaristas, então, e a mesa do banquete. Eu prometo que farei parecer uma ocasião muito alegre.

— Então você deve vir ao banquete conosco — ela disse. — Para que possa fazer uma representação fiel.

Jonathan corou e Elsabet desviou o olhar. Ela queria conhecê-lo, descobrir por que ele havia aparecido em seu sonho. Em vez disso, era apenas ela que estava falando. Falando mais do que havia falado com qualquer um nos últimos anos, exceto por Rosamund ou Bess.

— E então? — ela perguntou. — O que você diz?

— Para um convite da rainha? — Ele sorriu, uma expressão confusa e feliz no rosto. — Eu dificilmente poderia recusar.

INDRID DOWN

A casa que os Arron mantinham na capital ficava no lado norte, ativa e feita de madeira escura. Havia sido construída no topo de uma pequena colina, e na parte de trás havia um pequeno jardim cheio de veneno. Lá, as plantas recebiam o melhor sol da manhã e as melhores brisas vindas do norte do porto, antes que o vento chegasse ao mercado e começasse a feder a comidas e pessoas. Infelizmente, para Gilbert, também era a casa do conselho que ficava mais longe do castelo, e ao chegar lá, em um dia quente de verão, o topo de sua testa estava brilhando de suor.

— Eu não sei por que vocês não se mudam para um dos sobrados da Rua Principal — ele disse quando Francesca o recebeu no jardim.

— Eu não sei por que você não vem a cavalo — ela respondeu, dando-lhe um beijo no rosto.

— Eu já disse, não gosto de cavalos. E o animal seria visto amarrado na frente da sua casa vezes demais.

Francesca riu.

— O animal era visto na minha casa por vezes o suficiente quando você chegou na capital. — Ela deslizou a mão por baixo da túnica dele e apertou, fazendo-o sorrir e corar. O caso deles havia sido doce, mas breve. Havia terminado há anos. Francesca ficara de olho nele no momento em que Gilbert desceu da carruagem, atrás da nova rainha. Seduzi-lo tinha sido fácil; ele nunca havia estado com uma garota tão bonita quanto Francesca Arron. Por quase dois meses, ela escutara seus problemas com a

cabeça do rapaz descansando em seu peito. Apenas o tempo necessário para descobrir suas vulnerabilidades. E como explorar seus desejos mais obscuros.

Francesca jogou sua trança longa e clara por cima do ombro enquanto Gilbert a seguia até uma mesa de pedras, desviando das plantas.

— Podemos entrar? Sinto como se pudesse morrer só por respirar fundo neste jardim.

— Nós não mantemos esse tipo de veneno aqui. — Ela se inclinou para terminar a carta que estava escrevendo. — Desde que você não coma e não role em nada, vai ficar bem.

— Sem rolar em nada — ele murmurou e puxou suas mangas. — O que é aquilo? — Ele apontou para uma pequena pedra coberta de videiras, dentro de uma pequena caixa de ferro. — Nunca tinha visto aquilo.

Francesca olhou para onde ele apontava.

— É uma lápide, óbvio. Normalmente fica tampada pelas plantas não podadas.

Gilbert se aproximou, curvando-se para ler a inscrição. Lápides eram raras na ilha, já que a maioria dos corpos era queimada em uma fogueira e suas cinzas espalhadas. As famílias mantinham mortalhas como lembranças, ou placas, ou tijolos entalhados, mas um túmulo de verdade era algo curiosamente incomum. Claro que Gilbert o encontraria, com essa estranha manifestação de sua dádiva da visão.

— Só tem o ano gravado. Quem é?

— Uma criança de muito tempo atrás — Francesca respondeu. — Ela tinha a maldição da legião e foi sacrificada no templo daqui quando tinha nove anos. Coitada. Existem poucas mortes indolores para um envenenador. Há poucas opções misericordiosas quando veneno não é uma delas. — Ela entregou sua carta a uma criada, junto com sua tinta e pena, então suspirou, olhando para o túmulo. — Ela foi decapitada — ela disse, e Gilbert fez uma careta. — A família quis que fosse enterrada aqui, sem ser queimada, e a trouxeram com a cabeça em seu peito, como se fosse uma cesta.

— Decapitação é algo cruel para uma criança — ele concordou. — Mas, ainda assim, é muito mais gentil do que deixá-la crescer com a maldição e enlouquecer.

— Certamente. — Ela esfregou um pouco da tinta entre os dedos, então bateu palma. Com um movimento do pulso, um pequeno frasco apareceu em sua mão. — Eu fiz mais forte dessa vez.

— Mais forte? Por quê?

— Por quê? Como você ainda pergunta o porquê? Você esteve nas reuniões do Conselho Negro. Esteve na corte. Ela ainda não nos escuta. Ainda não aceita orientação de seus conselheiros.

Ele fechou o punho em volta do frasco. Francesca podia ver que ele queria jogá-lo fora. Mas não o faria. Por mais que Gilbert amasse a rainha, ele sabia que seu espírito livre às vezes entrava em conflito com a tradição. E, além disso, ele jamais iria contra Francesca. Não depois de ela ter usado seus venenos para enfraquecer a irmã mais velha dele, garantindo sua posição no conselho.

— É seguro?

Francesca ficou boquiaberta, seus grandes olhos azuis refletindo a ofensa.

— Como você pode me perguntar isso? É claro que é seguro. Uma dádiva forte deixou a rainha confiante demais em si mesma. Certa demais de que sabe o que é melhor. Com sua dádiva silenciada, ela aprenderá a confiar nos amigos. Na verdade, é para o bem dela.

— Isso não é sequer culpa da rainha. A Deusa lhe deu a visão para colocá-la no trono. E agora nós brincamos com isso como se não fosse algo sagrado. Nós podemos estar nos deixando vulneráveis a ataques!

Francesca estalou a língua.

— Ainda temos sua dádiva da visão.

— Minha dádiva não é igual à da rainha.

— Mas é suficiente, por enquanto. — Ela pressionou o frasco na mão dele com mais força, abaixando-a até sua bolsa para escondê-lo.

— Não é para sempre — ele disse, virando-se para partir.

Não é para sempre. Só até ela aprender a confiar em seu conselho. E, particularmente, em Francesca. Ela passou a língua pelos dentes e deu um gole em uma taça de vinho de maio sem açúcar. Envenenar a rainha, mesmo que de forma não letal, era um jogo muito perigoso. E ela estava confiando no coração mole de Gilbert Lermont. Com uma das mãos, Francesca segurava a dádiva da rainha, como se estivesse embaixo d'água. Com a outra, ela despertava inquietude e a dirigia contra a rainha,

incentivando a inveja de guerreira de Sonia Beaulin e sussurrando sobre os custos excessivos da construção do castelo. Mas, mesmo assim, Elsabet não a nomeara chefe do conselho. Mesmo assim, esse lugar permanecia vago. E Francesca estava ficando sem alternativas.

Assim que esse pensamento cruzou sua mente, mais duas mãos circularam sua cintura por trás. Ela sorriu quando o rei consorte mordiscou sua orelha.

— Aí está você, minha beldade — ele disse. — O que aquele molenga queria?

— Não ligue para ele. — Ela se virou nos braços dele e o beijou. — Mas foi bom ele não ter te visto. Você deve voltar logo para o Volroy, antes que ela mande soldados atrás de você. — Não que os soldados fossem pensar em procurar na casa dos Arron, mas ela não queria abusar da sorte. O rei consorte vinha passando cada vez mais noites e tardes ali. Até demais. E mesmo depois de longas horas na cama de Francesca, ele nunca parecia querer partir.

— Se eu fosse livre, nunca voltaria para ela — William disse, seu olhar amargo e distante. — Não para uma mulher que teve a coragem de me humilhar perante a corte. Que me colocou de joelhos e me fez implorar e me esforçar para voltar a sua cama! Como se fosse um lugar em que quero estar.

A parte leal de Francesca estremeceu com a frieza de suas palavras. Ele não deveria falar da rainha desse modo. Nem mesmo de uma rainha tão tola quanto Elsabet. Mas, por fora, ela sorriu e tocou seu rosto.

— Tente não irritá-la. Nós precisamos do seu encanto para iluminar a corte.

— Meu encanto é o que a irrita, para começo de conversa. Eu não posso prestar atenção em nenhuma garota ou Elsabet cospe fogo. Isso é passado, de qualquer forma. Se eu tiver você na minha cama, não preciso de outras.

— Não. — Francesca se soltou do abraço de William gentilmente, mas com firmeza, e virou as costas para ele. — Você precisa mais ainda das outras. Precisa espalhar sua atenção como nunca antes, para evitar que qualquer suspeita recaia sobre nós.

— É claro.

Francesca sorriu. O rei consorte era a maior fraqueza de Elsabet. Deixe que ele flerte bem debaixo de seu nariz. Deixe que ele a enlouqueça com isso. William poderia ser a distração que Francesca estava procurando, e com a rainha focada em manter seu marido no lugar, ela estaria ocupada demais para interferir no Conselho Negro.

O FESTIVAL DO SOLSTÍCIO DE VERÃO

A Rainha Elsabet comandou as festividades do Solstício de Verão do alto de um trono colocado no pátio. Foi a única concessão que ela fez ao Conselho Negro: manter-se no alto, longe da multidão alegre e festiva. Mas, mesmo que tivesse sido a única, ela queria ter insistido mais. Ela não queria ser vista tão no alto, tão isolada. Elsabet queria se misturar com seus súditos em tempos de paz.

— Acorde!

Elsabet e Bess deram um salto com o grito de Rosamund. Ela estava berrando com uma das guardas parada logo atrás delas.

— Eu estava acordada, Comandante — a soldada disse, e o som que elas ouviram em seguida foi o de Rosamund dando um tapa na parte de trás da cabeça da garota.

— Não o suficiente. Troque com alguém se não consegue se manter alerta. Hoje, de todos os dias, quando a rainha está cercada de estranhos.

Com os dentes expostos e rangendo, Rosamund apareceu no campo de visão delas e Elsabet e Bess se impressionaram com outra coisa: a Comandante da Guarda tinha fitas douradas e prateadas trançadas no cabelo.

— Rosamund! — Bess exclamou. — Você está linda!

— Obrigada. — Rosamund se endireitou, seu humor mudando rapidamente. — Mas nunca tão linda quanto você, Bess.

Bess riu, igualmente linda em um vestido verde-escuro. Às vezes, Elsabet pensava que deveria arrumar amigas novas, menos bonitas. Ficar sempre ao lado de Bess e Rosamund certamente não a ajudava em nada.

— Você deve estar de olho em alguém nesse Solstício. — Bess escaneou a multidão em busca de alguém que pudesse estar observando Rosamund com interesse particular, mas quase todos estavam. Nunca faltavam admiradores a Rosamund. — Agora é sério? Poderia ser um marido? Ou uma mulher-adaga?

— Não vou me comprometer até que meu trabalho para a rainha termine. Não consigo imaginar cuidar dessas soldadas lentas e dos meus pequenos ao mesmo tempo. — Ela suspirou. — Embora, às vezes, eu deseje dedinhos macios se enrolando nos meus. E a dor do parto!

Elsabet riu.

— Só uma guerreira diria isso.

— Eu queria ter a dádiva da guerra — Bess disse. — Para não ter tanto medo disso.

Rosamund riu e se virou parcialmente para a soldada que ela havia acabado de chamar a atenção por cochilar.

— Você achou que eu estava brincando? Troque! E fique fora da minha vista pelo resto do mês.

— Sim, Comandante.

Elsabet deu um sorriso simpático para a garota quando ela se curvou, depois a observou descer os degraus tristemente.

— Você sabe que elas gostariam mais de mim se você tentasse ser mais branda, Rosamund.

— Gostariam. E se eu as comprasse com luxos, como Sonia Beaulin. Beaulin pensa que isso é um concurso de popularidade, mas eu não preciso de favores. Essa aqui é sua guarda privada. Elas não são simples soldadas, são as melhores das melhores! Eu espero isso, e as tratarei assim.

— Mesmo em um dia de festival, quando eu não corro perigo?

— Para uma soldada da guarda real, sempre há perigo. E quanto a festivais, eu tenho uma tabela cuidadosa. Essa garota serviu no Solstício de Verão deste ano para que não tenha que servir ano que vem, e nunca em dois grandes festivais seguidos. — Rosamund se endireitou. — Eu não sou imprudente. E não gosto que você me questione na frente das soldadas.

Bess arregalou os olhos, mas Elsabet apenas riu.

— Uma rainha pode questionar o que quiser. Mas sinto muito, minha amiga. Eu deveria ter pensado melhor.

Ela voltou a atenção para a celebração, onde os naturalistas haviam começado a cuidar de sua parte da festa – a melhor parte: peixes pescados com suas dádivas e um adorável javali assado, cercado de maçãs tão brilhantes que pareciam ter sido polidas. Gilbert estava organizando quais pratos chegariam a ela em qual ordem, sacudindo os braços no ar.

Mas o olhar da rainha não se demorou em Gilbert. Ela estava procurando alguém.

Bess se inclinou para a frente.

— Quem você está procurando? — Não poderia ser o rei consorte. Ele não tinha saído da vista dela o dia todo, depois de terem entrado solenemente de braços dados e ele, no mesmo instante, ter escapado para, ao que parece, flertar com todas as meninas bonitas do lugar. Vê-lo enchia Elsabet de raiva e vergonha. Então, ela havia decidido ignorá-lo.

— Estou procurando alguém que convidei.

— Pessoalmente? — Rosamund perguntou.

— O pintor. Jonathan Denton. — Mas ela não o viu. Talvez ele só tivesse sido educado ao aceitar o convite. Talvez ela o tivesse assustado. Honestamente, ela não sabia por que se importava. A rainha pigarreou e olhou para suas amigas para ver se elas tinham notado. Mas, em vez disso, Bess e Rosamund olhavam para a multidão com a testa franzida.

— O que aconteceu?

Bess piscou e forçou um sorriso.

— Não pense nisso, Elsabet. Ele com certeza só... está bêbado.

Elsabet olhou para a multidão. Não demorou muito para encontrá-lo. William. Ele estava com um braço em volta de uma bela garota loira e o outro em uma beldade de cabelos castanhos, seus dedos puxando a alça do vestido dela até quase tocar seu seio. Bêbado, de fato. Era o início da noite, ele provavelmente bebera cerca de oito taças de vinho do festival, nenhum deles aguado. Qualquer que fosse a desculpa, lá estava ele: rindo, beijando seus pescoços e dando a elas os anéis de seus dedos.

— Todos podem ver isso, ouvir isso — Elsabet murmurou, seu rosto esquentando.

— Eu posso mandar uma adaga — Rosamund disse, dando um gole de vinho e quebrando seu próprio voto de sobriedade. — Só para

arranhá-lo um pouco.

— Ignore — Bess disse. — Finja que não está vendo. Ou que não se importa.

Mas já era tarde demais. Os cochichos já se espalhavam, até que praticamente todos os olhos do pátio estavam indo dela para seu rei consorte. E o que eles veriam? Uma rainha fraca que aceita a infidelidade de seu marido bem debaixo de seu nariz?

Elsabet se levantou de repente. Tão de repente que as garotas nos braços de William estremeceram e tentaram fugir. Mas elas não eram o alvo. A rainha esperou enquanto a festa silenciava. Os músicos pararam de tocar e os criados congelaram, parcialmente inclinados sobre as mesas do banquete.

— William. Meu rei consorte. — Ela parou. Esperou que ele se curvasse, como deveria. Como era obrigado a fazer. — Estou cansada dessas festividades. Você subirá aqui e presidirá o Solstício de Verão, como é seu dever sagrado?

— Sim — ele disse e começou a subir na direção dela. Mas, quando se aproximou para um beijo, ela o afastou e caminhou pela multidão, que já estava cochichando novamente. Quando estava diante das garotas que William havia abandonado, ela perdeu o controle e gritou para que saíssem de sua frente, incapaz de aguentar mais um momento de suas expressões cheias de remorso.

— Rainha Elsabet — Rosamund disse. — Para onde podemos acompanhá-la?

Elsabet agarrou o braço dela. A raiva e o ciúme já a abandonavam e, sem eles, ela não conseguia se lembrar para onde queria ir.

E então ela o viu. Sozinho, com um pedaço de pão entre os dedos eternamente manchados de tinta, vestindo as mesmas roupas de quando ela posou para o retrato.

— Ali — ela falou e foi na direção dele. — Jonathan Denton — Elsabet disse quando ele se curvou. — Você viria comigo aos meus aposentos? Gostaria que me atualizasse sobre o andamento do meu retrato para o Solstício de Verão.

— Eu não deveria ter feito aquilo.

Elsabet andava nervosamente pelo seu quarto. Por seus aposentos privados, onde ela e Jonathan estavam completamente sozinhos.

— Você viu os olhares deles? Ouviu os cochichos? Eles têm medo de mim. Pensam que sou volátil.

— Eles reverenciam você. Medo e reverência podem parecer a mesma coisa.

Elsabet sacudiu a cabeça, sem desacelerar seus passos longos e nervosos.

— Você é gentil por dizer isso. Mas essa não é a primeira vez que eles me veem estourar com aquele... aquele...! — Ela rosnou e jogou as mãos para cima. — E eu gritei com aquelas garotas. Como se fosse culpa delas. — E o que eles dirão de você agora, Jonathan? Aqui, sozinho, nos aposentos da rainha?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Deixe que digam o que quiserem. Fico feliz em servir minha rainha como puder.

— Não. Eu não deveria ter colocado você nessa situação. Vou me certificar de que eles saibam que ficamos aqui discutindo meu retrato, nada mais! — Ela fez um gesto vago na direção do corpo dele. — Eu não sou o tipo de rainha que se vinga de infidelidades forçando um pobre jovem a... a...

Ele riu.

— Está tudo bem, minha rainha.

Ela suspirou e foi até sua mesinha de canto para tomar um cálice do tônico de Gilbert, deixado ali naquela manhã. Ver William com as mãos em outra garota tinha lhe dado dor de cabeça.

— O vinho não é bom? — Jonathan perguntou quando ela fez uma careta por conta do amargor do tônico.

— Não é vinho, é um filtro medicinal. Eu estou bem — ela disse antes que o rapaz pudesse perguntar —, mas às vezes tenho dores de cabeça.

Jonathan se aproximou dela, farejando o ar.

— Posso? — ele perguntou, estendendo a mão. — Eu sou um envenenador e, como você sabe, temos uma curiosidade natural a respeito das artes medicinais.

— Ah! Claro.

Ele aproximou o nariz do cálice e aspirou com força, então deu um gole, girando o líquido na língua antes de engolir. Ele ficou em silêncio por um longo momento, encarando o restante da bebida. Então franziu a testa.

— Onde você disse que conseguiu isso?

— Do meu irmão de criação, Gilbert Lermont. Ele tem trazido para mim há meses. Por quê? Você detectou algum ingrediente interessante?

— Não.

— Ou, com seu interesse em medicina, você me recomendaria um tratamento diferente?

Jonathan olhou para ela. Seu olhar estava perturbado.

— Eu recomendaria que você parasse de tomá-lo — ele disse.

Elsabet fez um som de desdém.

— Não seja ridículo. Gilbert me garante que...

— Deixe-me levar uma amostra, pelo menos.

Ele pareceu insistente e ela não viu problema algum, então concordou.

— Pegue o que restou. Eu imagino que, como envenenador, você saberá melhor do que eu.

— Mas com sua dádiva da visão, você certamente sabe de tudo.

Os olhos dela se arregalaram, e o sorriso dele se alargou.

— Se ao menos funcionasse assim... Na verdade, não consigo sequer ver em que cama meu rei consorte passará a noite.

— Ele é um tolo.

Elsabet inclinou a cabeça e Jonathan baixou os olhos.

— Perdoe-me. Eu não deveria ter dito isso.

— O que foi dito está dito. É isso que as pessoas comentam? Elas pensam que ele é um tolo? Ou que eu sou a tola por ter sido seduzida por seu rostinho bonito?

— Eu não ouço muita fofoca sobre a corte, com meu nariz sempre enfiado na tela. A pintura está ficando esplêndida, aliás. Espero poder apresentá-la em algumas semanas.

— Talvez você pudesse me mostrar como está indo.

— Eu gostaria disso. — Seus olhos tomaram uma direção curiosa. — Então você realmente não ouve as fofocas? Eu soube que alguns oráculos podem ouvir os pensamentos dos outros.

— Alguns podem. A dádiva da visão varia e não é bem compreendida. Nós somos muito raros. Mesmo comigo no trono, aqueles com a dádiva

nunca serão tão prolíficos quanto os naturalistas ou elementais. Para que serviríamos? A Deusa sabe bem como balancear suas dádivas. — Ela fez um sinal para que ele se sentasse e o acompanhou, servindo um pouco de vinho aguado para ambos, para tirar o gosto amargo do tônico de Gilbert de suas bocas. — Às vezes a dádiva da visão não passa de identificar pontos frios. Violência e pontos de matança.

— Eu sei disso. Li a respeito. “A morte deixa uma impressão, como uma marca gelada no chão.” — Ele franziu a testa. — É assim para você?

— Não apenas isso, mas, sim. Posso te dizer o lugar quase exato em que cada rainha antes de mim morreu, por cerca de quatro gerações. Os lugares em que minhas irmãs morreram estão como se manchados de sangue. — Ela olhou pela janela. — Quão bom é seu conhecimento de história? Você conhece a Rainha Elo, que cuspiu fogo e queimou uma frota de navios de Selka no Porto de Bardon?

— Conheço. Dizem que ela acabou com a invasão estrangeira de forma impressionante.

Elsabet sorriu. Invasões voltariam sempre que novos reis desejassem deixar sua marca através de conquistas. Mas ela não tinha visto nenhuma durante seu reinado.

— Em alguns dias, eu mal consigo olhar para o porto, dependendo do vento — ela disse suavemente. — Os fantasmas queimados ainda são muito densos.

Jonathan engoliu em seco e seguiu o olhar da rainha como se ele mesmo pudesse vê-los.

— Eu não conto isso para muitas pessoas — Elsabet disse. — Bess sabe. E, às vezes, acho que Rosamund e Sonia, que têm a dádiva da guerra, conseguem sentir. Mas eu nunca disse a elas diretamente.

— Por que não? — ele perguntou. Mas então sacudiu a cabeça. — Perdoe-me. Foi uma pergunta tola. Ver fantasmas e sentir túmulos são capacidades desprezadas até em uma vidente comum. Claro que seria desprezado em uma rainha.

— Espera-se que uma rainha faça grandes profecias. Não que enfraqueça ao passar por túmulos não marcados.

— Bem, eu acho uma habilidade útil, e acompanharia você com prazer em estradas desconhecidas.

Ele levantou o copo para ela e Elsabet riu.

— Sempre que nos vemos, tento descobrir mais sobre você e, em vez disso, revelo mais sobre mim mesma. Você inspira essa franqueza em todos que conhece, Jonathan Denton?

— Sinto muito, minha rainha.

— Não sinta. Só não se torne meu inimigo.

O VOLROY

A rainha Elsabet e Bess caminhavam pelas alamedas de rosas no lado oeste do Volroy. Para qualquer observador, pareceria uma caminhada tranquila: a rainha acompanhando sua amiga enquanto ela podava os arbustos. Mas aqueles que a conheciam bem sabiam que Bess era, com frequência, os olhos e ouvidos da rainha, já que ela própria não podia ser vista observando ou escutando.

— Você precisa de espões melhores — Bess disse em voz baixa. — Todos sabem bem que sou a sua. Ninguém fala nada quando estou por perto.

— Mas em quem mais eu poderia confiar? Apenas em você e Rosamund.

Talvez em Jonathan Denton, um dia. Mas ela não disse isso em voz alta.

— Catherine Howe é leal. E tenho certeza de que a casa dela tem ótimos espões. — Bess colheu uma rosa e esfregou as pétalas sob o nariz de Elsabet. — Há um rumor grande demais para ser escondido.

— Qual?

— De que Jonathan Denton é o novo amante da rainha.

Elsabet riu.

— Novo? Como se tivessem havido outros. — Ela sabia que era isso que as pessoas pensariam. O que ela não previra é o quanto essa ideia a agradaria. — Pobre Jonathan. Ele não terá paz.

— Pobre Jonathan? — Bess sorriu. — Ele voltará ao Volroy em breve?

— Acho que sim. — Ela cutucou o quadril de Bess quando ela riu. — Para me mostrar a pintura.

Elas caminharam juntas em volta do castelo, e dois criados apareceram e se curvaram.

— O que é isso? — Elsabet perguntou, e eles lhe entregaram uma capa longa, formal e macia, feita de um tecido preto reluzente. Fios prateados haviam sido costurados na gola.

— Um presente para a senhora, do rei consorte — um dos garotos disse.

Bess passou os dedos pela gola, seu polegar esfregando a prata.

— É muito bonita.

— Ele me manda presentes em vez de voltar para a minha cama. Ele me manda presentes com uma das mãos enquanto a outra está dentro do espartilho de outra mulher. — Sua raiva voltou rapidamente. Suas palavras tomaram forma em sua mente até que ela pudesse vê-las e ouvi-las, então fechou as mãos em punhos e rasgou a capa.

— Leve-a! Leve isso para longe de mim!

Os criados se curvaram e correram, murmurando desculpas.

— Elsabet. — Bess colocou a mão no braço da rainha.

— Perdoe-me, Bess. Eu não preciso de espiões para saber o que as pessoas falam de mim. E o que elas dirão agora, depois desse novo estouro. — Ela respirou fundo. — Mas eu gostaria de saber onde meu rei consorte tem passado tanto tempo. Você e Rosamund me fariam o favor de descobrir?

Jonathan encontrou Elsabet no último andar da Torre Oeste, enquanto ela falava com o empreiteiro sobre o progresso da construção. Era uma colmeia agitada de atividades, como sempre, o ar repleto de cordas, tijolos e pedras. O menino envenenador desajeitado quase tropeçou duas vezes, e quase foi decapitado por uma tábua. Elsabet mal pôde conter o riso quando o observou pelo canto do olho.

— A obra está indo bem — ele disse quando a alcançou, fazendo uma medida. O rapaz correu a mão por uma das paredes e pelo arco de uma porta, apertando a fechadura com os dedos. A porta levava a uma ampla câmara com várias janelas. — Será sua câmara?

— Pode-se dizer que a Torre Oeste será inteira minha. Todos os aposentos reais dentro dela. — Ela observou o novo espaço, ainda empoeirado da construção, com ele. — Mas não. Meus aposentos pessoais ficam um andar abaixo. Já completos. Talvez eu dê esses ao meu rei consorte. Ou talvez não. Prefiro não ter que ouvi-lo passando pela minha porta a caminho de... um lugar ou outro. De qualquer forma, os quartos do rei consorte deveriam ficar abaixo dos da rainha.

Elsabet sorriu.

— O que você trouxe para mim?

Diante da pergunta, Jonathan correu de volta para o corredor e voltou com a tela coberta. Ele estudou a luz rapidamente antes de posicionar o cavalete para pegar o suave sol da tarde. Então, descobriu o retrato.

Elsabet mal conseguiu absorver tudo. Era como se ele tivesse feito uma miniatura do Solstício de Verão, tal era a exatidão do retrato. A comida empilhada na mesa do banquete parecia pronta para ser comida. E ela até se lembrava de ter visto aqueles exatos cachorros marrons e brancos Familiares com os rabos retorcidos, dois deles sentados com grande pompa de um lado, esperando as sobras. O Volroy se erguia no fundo, um gigante escuro e majestoso, mesmo com as pedras negras beijadas pela luz do verão.

— Você me colocou no meio deles, não no alto — Elsabet disse.

— Achei que você preferiria assim. Combinou... com a composição.

Ela concordou com a cabeça. Era a representação mais exata que ela já tinha visto de si mesma. Nenhuma beleza estonteante. Ele não havia embelezado ou suavizado seus traços. Mas, de alguma forma, capturara sua essência, seu espírito. Ele pintou seus olhos de forma quente e brilhante, sua expressão confiante e competente. Ela era, aos olhos dele, uma linda rainha.

— O Volroy está incompleto, como pode ver. Eu queria esperar suas instruções sobre como representá-lo.

— Bom — ela disse. — Na hora certa. Não há pressa. — Os dedos dela flutuaram acima da tela. Ele não precisava perguntar se ela havia

gostado. Ela não sorria tão abertamente há semanas.

— Minha rainha, há outra coisa.

— Por favor, Jonathan, me chame pelo meu nome. Eu lhe dou permissão.

— Rainha Elsabet — ele se corrigiu, corando. — Há outra coisa. Você... Houve alguma diminuição perceptível de sua dádiva da visão?

— O quê?

— Perdoe-me — ele disse rapidamente. — Eu estava avaliando os ingredientes do tônico que você toma, e acredito que pode ser danoso para você. E para a sua dádiva.

Elsabet virou as costas para a pintura.

— Não é possível. O tônico vem de Gilbert. Tenho certeza de que você está enganado.

— Claro. Mas talvez ele também esteja? Ele não é um envenenador, não saberia. Você sabe onde ele o consegue? Permitiria-me investigar a questão?

Elsabet piscou. O que ele estava dizendo não fazia sentido. Gilbert jamais a prejudicaria. Sua dádiva era sagrada para ele. E ele era seu irmão de criação. Sua única família.

— Deve haver uma explicação.

— É claro.

— E minha dádiva não sumiu — ela disse, baixando a voz. — Tive uma visão há pouco tempo. Bem, não uma visão, eu acho. Mas um sonho.

— Um sonho? Isso é comum?

— Não. Mas se provou real, e só isso importa. — Ela o observou pelo canto do olho. — Eu sonhei com você, Jonathan Denton. Eu o conheci antes de nos encontrarmos.

INDRID DOWN

Quando Rosamund abriu a porta da casa de sua família, encontrou Catherine Howe com a cabeça coberta por um capuz escuro.

— A criada já chegou? — Catherine perguntou quando Rosamund fez um sinal para ela entrar.

— Chegou. Mas não esperávamos que você fosse tão rápida.

Catherine baixou o capuz e sacudiu seus belos cachos marrom-dourados.

— Quando alguém pede uma informação aos espões dos Howe, ela nunca demora.

— Muito bem — Rosamund disse. — Bess está esperando lá embaixo.

Elas haviam dado apenas alguns passos quando três garotinhas passaram correndo e gritando, batendo-se com pequenas espadas de madeira, e empurraram Catherine contra a parede. Elas estavam tão agitadas e focadas em sua batalha que congestionaram o pequeno corredor, e Rosamund precisou pegar a menor delas no colo e colocá-la sobre os ombros para que pudessem passar.

— Peço desculpas — Rosamund disse, então riu quando a garotinha bateu em sua cabeça com o punho da espada de madeira. — É quase sempre assim na casa Antere.

Catherine cerrou os olhos para a garotinha enquanto ela batia na cabeça de Rosamund.

— Isso não dói?

— Um pouco. — Rosamund esticou o braço e cutucou as costelas da criança até ela se render em risadas. Uma vez liberado o corredor, a garota desceu e saiu correndo na direção oposta para se juntar à brincadeira. Rosamund fez um gesto para a porta. Bess já estava esperando do lado de dentro, sentada em uma mesa na frente de uma garrafa de uísque e três copos.

— Não seria melhor fechar a porta? — Catherine perguntou, olhando para trás.

— Você tem tanto medo assim de pequenas guerreiras? — Rosamund riu. — Não ligue para a porta. Minha mãe está dormindo e meus irmãos estão concentrados em um jogo de cartas na cozinha com suas esposas. E, além disso, são todos leais.

— A você ou à rainha?

— Às duas — Rosamund disse, sua voz áspera. — Então, podemos conversar livremente.

— Sente-se, Catherine — Bess disse, servindo-lhe um copo. — Beba um pouco para acalmar os nervos. Ou você prefere vinho?

Rosamund colocou a mão no ombro de Bess e a fincou em sua cadeira.

— Sente-se. Você não é uma criada aqui, Bess, mas membro de uma associação de espãs.

Bess exalou e pressionou seu rosto contra os dedos da guerreira.

— Eu sei disso. Mas ainda devemos deixá-la à vontade. Ela está muito perturbada.

— Eu percebi. — As velas do cômodo começaram a queimar com mais força desde que Catherine entrara. E, conhecendo Catherine desde antes de sua entrada no Conselho Negro, Rosamund sabia que seu talento era com o elemento terra. Ela devia estar muito nervosa para afetar as chamas desse jeito.

— Vamos, Catherine. Você não pode ter descoberto nada de tão perturbador em apenas alguns dias!

Catherine pressionou os lábios.

— Descobri. E não foi só nos últimos dias. Meus espões vêm trabalhando há meses.

— Meses? — Bess engasgou. — Mas por quê?

— Nós, elementais, somos melhores em detectar sentimentos no ar — Catherine respondeu. — Desde que entrei no Conselho Negro, sempre

mantive um ou dois pássaros circulando. Eu sempre soube o que estavam falando da rainha.

Rosamund bebeu e encheu o copo de novo.

— E o que estavam falando?

— De início, que a rainha era frívola. Volúvel. Que ela não escutava seus conselheiros, o que, para ser sincera, ela não faz com frequência mesmo.

— A rainha segue a própria consciência — Rosamund disparou.

— Sim. Em tudo. E não passou despercebido. O povo e o Conselho Negro se acostumaram com rainhas guerreiras, que comandavam ataques e batalhas, deixando o governo para os mais aptos para isso. Elsabet retomou esse comando.

— Não é o direito dela, como rainha? — Bess perguntou.

— Se é o direito dela ou não, incomodou o conselho. Eu suspeito que alguém vem plantando rumores entre o povo a respeito da tolice da rainha. Até suspeito que o rei consorte tenha um papel nisso, levando-a a ter ataques de ciúmes em público.

— Para quê? — Rosamund perguntou. — Para torná-la impopular?

— Para minar sua autoridade. Eu não sei, de fato, qual é o objetivo. Mas temo pela reputação da rainha e pela inconstância daqueles de quem suspeito.

— Diga logo, então. De quem você suspeita?

As feições delicadas de Catherine se contraíram. Sua pele era bronzeada o suficiente para não corar, mas se ela fosse apenas um pouco mais pálida, Rosamund tinha certeza de que todo seu rosto teria ficado vermelho.

— Estou medindo as palavras — ela disse, falando devagar, como se Rosamund fosse estúpida — porque não tenho certeza. Mas se eu estiver certa, então também tenho certeza de que não há limites para o que essas pessoas farão.

— Que pessoas? — Bess se inclinou para a frente e agarrou as mãos de Catherine. Quando Catherine continuou hesitando, Rosamund bateu o punho na mesa, sacudindo os copos.

— Que pessoas? Chega de jogos. Nós viemos até você. Você sabe que pode confiar em nós.

Catherine terminou seu uísque e deixou o copo vazio de lado.

— Noite passada, duas de minhas espiãs passaram a noite com o rei consorte.

Os olhos de Bess se arregalaram.

— Suas espiãs se deitam com o rei consorte?

— Muitas de minhas espiãs já se deitaram com o rei consorte — Catherine disse. — Tenho espiãs muito bonitas.

— Irrelevante — Rosamund disse. — O que elas viram?

— Elas foram com ele para uma hospedaria, aparentemente para passar a noite. Quando chegaram, ele começou a deixá-las cada vez mais bêbadas de cerveja, até adormecerem. Uma delas acordou quando ele se esgueirou para fora do quarto e o seguiu.

— Para onde ele foi?

— Não muito longe. Até outro quarto. A garota conseguiu espiar e escutar. Segundo ela, não havia engano sobre o que estava acontecendo dentro do quarto. — Catherine fez uma pausa para que as três pudessem trocar olhares amargos. — Ela esperou, escondida, até quase o amanhecer, quando o rei consorte e sua amante saíram. A mulher estava vestida de forma comum, mas minha garota jura que por baixo das roupas ordinárias de criada estava ninguém menos que Francesca Arron.

Bess afundou na cadeira.

— Um membro de seu próprio Conselho Negro.

Rosamund também se afundou na cadeira, passando a mão pelo rosto.

— E um membro idiota, aliás. Francesca Arron perderá a cabeça por isso, e para quê? Por um garoto bonito?

Os olhos de Bess se arregalaram.

— Rosamund, você acha que Elsabet mandará executá-la?

— Francesca é um membro do conselho dela, como você mesma disse. A rainha não pode deixar isso passar.

— A menos que isso possa ser mantido em segredo, em silêncio. Se Francesca implorasse perdão e jurasse se manter longe do rei consorte, talvez...

— Vocês não estão entendendo! — Catherine Howe se afastou da mesa e todas as velas tremeram. — Se Francesca Arron está envolvida, não é por causa de um menino bonito! Ela só está o usando para seu próprio interesse!

— E qual seria? — Bess perguntou.

— Eu não sei — Catherine respondeu, séria.

— Não importa. — Rosamund encheu seu copo de uísque até a boca.

— Elsabet é a Rainha Coroada, e não há nada que Francesca Arron ou qualquer outro possa fazer sobre isso. E quaisquer que sejam os planos dela, nós a pegamos. Nós vamos até Elsabet. Nós a cercamos de pessoas leais. Eu e você, Bess e Gilbert. E eu estarei pronta para prender Francesca assim que a rainha der a ordem.

Catherine olhou para Rosamund com curiosidade.

— Você é amiga de Elsabet. Não está com medo?

Rosamund mostrou os dentes e fez um som de desdém.

— Medo de quê? Ela é a rainha. Não é como se pudessem matá-la.

O VOLROY

Francesca Arron esperou nas sombras do Volroy até o pintor finalmente sair de sua audiência com a rainha. Estava tarde, quase anoitecendo, e seu rosto sereno estava iluminado por velas e tochas. Era nítido para qualquer um quão enfeitiçado ele estava por ela. Quão feliz ele estava por ela estar feliz com ele. Jonathan era tão transparente e desarmado. Um envenenador deveria ter uma maior habilidade natural para a dissimulação.

— Jovem mestre Denton.

O garoto levantou o rosto e sorriu, um sorriso encantador em um rosto medíocre, coberto por seu cabelo da cor de palha molhada.

— Senhora Arron.

— Achei mesmo que fosse você — ela disse, dando um passo à frente.

— Eu quase não tive certeza. Você tem passado tanto tempo no castelo ultimamente que parece quase uma pessoa diferente. Se não fosse pelas manchas de tinta e óleo sob as unhas, eu talvez nem tivesse o reconhecido.

Jonathan olhou para seus dedos e os escondeu atrás dos quadris.

— Posso fazer algo pela senhora?

— Talvez você possa me acompanhar até minha carruagem. Está tarde, e já que nós dois estamos indo embora...

— Claro. — Ele se curvou e esperou que ela estivesse meio passo à frente.

— Todo o tempo que você tem passado com nossa rainha não deixa muito espaço para pintar.

— Mas é por isso que estou aqui. Para deixar a rainha a par do meu progresso.

— E a noite que você passou nos aposentos dela? — A expressão no rosto dele a fez rir de leve. — As notícias voam. — Francesca endireitou os ombros e jogou sua trança de cabelo loiro-claro. Seus passos eram longos conforme ela caminhava, e ele estava um pouco ofegante quando os dois alcançaram os portões e as carruagens que esperavam. Era um milagre que ele conseguisse acompanhar Elsabet, cujas pernas e passos eram ainda mais longos.

— Bem, então boa noite, Jonathan. Imagino que o verei com bem mais frequência, agora que a rainha decidiu manter você como um novo bichinho de estimação.

— Bichinho de estimação?

Ela observou cuidadosamente, buscando um toque de malícia em seus olhos, mas não conseguiu identificar nenhum. Talvez ele fosse melhor em fingir do que ela havia lhe dado crédito, então.

— Claro. Governar é um peso muito grande para a rainha. Ela busca distrações com frequência. Espero que você não tenha pensado que era algo a mais.

O sorriso de Jonathan estremeceu.

— Você está dizendo que preferiria que eu passasse menos tempo aqui?

— Não eu — ela disse. — Por mim, a Rainha Elsabet poderia fazer as refeições com você no colo dela. Mas alguns questionam se você é adequado para ser o companheiro de uma rainha.

— Senhora Arron — ele disse com um vigor surpreendente. — Me alegro em saber que você não está entre os que pensam isso. Sem dúvida você está feliz por Elsabet passar seu tempo com outro envenenador. — Ele se endireitou, ajeitando os ombros. Francesca forçou uma risada.

— Quem é você? — ela perguntou. — Um Denton? Que grande gesto a casa Denton já fez por essa ilha? Pelos envenenadores? Se você espera conquistar um lugar para seu nome na capital, suas esperanças serão destruídas. — Ela se aproximou e passou a unha suavemente pela têmpora dele, descendo pelo maxilar. — Os Arron fazem parte do Conselho Negro. Os Arron têm os favores políticos da rainha. E não se esqueça disso.

Então ela se virou, ignorando o tom de vermelho que havia tomado conta do rosto dele. Ou a forma como seus olhos se arregalaram em uma fúria impotente.

— Você fala como se fosse uma posição permanente — ele disse. — Mas os membros do Conselho Negro podem ser substituídos. Talvez a rainha decida ter mais envenenadores em seu círculo, agora que ela teme que o tônico que toma para a saúde tenha sido indevidamente adulterado.

Ela congelou, mas permaneceu impassível, como sempre. Em vez disso, Francesca encarou o garoto até ele perder a coragem e se virar, xingando. Ela o observou ir embora, pensando exatamente no que fazer com Jonathan Denton. Se ele poderia ser comprado. Se poderia ser ameaçado.

INDRID DOWN

Quando Sonia Beaulin recebeu a mensagem e encontrou Francesca na hospedaria, já era madrugada. O que era ótimo para Francesca. Significava que a hospedaria estava vazia, exceto pela dona, que era paga com propina dos Arron. E significava que Sonia dificilmente seria vista atravessando a praça central, onde era sempre difícil passar despercebido. Guerreiros eram assim. Brutais. Imponentes. Eles gostavam de ser notados. Uma gente estranha, na opinião de Francesca, movendo coisas com a mente e sempre com sede de sangue. E, diferentemente dos envenenadores, que pareciam todos serem feitos do mesmo material – magros, esguios, com uma postura rígida e cabelos claros –, os guerreiros variavam em forma e aparência. Alguns eram gigantes, como a Comandante da Guarda, Rosamund Antere. Outros eram tão pequenos e rápidos que pareciam crianças demoníacas. Sonia ficava em algum ponto no meio disso, uma jovem mulher com quadris estreitos, feições simétricas, olhos grandes e observadores e cabelo quase tão escuro quanto o de uma rainha. Francesca preferia a estatura média de Sonia, já que isso a tornava mais fácil de se misturar, e valorizava a possibilidade de a subestimarem. Mas Sonia invejava a altura de Rosamund. Era apenas mais uma das fontes de hostilidade entre elas.

Sonia sentou-se na mesa isolada de Francesca, perto do fundo da hospedaria, e fez sinal para a dona.

— Uísque — ela pediu.

Francesca sacudiu a cabeça.

— Cerveja. Mantenha-se sóbria.

Sonia mudou seu pedido e suspirou.

— O que aconteceu?

— Menos importante do que o que aconteceu é o que precisamos fazer. — Francesca estava tomando chá e jogou um cubo de açúcar misturado com arsênico na xícara. O cubo fora tingido de verde fluorescente para impedir que qualquer cliente não envenenador caísse morto. A presença de itens para envenenadores no menu, mesmo antes de as propinas começarem, foi o que a levou a escolher patrocinar a hospedaria na rua Highborne. Era um dos únicos lugares na capital que sempre oferecia comida envenenada.

— A Rainha Elsbet provavelmente suspeitará de nós em breve.

— Como? Suas visões voltaram? Ela não está tomando o tônico?

— Talvez ela não confie mais no tônico.

— Então você deve dá-lo de outra forma. Coloque-o na comida. Vocês envenenadores não são bons nisso?

— Muito bons. Mas a dosagem é importante. Pouco demais não fará efeito. Muito a matará.

A hospedeira chegou com a cerveja de Sonia, um pedaço de pão e um pouco de queijo. Sonia agradeceu com uma expressão sombria.

— Bem — ela disse —, a rainha não descobrirá nada. Entretanto, sua suspeita vai nos custar, disso você pode ter certeza. Essa rainha é vingativa. Uma de nós, ou as duas, com certeza perderá o lugar no conselho.

O maxilar de Francesca se tensionou enquanto ela observava Sonia comer, emburrada, enchendo as bochechas de pão e queijo como um esquilo. Isso lhe dava vontade de afogá-la em chá envenenado, forçar açúcar com arsênico por sua garganta. E ela teria feito isso, se não precisasse do poder de Sonia.

— É assim que uma guerreira fala? Aceitando a derrota?

Sonia parou de mastigar e cuspiu pão no chão.

— O que você quer que eu diga, então? O que você quer que eu faça?

— Nada que você não tenha coragem de fazer.

Sonia ficou quieta por um momento. Então riu.

— Pare de me enrolar. Não há necessidade. Os Beaulin amarraram sua fortuna na carruagem dos Arron muito antes de eu e você. Diga o que *você*

teria coragem de fazer.

— Eu cresci com cobras o suficiente para saber — Francesca começou — que a que sobrevive é aquela que ataca primeiro. Então atacaremos primeiro. E talvez possamos acabar com isso antes que a rainha fique sabendo do nosso envolvimento.

Naquela noite, logo antes do amanhecer, Jonathan foi acordado por uma batida em sua porta. Sonolento, ele saiu de sua cama e se enrolou em um roupão. Tentou acender uma vela, mas seus dedos lentos se atrapalharam com o fósforo, e quando a batida insistente soou outra vez, ele desistiu e foi abrir a porta no escuro.

Jonathan não fazia ideia de quem poderia ser. Ele tinha poucos conhecidos na cidade que sabiam a localização de seu pequeno apartamento, e nenhum deles viria bater a essa hora. E a batida não vinha da porta principal, que levava até a padaria no andar de baixo, de cujo dono ele alugava o quarto. Vinha da entrada lateral que dava no beco.

Se ele estivesse mais alerta, talvez tivesse tomado mais cuidado ao abrir a porta. Talvez tivesse perguntado quem era. Mas ele não estava, então virou a chave e abriu. A palavra “quem” mal tinha saído de seus lábios quando a figura encapuzada passou por ele e entrou em sua sala gelada.

— Quem é você? O que é isso? — ele perguntou, e sua mão procurou por algo na mesa perto da entrada, qualquer coisa que pudesse usar como arma.

— Fique quieto, Jonathan. Eu venho em nome da rainha! Sou sua criada, Bess.

Na luz fraca, ele não conseguia distinguir o rosto dela, mas detectou o movimento de seu capuz abaixando.

— Bess? — ele perguntou. Eles não haviam se falado muitas vezes, mas Jonathan a tinha visto no Volroy, uma presença quase constante ao lado da Rainha Elsbet.

— Sim.

— O que você está fazendo aqui? — Ele passou por ela cuidadosamente e voltou para pegar a vela, acendendo-a com facilidade agora que o susto o havia despertado. Ele se virou com a vela e viu Bess, que usava uma capa de viagem longa e marrom, um pouco grande demais para ela. Ela parecia agitada e ofegante enquanto andava pela sala.

— Você... traz alguma mensagem? — Ele esticou a mão.

— Se eu trouxesse, ela não estaria escrita — Bess disse, afastando a mão dele com um leve tapa.

— Claro. — Ele esfregou o rosto com as duas mãos, tentando acordar. — A rainha está bem?

— Você tem algum motivo para pensar que ela não estaria?

— Não. Apenas você aqui, andando de um lado para o outro e parecendo um lobo.

Bess parou de andar e respirou fundo. Então sorriu para ele, um sorriso tão caloroso e encantador que ele não pôde deixar de retribuir.

— Desculpe — ela disse. — Eu não deveria ter te assustado assim. Eu não deveria nem ter vindo aqui. Mas...

— Mas o quê?

— A noite que você passou nos aposentos da rainha — Bess falou depressa. Suas bochechas coraram antes que as palavras saíssem. — Você... vocês... você é o que andam dizendo? O amante da rainha?

— Não, não! Eu juro!

— Eu sou melhor amiga e confidente dela. Você precisa me dizer a verdade.

— É verdade, Bess. Naquela noite nós conversamos. E ela... Eu passei a me importar com ela. Como mais que minha rainha. Mas nós não... ela não iria...

De alguma forma, essa declaração pareceu piorar as coisas. Bess levou as mãos até o próprio rosto e começou a gemer.

— Eu queria que ela tivesse feito! Minha pobre rainha! E você é apenas o pintor dela! Nem sequer um amante!

— Não, não um... — ele disse e colocou as mãos nos braços dela para acalmá-la. — Não isso. Mas eu gostaria de pensar que não sou apenas um pintor. Gostaria de pensar que também sou amigo dela.

— Talvez você precise provar isso. — Bess secou os olhos. — Elsabet terá dias difíceis pela frente. Ela precisará de nós. De todos nós. — A

manhã estava começando a se alastrar pela cidade, e ela arregalou os olhos quando notou o pijama de Jonathan. — Eu não deveria ter vindo. Perdoe-me. — Ela fez um movimento em direção à porta e ele a impediu, puxando-a mais para dentro.

— Bess, espere. Por favor, fique um momento, sente-se. Explique-me o que quis dizer sobre a rainha. Por que ela vai sofrer? Qual o problema? — Bess fez que sim com a cabeça e se deixou levar até a mesa dele, onde havia duas cadeiras solitárias. — Suas mãos estão geladas.

— O ar estava gelado hoje, um vento vindo da água. E eu não dormi. Espero que a rainha esteja dormindo agora...

Jonathan reacendeu seu pequeno fogo e colocou uma chaleira sobre ele para fazer chá.

— Um chá quente vai te fazer bem. — Ele procurou algo em seu armário. — Não sei se tenho açúcar sem veneno. Eu tenho mel, serve?

Quando o chá ficou pronto, ele o colocou nas mãos de Bess e esperou enquanto ela bebia.

— Eu, você e Rosamund — ela sussurrou. — Catherine Howe. Gilbert Lermont. Pode ser que sejamos as últimas pessoas leais à rainha. Eu não quero acreditar nisso, mas...

— Por que você pensa isso, Bess?

Ela sacudiu a cabeça.

— Contar para você seria colocá-lo em perigo.

— Então deixe que eu me coloque. — Ele pegou sua mão. — Eu suspeito que Francesca Arron vem envenenando o tônico da rainha de alguma forma.

Bess arregalou os olhos. Ele soube, pela expressão no rosto dela, que era de Francesca Arron que Bess desconfiava.

— Eu estava perto da rainha quando ela tomou a dose noturna — ele explicou. — E sou um envenenador curioso sobre medicina. Perguntei a ela se podia dar um gole e ela consentiu. E, instantaneamente, eu soube que algo estava errado.

— Você... você tem certeza?

— Os Denton têm poucos feitos, mas nós somos excelentes apotecários. Eu tenho certeza. Até levei uma amostra para minha família, em Prynn.

Bess se levantou e baixou a xícara às pressas, derrubando chá por cima da borda.

— Eu preciso ir e contar isso à rainha. Preciso contar a Gilbert.

— Eu vou com você — ele disse e olhou para o próprio pijama. — Só deixe eu me vestir.

Bess pôs mão no peito dele.

— Não. Você deve ficar aqui. Isso vai acontecer muito rápido, Jonathan, e se o que você está dizendo é verdade e o que nós acreditamos é verdade, então é melhor que ninguém nos veja juntos por enquanto. Rosamund, a Comandante Antere, não quer alertar Francesca sobre nossas suspeitas.

Jonathan pensou em sua conversa com Francesca na noite anterior.

— Pode ser que ela já suspeite de mim.

— Mais um motivo para você manter a distância. A rainha logo mandará chamá-lo, eu tenho certeza. Ela chamará você quando isso tiver terminado e Francesca estiver presa.

— Bess — o rapaz disse quando a mão dela estava na porta. — Diga à rainha... diga à rainha que estou pensando nela.

— Eu direi, Jonathan. — Bess olhou pela janela do quarto dele. — Está mais tarde do que eu pensava. Preciso ir. — Ela saiu enquanto ele segurava a porta. Ela pegou a mão de Jonathan e a apertou. — Vai ficar tudo bem.

Ele fechou a porta e voltou para o quarto. Sem saber o que fazer, limpou as coisas do chá e se vestiu, preparando-se para o dia. Mas o tempo nunca passara tão devagar. Ele não conseguia parar de pensar no que estava acontecendo no Volroy. Em Elsabet e como ele poderia ajudá-la.

— Droga — ele disse e se levantou. — Eu não consigo ficar só esperando.

Ele abriu a porta com força e desceu os degraus, correndo pelo beco até a praça. Bess poderia fazer cara feia quando o visse, mas Elsabet não ficaria brava. E, além disso, se fosse como Bess disse, Elsabet precisaria de todos os amigos que pudesse ter ao seu redor.

Quando ele virou a esquina que dava para a praça, parou de repente. Uma multidão estava se juntando do outro lado da rua. Pessoas encarando algo no chão. Seu coração disparou conforme ele se aproximava e abria

caminho com os cotovelos. Então Jonathan viu a borda da capa marrom dela.

Bess estava jogada na rua de pedras, de bruços, seus braços ao lado do corpo. A flecha que a matara saía da parte de trás da sua cabeça, prendendo o capuz ao crânio.

— Bess! — Ele caiu ao lado dela e a virou. Seu rosto estava quebrado e sangrando por causa do choque com as pedras quando ela caiu. Seus lindos olhos encaravam o céu e, enquanto ele a segurava, sangue escorreu por seu cabelo loiro-avermelhado até o capuz. Ele afastou o capuz um pouco e gemeu. Quem quer que tenha feito isso era um bom atirador.

— Pobre garota — a mulher murmurou. — Uma coisa tão linda. Quem pensaria em fazer isso numa manhã assim? — Ela olhou com tristeza para Jonathan enquanto ele chorava. — Ela estava com você, jovem?

— Elsabet — Jonathan grasnou. Então ele colocou Bess no chão com cuidado e se levantou, correndo para o Volroy e limpando o sangue dela em sua túnica.

— Maravilhoso — Sonia disse com sarcasmo para Francesca enquanto elas observavam Denton segurando a menina morta. — Nós matamos o plebeu errado.

— *Você* matou o plebeu errado — Francesca corrigiu.

— O que ela estava fazendo, saindo do apartamento dele a essa hora? — Sonia perguntou, e Francesca quis lhe dar um tapa. Isso não importava. A menina estava morta. A amiga querida da rainha. E alguém teria que pagar. — O que fazemos agora?

— Agora — Francesca sussurrou com raiva — nós a usamos.

Saindo das sombras da manhã, ela puxou seu capuz e escondeu seu rosto quase completamente. Andava rápido e com leveza, movendo-se por trás da multidão, deslizando entre as pessoas daquela forma natural a todos os envenenadores, aquela forma que tornava fácil para eles afundar uma adaga envenenada na coxa de alguém ou derrubar uma fruta coberta de veneno em uma bebida. Mas, naquela manhã, era um veneno de outra natureza que precisava ser espalhado.

— Ah — ela murmurou em uma voz suave. — É uma das garotas da rainha. Uma das criadas da rainha! E ela estava saindo do apartamento do amante da rainha!

Foi o bastante. As pessoas se agarraram a isso e imaginaram o restante.

— A rainha é ciumenta — alguém disse.

— Que tolice do garoto — outra pessoa disse.

— Mas quem poderia culpá-lo? Olhe como essa garota era linda. Linda como nossa rainha não é. É por isso que ela é tão ciumenta. Pobre rainha. Pobre garota.

— Pobre rainha? Isso é assassinato! Assassinato por causa de uma briga de amantes!

Francesca sorriu. Quando voltou para Sonia, ela quase riu, e as duas deixaram a praça sem serem notadas.

— Como você pensou em fazer isso? — Sonia perguntou.

— Você sabe o que dizem. Um Arron está pronto para tudo. Agora vamos. Nossos planos mudaram.

O VOLROY

Elsabet ordenou que o corpo de Bess fosse levado ao Volroy. Ela chamou curandeiros e sacerdotisas para investigá-lo, para dar as respostas que conseguissem. Mas não havia muito que pudesse ser dito sobre uma flecha atrás da cabeça.

— Afastem-se dela, então — Elsabet disse, jogando-se sobre a amiga. Suas bochechas estavam vermelhas e molhadas de lágrimas. Ela beijou as mãos frias de Bess. — Para que eu sirvo? — ela perguntou, secando os olhos. — De que serve uma rainha oráculo que não consegue ver o suficiente para proteger aqueles que ama?

Rosamund, Jonathan e Gilbert ficaram parados, sem saber como ajudar. Eles também estavam repletos de tristeza. Até Rosamund chorara quando recebeu a notícia. Ela chorou e teve um acesso de raiva quando viu a flecha presa na bela cabeça de Bess. Agora eles estavam sozinhos na sala do trono, os curandeiros dispensados, as preces das sacerdotisas feitas. Nenhum outro membro do Conselho Negro tivera coragem de aparecer com o corpo de Bess deitado sobre a mesa do conselho.

— Como isso pôde acontecer? — Elsabet andava de um lado para o outro, suas longas pernas tremendo.

— Elsie — Gilbert tentou falar com suavidade. — Deixe-me ajudar você.

— Com o quê, Gilbert? Do que eu preciso?

— Eu não sei. Posso chamar seu rei consorte. Ele vai querer saber o que aconteceu.

Pela visão periférica, Elsabet viu Rosamund mostrar os dentes.

— William? — Elsabet riu. — Ele está escondido em algum lugar, como o rato que é. Ele sabe que não precisa mais fingir. — Ela se virou para Bess e secou os olhos mais uma vez. — Onde está Catherine Howe? — ela perguntou, sua voz trovejante.

— Nós não sabemos, Elsie. Ela ainda não chegou ao Volroy hoje de manhã.

— Onde está Sonia Beaulin?

— Ela está aqui — Rosamund respondeu. — Não sei exatamente onde, mas eu a vi.

— Onde está Francesca Arron?

— Nós também não a vimos esta manhã.

Elsabet olhou para Rosamund.

— As coisas acontecerão depressa agora.

— Sim, minha rainha.

— O que vai acontecer depressa agora? — Gilbert perguntou. Ele não havia escutado as notícias que Rosamund trouxera naquela manhã. Que, graças às espiãs de Catherine Howe, elas sabiam que o rei consorte a estava traindo com Francesca Arron. Ele também não sabia que Jonathan havia sussurrado no ouvido dela sobre um tônico envenenado.

— Então me dê um momento sozinha com Jonathan.

Rosamund fez que sim e empurrou Gilbert, que resmungava, para fora do quarto.

— Minha rainha — Jonathan disse, seus ombros eretos. — Rainha Elsabet. O que posso fazer para ajudá-la?

— Você pode fugir.

— O quê?

Elsabet secou outra lágrima de seu rosto, a última que ela se permitiria naquele dia.

— A capital não será segura para você durante um tempo. Nem mesmo aqui no Volroy. Você precisa dar um jeito de sair da cidade antes que comece.

— Mas... — Ele fez um gesto triste na direção de Bess. — Já começou. Eu não posso deixar você, não agora.

— Você pode e você deve, porque eu estou ordenando. Arranjei dinheiro o suficiente, e você encontrará um cavalo rápido à sua espera nos estábulos.

— Não — ele disse e, para a surpresa dela, Jonathan se aproximou e a segurou pelos ombros. — Eu devo ficar aqui. Você sonhou comigo. Você sonhou comigo para que eu pudesse lutar por você.

Elsabet sorriu. Ela tocou o rosto do rapaz. Como ela queria que aquilo fosse verdade.

— Não, Jonathan. Eu sonhei com você para ter algum consolo. Para que você pudesse ser um momento de paz para mim enquanto tudo ao meu redor desmoronava. Mas não foi uma visão. Foi apenas um sonho.

Após a partida de Jonathan, Elsabet chamou Rosamund e Gilbert de volta.

— Digam-me — ela falou. — Durante o tempo em que vocês esperaram no corredor, o que ouviram? Quais são os rumores?

— Estão tentando dizer que foi um acidente — Rosamund murmurou. — Como se uma flecha na cabeça pudesse ser um acidente.

— Pode ser — Gilbert disse suavemente. — Pode ser. Talvez Bess apenas estivesse no lugar errado, na hora errada. Pode ter sido um caso de identidades trocadas.

Elsabet olhou para ele com raiva.

— Disso eu não duvido. Coberta por uma capa pesada na luz da manhã? Saindo do apartamento de Jonathan? Identidade trocada, de fato. Aquela flecha era para ele, mas a encontrou, em vez disso.

Os lábios de Gilbert tremeram enquanto ele falava, cauteloso, como se temesse que o que fosse dizer a seguir pudesse levá-los por caminhos perigosos.

— Quem? Quem ousaria? Você viu algo?

— Ver algo? Não, eu não vi nada. — Elsabet fechou os olhos e os abriu de novo, fixando-os no rosto dele. — Talvez eu pudesse, porém, se tomasse mais do seu tônico.

Ele estremeceu, mas não disse nada. Ele não confessou. E isso a machucou tanto quanto o restante.

— Você sabia, Gilbert? Todo esse tempo em que você estava me envenenando, me envenenando para tirar minha dádiva da visão de mim, você sabia?

Seu lábio inferior tremeu e ele fechou os olhos.

— Eu não tive escolha.

— Não teve escolha? — Elsabet explodiu. — Não teve escolha exceto me trair? Sua própria irmã de criação? Que amou você desde que éramos crianças?

— Eu precisei. Francesca envenenou minha irmã para que eu entrasse no conselho, e ela jurou que me envenenaria também, ou revelaria meu segredo...

— Francesca Arron não dá ordens! Eu dou ordens! Francesca Arron não reina! Eu reino! E você deveria ter pensado melhor, Gilbert.

Gilbert caiu de joelhos e juntou as mãos.

— Me perdoe, Elsie. Eu nunca quis...

— Silêncio.

Ele tentou obedecer, mas começou a chorar.

— O que você quer de mim? O que posso fazer?

— Eu ainda não sei o que vou fazer com você — Elsabet respondeu.

— Por agora, saia da minha frente. Volte para os seus aposentos e fique seguro. Fique lá com as guardas. Até que isso termine.

— Isso? — ele perguntou.

— Vá! — ela rugiu e ele saiu correndo da sala, com tanto medo que ela teria rido, se não estivesse tão cheia de raiva e decepção.

Finalmente, eram só ela e Rosamund.

— E agora, minha rainha?

Elsabet olhou para a amiga, sua guerreira, seu cabelo de um vermelho tão brilhante e sua reputação tão feroz que os rumores sobre ela o tingir daquela cor para que parecesse sangue persistiam.

— Você sabe — ela disse. — Agora, leve sua guarda e prenda Francesca Arron. Prenda-a e a jogue na masmorra com uma acusação de assassinato. — Rosamund concordou sombriamente e Elsabet mostrou os dentes. — Agora nós acabamos com isso.

O VOLROY

— **Isso não vai acontecer.**

Sonia Beaulin entrou na sala do trono com várias soldadas da guarda real. Elas entraram pelas portas abertas e se espalharam até cobrirem as paredes e bloquearem todas as saídas possíveis. E, por cima do ombro de Sonia, Elsabet viu mais. Mais e mais, armadas e prontas para lutar, enchendo o castelo com suas armaduras pretas e prateadas.

— O que é isso? — Elsabet quis saber. Mas ninguém respondeu.

Rosamund deu um passo à frente. Seu simples movimento foi suficiente para fazer as soldadas mais próximas recuarem, embora ela nem sequer tivesse desembainhado uma espada.

— O que você pensa que está fazendo, Sonia?

— O que eu preciso. O que você não pôde. Nós estamos prendendo uma rainha perigosa e assassina.

Elsabet ficou boquiaberta.

— Assassina? Quem eu assassinei? — Sua voz ficou mais alta e raivosa conforme falava. — Bess? Você quer jogar a culpa do assassinato da minha melhor amiga em *mim*?

— Não deem ouvidos — Sonia ordenou às soldadas. — A rainha não está bem. Levem-na agora para a Torre Oeste. Lá ela ficará a salvo.

— A salvo? A salvo de quem? — Elsabet começou a tremer enquanto as soldadas passavam por Rosamund. Ela estava paralisada até a segurarem

pelos pulsos. Então ela explodiu, gritando e praguejando, jogando-se para a frente e para trás.

— A salvo de você mesma, minha rainha — Sonia disse enquanto elas arrastavam Elsabet.

— Você não pode fazer isso comigo! Eu sou sua rainha! Eu sou a escolhida da Deusa! Rosamund! — Ela virou o pescoço e conseguiu ver sua comandante ali, uma cabeça mais alta que as outras, a expressão em seu rosto congelada, cheia de raiva, descrença e vergonha enquanto via suas próprias soldadas prendendo sua rainha. — Rosamund?

Elas a moveram rapidamente pelo castelo, subindo as muitas escadas até os novos aposentos da rainha na Torre Oeste.

— Por que não vamos para o meu quarto? — Elsabet perguntou. — Eu ainda não me mudei para cá! — Ela analisava os rostos à sua volta. Ninguém falava. Todas tinham medo. Mas elas faziam o que as mandavam fazer. Elas seguiam ordens. Porém, não deviam receber ordens de Sonia Beaulin ou do Conselho Negro. Não sem a permissão de Elsabet.

Quando viu a porta aberta, ela soube aonde estava indo: uma prisão bem-decorada. Ela afundou seus calcanhares nas pedras e golpeou a guarda mais próxima, sua visão escurecendo de pânico enquanto elas a empurravam para dentro.

— Não! Não, me soltem!

Mas elas não soltaram. Elas a empurraram porta adentro com tanta força que Elsabet tropeçou e quase caiu de joelhos. Quando ela se virou, a pesada porta de madeira já estava se fechando.

Rosamund ficou em silêncio no meio da sala do trono. Seus olhos não focaram em ninguém até que deixou de ouvir os gritos de Elsabet. Então, ela se virou para Sonia.

A expressão no rosto da outra guerreira quase a fez atacar. Tão convencida. Tão feliz consigo mesma. Ela estava orgulhosa de ter colocado Rosamund em seu lugar. Orgulhosa de ser uma traidora.

— Qual a sensação? — Sonia perguntou. — De saber que suas guardas nunca foram suas, de fato? Que foram minhas esse tempo todo?

— Não todas.

Sonia suspirou.

— Não. Não todas. Mas eu lidei com essas.

— O que você quer aqui, Sonia? O que você e Francesca planejaram?

— Sua voz permaneceu calma, quase cansada. Quase entediada. E, a cada palavra, um pouco da alegria de Sonia ia embora. — Ou você nem sabe? Talvez ela não tenha te contado. O mestre raramente conta para a marionete qual é o enredo da peça. — Ela levantou o olhar para as soldadas reunidas. Muitas delas eram boas. Em muitas ela confiava. Elas só estavam com medo, seguindo ordens e acreditando em mentiras. — Eu não sei o que ela disse a vocês. Talvez ela tenha dito que libertariam a rainha assim que aqueles que a influenciaram estivessem mortos. Mas vocês devem saber que isso é mentira. Elas não podem mais soltar Elsabet, não sem perderem as cabeças.

— Cale a boca — Sonia disparou.

— Eu não vou deixar você mentir para elas. Se elas farão isso, quero que saibam o que estão fazendo. Elas estão depondo uma Rainha Coroada. — Rosamund esperou. Uma pequena sombra de dúvida passou por elas, mas resultou apenas em pés inquietos e pigarros. Não que ela esperasse mais. Só queria que as mulheres soubessem.

— Entregue sua espada, Rosamund, e venha em silêncio. Colocarei você na melhor das celas, você tem minha palavra.

Rosamund deu um passo à frente.

— Você não vai ganhar. — Os olhos de Sonia brilhavam. Ela puxou sua espada. — Não faz sentido tentar. Não faz sentido lutar. Você perdeu. As soldadas já eliminaram os Howes. Dizem que Catherine e o resto deles queimaram em um incêndio que eles mesmos causaram. E quanto à sua casa...

Rosamund pensou na casa Antere. Seus irmãos, rindo na cozinha, suas esposas planejando alguma grande caçada. Sua mãe, agora velha e doente, mas ainda reinando sobre todos eles. E as meninas. As doces e selvagens meninas, que dormiam com suas espadas de madeira nos braços como se fossem bonecas e enchiam o rosto dela de beijos quando ela voltava do Volroy depois de um longo dia.

— Você não deveria ter me contado sobre a minha casa, Sonia.

— Por que não?

— Porque agora não há mais ninguém que eu possa proteger ao meu render.

Rosamund puxou sua espada com um rugido e a baixou direto na cabeça de Sonia, tão depressa que a outra guerreira não conseguiu bloquear direito. A lâmina desceu por seu braço, abrindo caminho pela armadura e a fazendo sangrar. Aqueles que já tinham visto Rosamund lutar diziam que era um milagre que ela pudesse se mover tão depressa, tendo seu tamanho. Eles diziam que observá-la era como assistir a uma dança vermelha e prateada.

A espada de Rosamund encontrou a de Sonia novamente, e ela pressionou mais, enquanto a outra guerreira olhava para as soldadas, que estavam com os olhos arregalados.

— Nenhuma delas vai intervir. Nenhuma delas tem coragem de me enfrentar fora do treino. Quantas você acha que estão desejando secretamente que eu ganhe?

Sonia grunhiu e a afastou. Elas se bateram e se afastaram de novo, e era nítido qual dádiva da guerra era mais forte. Sonia estava ofegante, fora de forma por passar tanto tempo sentada no Conselho Negro. A espada de Rosamund era leve como uma adaga em sua mão.

— Renda-se! — Sonia gritou e atirou três facas, guiando-as com sua dádiva. Mas Rosamund derrubou todas elas. Então ela as pegou, mandando-as de volta, sua dádiva forte demais para ser desviada. Sonia teve que desviar e fugir.

— Sonia Beaulin, em sua linda capa preta e botas chiques e brilhantes. Vestida com as roupas de uma guerreira, sem nenhuma dádiva da guerra.

Com os dentes expostos, Sonia atacou, golpeando com toda sua força. Juntas, elas caíram sobre a mesa, chocando-se contra as soldadas que assistiam, impressionadas. Sonia cortou o ombro de Rosamund, que caiu por cima da longa mesa e rolou, mas se apoiou sobre um joelho e riu quando viu sua oponente ofegando.

— Fraca — Rosamund disse. — O bichinho mimado do Conselho Negro.

Sonia saltou, e Rosamund a bloqueou e chutou. Sonia cuspiu sangue no chão de madeira.

— Você é pequena demais para isso, Beaulin. Por que não manda o resto do meu exército terminar o que você mal consegue começar?

Sonia limpou a boca com a manga.

— Você é realmente louca — ela disse. — Sua família inteira está morta. Eles me disseram que sua mãe foi esfaqueada na própria cama.

— Minha mãe jamais morreria na cama. — Rosamund rugiu e atacou de novo, os metais se chocando como música para seus ouvidos, e a frustração de Sonia se transformando em medo e aquecendo seu coração. Sonia a empurrou com sua dádiva e Rosamund sentiu, como um martelo em seu peito. Mas a dádiva de Rosamund a empurrou de volta com ainda mais força.

— Guardas! — Sonia gritou e elas avançaram como cachorros medrosos para cercar Rosamund e Sonia no meio da sala.

— Elas não vão obedecer você — Rosamund disse, seu sorriso cheio de dentes vermelhos. — A não ser que você mesma faça.

— Elas já me obedecem — Sonia grunhiu.

Rosamund lutou o mais bravamente que pôde, pelo tempo que pôde. Ela eliminou três, depois quatro de suas soldadas de confiança. Ela passou pelo meio delas. Rosamund as derrubava e as fazia voar. Mas cada uma que ela eliminava era substituída por outras duas, e as espadas começaram a chegar. Sangue escorria por seus braços e pernas, espalhando-se pelo chão. Quando Rosamund caiu sobre um joelho, Sonia finalmente veio terminar o serviço e, então, já havia facas demais nas costas de Rosamund para saber qual era a dela.

Covarde, Rosamund pensou enquanto o sangue enchia seus pulmões, enquanto ela se arrastava furiosamente até ver as pontas das belas botas pretas de Sonia. Ela mal tinha forças, mas encontrou o suficiente para levantar sua adaga e esfaquear o pé de Sonia. Sonia Beaulin gritou como uma criança e caiu no chão.

E Rosamund Antere morreu com um sorriso no rosto.

PRYNN

Quando Jonathan finalmente chegou a Prynn, seu cavalo estava quase morto, mesmo que fosse uma bela montaria dada a ele dos estábulos da rainha. Ele supôs que não havia sido cuidadoso e a tivesse forçado muito. Jonathan se inclinou e deu tapinhas em seu pescoço suado. Descanso em um bom estábulo, com bastante comida e água fresca, e ela logo estaria inteira. Pronta para carregá-lo... para onde quer que ele desejasse desaparecer.

Jonathan suspirou. Ele não sabia exatamente o que esperava de seu retorno a Prynn, mas não era isso, esgueirando-se na escuridão, fugindo, quando tudo dentro dele lhe dizia para voltar e lutar, voltar e proteger Elsabet do que quer que viesse. Mas o que ele poderia fazer? Ela era sua rainha, e ele a obedeceria.

Os passos cansados do cavalo estalavam na estrada. Quando ele virou a esquina da rua que levava até a casa de sua família – que não era uma das melhores de Prynn, mas também não era uma espelunca –, seu humor melhorou; ele pensou em sua mãe e seu pai, sua irmã e suas duas crianças.

Embaixo dele, a égua relinchou e parou de repente. Ela cheirou o problema e o sangue antes que ele chegasse perto o suficiente para ver a porta arrombada. Jonathan saltou da sela e correu para dentro, embora o silêncio o aconselhasse a não ter esperanças.

Ele encontrou sua mãe primeiro, na sala de jantar, sentada em uma cadeira. O sangue que empapava a frente do vestido ainda estava morno.

Seu pai estava no chão ao lado.

Jonathan andou pela casa, hipnotizado. O ar da noite era frio contra sua pele e soprava em uma corrente constante. A casa deles havia sido invadida e arruinada. Quando ele encontrou sua irmã jogada nas escadas, ele a puxou para o colo e chorou, e quando algo estalou atrás dele, não conseguiu se lembrar se era só um barulho que a casa fazia à noite ou se significava que alguém ainda estava lá dentro.

O VOLROY

Deixaram Elsabet sozinha em sua prisão na Torre Oeste durante um longo dia e uma longa noite. Longos o suficiente para ela andar de um lado para o outro até ficar exausta, gritar até ficar rouca. Trouxeram comida e ela a atirou nas paredes. Mandaram criadas para limpar e ela as perseguiu até saírem. E, durante todo esse tempo, olhando pela janela, não parecia ter nada errado. Nenhum grande ataque da leal guarda real ao Volroy. Nenhuma revolta do povo forçando os portões. Os navios ancoraram no porto e foram embora recarregados. Carruagens passaram nas ruas. Ninguém a ouviu gritar. Ninguém sentiu sua falta.

Finalmente, no meio da manhã do segundo dia, a porta se abriu e Elsabet se virou, deparando-se com Francesca Arron na parte de dentro. Por um momento, ela e a rainha se encararam. Mas foi Francesca que desviou o olhar primeiro, com uma expressão de desaprovação para a sujeira de comida nas paredes.

— Isso vai apodrecer — ela disse. — Vai começar a feder se você não deixar as criadas limparem. Já começou.

— Elas podem limpar quando eu sair daqui.

Francesca suspirou.

— Você não está se ajudando. Gritando com as criadas. Atirando comida como uma criança mimada. O que as pessoas pensarão quando ouvirem essas coisas? Você está deixando tudo fácil demais para mim.

Elsabet apertou os olhos.

— O que você pretende fazer?

— O que eu já fiz. Prender uma rainha perigosa, para a segurança dela e da ilha.

— A segurança da ilha. Eu sou a escolhida! Você não pode me manter aqui! — Ela queria bater em Francesca Arron com toda sua força. Ela queria estrangulá-la com sua longa trança loira até que ela desmaiasse. — Onde está Rosamund Antere?

— Rosamund Antere? — Francesca perguntou. — Rosamund Antere está morta. Assim como Catherine Howe. E Bess, sua criada. E seu lindo amigo, Jonathan Denton.

Elsabet ficou boquiaberta. Rosamund e Jonathan, mortos? Essas palavras não faziam sentido.

— Você está mentindo.

Francesca entrou mais no quarto, inspecionando as fechaduras e as belas peças com as quais os aposentos da rainha haviam sido mobiliados. Ela passou a mão pela mesa de madeira escura e tocou a tapeçaria na parede. Ela até colocou sua mão próxima ao fogo e perguntou se estava quente o suficiente ou se soltava muita fumaça.

— Eu disse que você está mentindo — Elsabet rosnou. — Saia!

— Eu não estou mentindo — Francesca disse suavemente. Sua expressão podia mudar em um momento. Como Elsabet pensou que poderia confiar nela no conselho?

— Você ainda está chateada. Foi uma coisa monstruosa, afinal. Eu não estou surpresa que não se lembre de ter... dado a ordem.

— Que ordem?

— A ordem de executar Catherine e sua Comandante da Guarda. Você estava tão convencida da traição delas. E as soldadas não podiam fazer nada além de obedecer. Você é uma rainha com a dádiva da visão, e a fé delas em você é absoluta. — Francesca limpou as cinzas de suas mãos e sorriu seu sorriso mais bonito. — Claro que o povo ficou chocado por você ter ordenado execuções tão brutais sem motivo ou investigação.

— Ninguém vai acreditar em você — Elsabet rosnava. — Eu não fiz nada disso. Traga-me Rosamund Antere! Eu não acredito que ela esteja morta. Se ninguém me enfrentou, ninguém ousaria enfrentá-la.

— Ela está morta, minha rainha. Ela e toda sua casa. Uma casa inteira morta, e os Howe tiveram um destino similar. E os Denton, pobres

envenenadores. Eles provavelmente eram os mais inocentes nisso tudo, apenas no lugar errado, na hora errada, pegos na ira descontrolada de uma rainha.

A cabeça de Elsabet girava com a falsidade das acusações. Não podia ser. Não era possível que ela, a rainha, seria presa em seu próprio castelo, seus amigos leais assassinados, seus inimigos governando em seu lugar.

— Você não vai sair impune! Vou colocá-la em julgamento. Vou mandar enforcá-la.

Francesca riu.

— Vai ser difícil mandar qualquer coisa daqui de cima desta torre. — Ela sorriu com crueldade. — Elsabet, você continuará sendo a rainha, mas nunca mais sairá daqui.

— O quê?

— É para sua própria segurança, tanto quanto a nossa. Eu temo que, com a raiva que o povo tem de você agora, eles possam despedaçá-la.

Elsabet cerrou os punhos para não chorar. Ela não choraria na frente de Francesca. Ela cuspiria em seu olho. Ela arranharia seu rosto.

— Você não pode me manter aqui como prisioneira. Eu sou sua rainha! Eu que darei à luz trigêmeas!

— Claro que é! Eu não sonharia em separar seu rei consorte de você. Ele virá visitá-la regularmente. Quando não estiver comigo.

O rosto de Elsabet queimou.

— Você é mesmo pequena e tola se pensa que eu me importo com ele depois de tudo isso.

— Não dispense os amigos que você ainda tem. Ou ficará bem sozinha aqui.

— Eu não vou ficar aqui. Eu vou sair.

A envenenadora suspirou e torceu as mãos na frente da saia.

— Será mais fácil para todo mundo se você aceitar que perdeu. — Ela se virou para ir embora e, quando saiu, Elsabet atacou a porta e se debateu contra ela com suas mãos e cotovelos.

— Nunca será fácil! Eu nunca deixarei de tentar sair daqui, você me ouviu? Nunca!

Gilbert encarava o lugar vazio de Catherine Howe do outro lado da mesa, enquanto o Conselho Negro se reunia para avaliar a ruína que havia atingido a coroa e a capital. Sem Catherine, Elsabet e Rosamund do lado de fora da porta, a sala do conselho parecia vazia. Sonia Beaulin ainda estava lá, é claro. E, por algum motivo, o rei consorte. E Francesca Arron havia se sentado na cabeceira.

Ele queria protestar contra isso. Como o irmão de criação da rainha, a liderança do Conselho Negro deveria ter ido para ele. Mas com quem poderia falar? Ele se deixara cercar por cobras.

— O que ele está fazendo aqui? — Gilbert perguntou, apontando para o rei consorte.

William sorriu.

— Faltam conselheiros no reino, irmão. Você deveria se considerar sortudo por eu estar aqui e disposto a servir.

— Este reino não tem reis — Gilbert disse. — É um matriarcado, e você não se esquecerá disso.

— Claro que nenhum de nós se esquecerá disso — Francesca Arron pigarreou. — Nem mesmo com a infeliz loucura que recaiu sobre nossa rainha.

— Muito infeliz — Sonia ecoou e se remexeu. Ela parecia estar desconfortável, e Gilbert notou que ela havia entrado na sala mancando bastante. A boa Rosamund deve ter feito isso antes de... Ele fechou os olhos e estremeceu.

— O povo não vai aceitar isso — Gilbert tentou. — E é perigoso. Eles vão querer sua rainha, ou vão querer matá-la e...

— Eles nunca vão querer matá-la. — Francesca olhou para ele com raiva. — A rainha é sagrada. A linhagem da rainha é sagrada, como sempre foi. Ela será cuidada e mantida, segura na Torre Oeste até que as trigêmeas venham.

— Alguns questionarão...

— Eles *a* questionarão. Eles ouviram os rumores do ciúme. Eles sabem que ela secretamente perseguia aqueles que achava que a estavam traindo.

— Então Elsabet ordenou a execução de Catherine Howe, que ela considerava traidora, e de sua própria Comandante da Guarda? Que razão ela tinha para executar os Denton? A casa de seu novo favorito?

Francesca apertou os lábios.

— A mesma razão que tinha para matar a criada. Ela viu a criada saindo do apartamento do menino Denton e ordenou que ele fosse morto quando fugiu.

Gilbert a encarou.

— Esse é seu plano? Sua explicação? Sua punição da rainha, e para quê? Que grande crime ela cometeu? — Ele cerrou os olhos para William. — Que ela quis um consorte indigno? — Ele se virou para Sonia. — Que ela não nomeou você Comandante da Guarda? — Ele olhou com raiva para Francesca. — Que ela não fez o que mandaram?

Ele se afastou da mesa, levantando-se.

— Eu não vou fazer parte disso — ele disse e saiu. Não demorou muito tempo para ele ouvir os passos macios de Francesca, como os de um gato, atrás dele no corredor.

— Nós dois sabemos que você voltará — ela disse. — Quando você tiver sofrido o suficiente e voltar à razão. — Ela colocou seus dedos gentis nos ombros dele e tocou seu rosto. — Acabou. Elsabet perdeu. Mas a ilha ainda precisa de você, Gilbert. E ela gostaria que você continuasse por perto.

— Como você pôde fazer isso?

— Eu não tive escolha.

— Não teve escolha?

— Eu só queria que ela escutasse. Que fosse uma boa rainha e reinasse de forma apropriada com o meu... o nosso conselho. Mas o que eu podia fazer depois que ela mandou espiões atrás de mim? Me deixar encurralar? Me deixar ser enforcada? Eu lhe disse isso antes: há poucas formas misericordiosas de matar um envenenador. Então, em vez disso, eu lutei. — Ela lhe deu um tapinha no braço e se virou para sair.

— Você me envenenou também? — ele gritou para ela. — Você apagou minha dívida junto com a dela sem que eu soubesse? É por isso que eu não vi nada disso?

Francesca parou como se estivesse tentando decidir se deveria mentir. Então, ela suspirou.

— Não, Gilbert. Eu não envenenei você. Na verdade, escolhi pensar que foi um sinal da Deusa ela não ter lhe mandado nenhum aviso. Talvez seja... — Ela inclinou a cabeça. — O que ela queria que acontecesse.

A TORRE OESTE

A criada deixou a bandeja com pão e ovos cozidos. Ela serviu água e uma xícara de chá fumegante.

— Aí está, Rainha Elsabet — ela disse, como se a rainha fosse uma criança. Ela colocou o guardanapo no colo de Elsabet e até colocou seu cabelo atrás da orelha. — Você está muito bonita hoje. Depois que tomar o café da manhã, nós escovaremos seu cabelo e colocaremos um vestido novo.

Ela começou a cantarolar e Elsabet levantou os olhos para ela enquanto comia. Estava sem apetite, mas se não comesse, eles a forçariam, e ela não tinha forças para brigar.

— Você se parece um pouco com ela — Elsabet disse, e a criada mal levantou os olhos.

— Com quem?

— Com Bess. — Ela não parecia, não de verdade. Bess era linda. Muito mais bonita do que essa menina com cara de rato que com certeza tinha sido escolhida para servi-la porque era um tanto lenta e inocente, mais do que por qualquer outro mérito.

— Não vamos falar deles, minha rainha. Você sabe o quanto fica chateada.

— Já fizeram as fogueiras? — Elsabet continuou. — Para os Denton? Eles os trarão até aqui e os queimarão na capital como eu pedi?

— Rainha Elsabet...

— Diga-me!

A criada deu um pulo e olhou para ela com olhos arregalados. Elsabet rapidamente sorriu e adoçou a voz.

— Por favor. Me diga.

— Eu acho que os Denton foram queimados juntos em Prynn — ela disse. — É o que eles dizem.

— Eles. — Elsabet riu. — Sempre “eles”.

Houve uma batida na porta e a criada se apressou para atender. Quando ela voltou, trouxe Gilbert atrás de si.

— Aqui está o Senhor Lermont para animá-la.

A criada os deixou sozinhos e Gilbert veio abraçá-la, beijando suas bochechas.

— Aterrorizando-a como sempre, eu vejo.

— Nunca pararei.

— Não foi culpa dela.

— Foi culpa de todos, Gilbert. Minha. Sua. Você sabe que é verdade. É por isso que você volta depois de eu dizer barbaridades para você. Por culpa.

— Por amor, Elsie. Principalmente por amor.

— De que serve o amor na prisão? — Elsabet deu uma última mordida no ovo e limpou a boca. Então, ela fez um gesto para que ele se sentasse. — O que você trouxe para mim? O que é isso embaixo do seu braço?

Gilbert sorriu e pegou a mão dela. Ele a levou para o quarto e começou a abrir o pacote que estava carregando, desdobrando-o até que estivesse aberto sobre sua colcha.

— Algo que acho que você vai gostar — ele disse. — Algo que eu contrabandeei.

Elsabet olhou para baixo e prendeu a respiração. Era a pintura de Jonathan, o retrato dela para o Solstício de Verão, pintado em cores vibrantes, verdejante e vivo, com frutas reluzentes e os rostos felizes dos cachorrinhos.

— Eu tirei do apartamento dele antes que fosse saqueado e revirado. É realmente adorável. Ele era... muito talentoso.

Elsabet encarou a pintura e pegou Gilbert pelo braço. Que época perfeita o Solstício de Verão parecia agora, depois de tudo que havia acontecido. Todo aquele calor e inocência. Olhando a pintura, ela quase

podia se imaginar naquela época, com Bess ao seu lado e Rosamund sempre buscando perigo.

Ela esticou o braço e correu os dedos pelo Volroy, inteiro e completo na pintura.

— Ele teve tempo de terminá-la — ela sussurrou.

— O quê? — Gilbert se virou e olhou para ela. — Ah, Elsie. Eu queria que a agradasse. Eu achei que você fosse gostar.

Elsabet sorriu e apertou o braço dele. Ela secou as lágrimas em seu rosto.

— Eu gostei, Gilbert. Eu amei.

AS JOVENS RAINHAS

PRÓLOGO

O CHALÉ NEGRO

O dia do nascimento das rainhas que viriam a ser conhecidas como Mirabella, Arsinoe e Katharine estava quieto, banal e sem qualquer prenúncio. Não havia nenhum vento forte urrando pela chegada de uma rainha elemental. Nenhum cardume ensanguentado de peixes mortos batendo contra as pedras para anunciar a vinda da dádiva da guerra. Por toda Fennbirn, da capital de Indrid Down até as menores vilas, anciões e videntes – estes, em número cada vez menor – faziam adivinhações e bebiam poções alucinógenas. No fim, apenas desmaiavam de bêbados e viam os ossos do oráculo no chão, formando padrões sem sentido. As trigêmeas nasceram, no silêncio e com privacidade, com apenas a rainha, o rei consorte e a parteira como testemunhas.

Três bruxas sombrias, o continente diria. Nascidas de uma rainha em decadência. Uma delas ascenderia e se tornaria a nova rainha. Talvez a mais forte das três. Talvez a mais esperta. Ou talvez a mais sortuda.

— Foi um parto fácil — a parteira disse. — Você teve sorte, Rainha Camille.

— Fácil — Camille respondeu com desprezo. — Fácil para você, Willa. — Mas, embora ela tenha sofrido, sentido dores e mal tenha conseguido manter os olhos abertos, sabia que poderia ter sido pior. Desde que descobriu a gravidez, Genevieve Arron, sua irmã de criação, encheu

sua cabeça com histórias de partos que haviam dado errado. No último dia de Camille no Volroy, logo antes de partir para dar à luz no Chale Negro, Genevieve havia falado tanto em sangue e em gritos que Camille quase desmaiou. Ela ficou congelada, como se isso pudesse evitar que as trigêmeas viessem. Não se moveu até que sua irmã de criação mais velha, Natalia, a puxou pelo braço e a conduziu até a carruagem.

— Não deixe ela te assustar, Camille — Natalia havia dito. — Rainhas dão à luz trigêmeas há milhares de anos.

— Mas nem todas sobreviveram — Genevieve continuava a atormentar. — Eu só estou tentando prepará-la para que ela possa identificar os sinais caso algo dê errado. Para que possa lutar pela própria vida.

Genevieve. Mais nova que a rainha e completamente mimada — e sempre tão venenosa quanto as cobras que elas usavam como adorno nas festas.

Camille deitou na cama do parto, lembrando-se de seus últimos dias no Volroy, enquanto Willa passava um pano molhado em sua testa.

— Bom — Willa disse, afastando o cabelo da rainha dos olhos —, você está respirando, não está?

A rainha olhou para os berços do outro lado do quarto, cada um com uma rainha adormecida. A primeira, Mirabella, a elemental, veio com tanta pressa, com tanta eletricidade, que Camille gritou sua dádiva antes mesmo de seu nome. Elemental Mirabella. Arsinoe, a envenenadora, não chegou muito depois; Willa mal tinha terminado de lavar e acomodar Mirabella em seus lençóis. Mas a doce e pequena naturalista, Katharine, lhe deu um descanso, levando tanto tempo que elas temeram que suas irmãs comesçassem a precisar de atenção.

— Eu consegui — Camille disse, quase deixando os olhos se fecharem. — Eu sobrevivi. E agora meu reinado acabou.

Quando acordou, os três berços haviam sumido, levados por Willa para o berçário no fim do corredor. No lugar deles estava uma cadeira e, jogado nela, roncando suavemente, seu rei consorte, Philippe.

O doce Philippe. Ele havia conquistado a mão de Camille na Caçada dos Cervos, quando ela não conseguiu escolher seu favorito dentre os pretendentes que os Arron haviam aprovado. Às vezes ela achava que esse tinha sido o único punhado de sorte que a Deusa tinha lhe dado. Embora tivesse pouco poder frente aos Arron, Philippe amava Camille, e tudo o que ela sempre tinha sonhado fora uma vida longe da ilha com ele. Quando as trigêmeas vieram depois de um reinado de apenas sete anos, ela ficou exultante.

Eles iriam embora agora, trocariam a ilha pelo mundo. Lá fora, ela seria apenas uma mulher, livre para seguir seu próprio caminho. Tudo que ela precisava abandonar era a coroa, que já tinha arrancado da cabeça e jogado fora durante o parto.

Camille olhou ao redor do quarto. Willa havia feito um belo trabalho de limpeza enquanto ela dormia. Os panos ensanguentados e as bandejas com facas afiadas haviam sumido. Os panos, queimados, e as facas, colocadas de volta no estoque, caso o parto da próxima rainha não fosse tão fácil e demandasse uma cesárea. Um doce cheiro de incenso limpou o odor de suor e parto, e havia um fogo morno e crepitante na lareira.

Lá fora, a noite de dezembro era escura, apenas o mais leve traço de luar refletido na neve. Camille passou sua perna com cuidado pela borda da cama e fez uma careta. Ela parou para se recompor, segurou a barriga flácida e vazia com uma das mãos e, com a outra, segurou-se para levantar. Sua visão enevoou e, por um momento, ela temeu que Philippe fosse acordar com o som de seu corpo caindo no chão. Mas a fraqueza passou. Jogando um cobertor nos ombros, como se fosse um xale, ela saiu.

— Aonde você vai, meu amor? — Philippe, mais desperto do que Camille pensara, segurou seu pulso suavemente quando ela passou. — Você deveria descansar. Nós temos uma longa jornada amanhã. — Os olhos dele pousaram em seu rosto pálido e baixaram para o chão, para a pequena trilha de gotas de sangue que ela deixara.

A rainha lhe deu um tapinha e ele a soltou. Suas pálpebras pesadas se fecharam. Ele ainda era, mesmo depois de anos na ilha, um homem do continente, e acreditava que ela sabia mais sobre esses mistérios femininos.

— Só vou dar uma olhada nelas.

— Devo ir com você?

Ela sacudiu a cabeça. Philippe era um consorte forte, mas tinha o coração mole demais para isso. Se ele visse as rainhas trigêmeas, poderia querer segurá-las. E se as segurasse, poderia começar a sentir que elas lhe pertenciam, em vez de pertencer a Fennbirn.

A Rainha Camille seguiu pelo corredor de pé direito alto do Chale Negro, uma das mãos na parede para se equilibrar. As luzes no quarto das crianças emanavam um brilho morno e amarelo e, lá dentro, mais fogo crepitava contra o frio.

Assim como o rei consorte de Camille, Willa dormia em uma cadeira. Não com a mesma beleza, entretanto. A boca de Willa estava aberta, e sua cabeça estava caída para um lado. Seu ronco parecia o guincho animado de um porco em busca de cogumelos.

Camille passou por ela em silêncio. As rainhas recém-nascidas estavam em seus berços, vestidas de preto com detalhes da cor de suas dádivas. Botões azuis para a elemental Mirabella e um bordado roxo para a envenenadora Arsinoe. Belas fitas verdes para a pequenina naturalista Katharine. Até os berços tinham sido decorados com itens associados a cada dádiva: uma almofada em forma de nuvem, um móvel com cobras e aranhas e uma colcha bordada de flores.

— Aproveitem as cores, pequenas rainhas — Camille sussurrou. — Logo tudo será preto, preto, preto.

Ela olhou para seus rostos adormecidos, vermelhos e enrugados, aparentando raiva desde o nascimento. Ela não as culpava. Suas vidas não seriam fáceis. E duas delas terminariam.

Camille era uma envenenadora, assim como a Rainha Nicola e a Rainha Sylvia que vieram antes dela. Três gerações de rainhas envenenadoras. Quase uma dinastia. Mas em vez de se fortalecer, parecia que o sangue das rainhas envenenadoras afinava. Os Arron floresciam com seu poder, como outras famílias de envenenadores em Prynn e na capital. Mas Sylvia era mais forte que Nicola, e Camille era a mais fraca delas. Durante centenas de anos, as outras dádivas da ilha haviam enfraquecido: os elementais perderam o controle de um ou mais elementos, e os que tinham a dádiva da guerra perderam a capacidade de guiar armas com a mente. Os Familiares dos naturalistas ficavam cada vez menores. E os oráculos... A verdadeira dádiva do oráculo tinha quase desaparecido, graças a gerações de rainhas oráculo afogadas.

Algo estava mudando na ilha e na linhagem da qual Camille era parte. Sendo rainha, Camille podia sentir. Não que alguém fosse acreditar nela. Os Arron nunca ouviam quando ela falava em instinto da realeza. Eles nunca a ouviam sobre nada. Tinham lhe atormentado por toda a vida, desde que a tiraram daquele chalé. Eles a envergonhavam quando ela falhava. Não a deixavam governar. A cada rainha envenenadora, a rainha em si importava menos. A linhagem das rainhas não era importante, os Arron diziam. Eram os envenenadores que a Deusa favorecia.

Em seus berços, as rainhas emanavam a aura da dádiva que cada uma carregava, uma energia – como um aroma ou uma batida de coração – que as ligava à Deusa e despertava o sangue real em Camille. Era isso que a dizia que ela havia dado à luz, quando ela anunciava para Willa e as nomeava, em transe. *Era* como estar em transe. Em Arsinoe e Katharine a aura era fraca. Em Katharine, mal era perceptível. Mas Mirabella brilhava.

— O que está fazendo aqui, Rainha Camille?

Camille teve um sobressalto. A voz de Willa atrás dela soou como a da senhora Arron.

— Nada. — Ela endireitou os ombros enquanto Willa se levantava de sua cadeira e andava lentamente até ela. — Estou apenas olhando para elas. Os mensageiros foram enviados? — Os mensageiros, chamados para o Chalé Negro quando ela entrou em trabalho de parto, para levarem as notícias a Rolanth, Indrid Down e Wolf Spring. Às cidades elemental, naturalista e envenenadora, respectivamente.

— Sim. Eles saíram ao pôr do sol.

Camille mordeu a parte interna da bochecha. Um mensageiro para Indrid Down já nem era realmente necessário. Os envenenadores tinham bastante certeza de seus destinos.

Camilla apontou a cabeça para o bebê com o cobertor azul-escuro.

— Ela, ali. Mirabella. Ela será a próxima rainha.

Willa, ainda servindo aos ensinamentos do templo, mesmo que já não fosse uma sacerdotisa, fez um gesto devoto, tocando seus olhos e, em seguida, o coração.

— A Deusa decide — Willa disse. — Apenas ela decide quem governa a ilha.

Camille respirou fundo. As paredes do chalé no qual as rainhas passariam seus seis primeiros anos – no qual ela havia passado seus seis

primeiros anos — se fechavam, espremendo-a para fora. Aqui, elas brincariam e teriam seus cabelos trançados. Aqui, aprenderiam a andar e a correr e, se tivessem sorte, a não se amarem demais.

— Ela decide — Camille disse. — Mas a rainha sabe. E eu me enganei com essas duas. — Ela apontou para a envenenadora Arsinoe e para a naturalista Katharine. — Arsinoe é a naturalista. E Katharine... na verdade é envenenadora. — Ela quase disse que ela tinha a dádiva da guerra, apenas para negar qualquer rainha aos Arron. Mas eles nunca acreditariam nisso. Eles investigariam e chegariam perto demais.

— Camille... — Willa se virou para ela e sacudiu a cabeça.

Camille tensionou o maxilar. Ela ainda estava sangrando, exausta. Pelo que sentia, estava morrendo lentamente. Mas se forçou a parecer forte. Para parecer a rainha que era, pelo menos uma vez.

— Mirabella será a rainha. Eu posso ver. Sentir. E ela será uma das grandes. As outras duas não vão sobreviver por muito tempo. A dádiva de Katharine é tão fraca que nunca vai amadurecer totalmente. E Arsinoe... Outra rainha envenenadora não se sentará no trono. Mas se os Arron tiverem uma envenenadora com dádiva, eles a farão sofrer. Treinando-a e diminuindo-a. Batendo nela quando errar algo. Como fizeram comigo.

— E o que eles farão com a Rainha Katharine? — Willa perguntou.

— O que eles podem fazer com uma garota sem dádiva além de deixá-la em paz? — Camille engoliu em seco. Era mentira. Os Arron poderiam fazer muitas coisas com uma garota sem dádiva. Tudo o que fizeram com Camille e ainda pior. Mas pelo menos eles falhariam. Pelo menos não teriam uma rainha vencedora.

Ela olhou para a pequena Katharine. Aquela criança já estava condenada.

— Troque os vestidos, Willa. Para que sejam os certos.

Willa olhou de Arsinoe para Katharine.

— Se Mirabella é a rainha escolhida, então isso não vai importar.

— Não vai importar — Camille concordou. Ela conhecia Willa desde que era criança. Willa era jovem na época, mergulhada em seu treinamento de parteira, quando comandou o nascimento de Camille e suas irmãs. Foi ela quem as criou. Ela as enchia de doces e presentes. E elas eram felizes.

— Você cuidou tão bem de mim, Willa — Camille disse. — Você me amava.

— Eu amava todas vocês.

— E ainda me ama — Camille apertou os lábios. Durante os pesadelos, os gritos, o cobertor sombrio de depressão que se enrola em volta do pescoço de uma rainha conforme o nascimento se aproxima. Durante os dias cheios de tremores, quando Camille tentou arrancar os bebês de sua barriga com as próprias unhas, Willa esteve lá. Ela fez chás para acalmá-la. Disse-lhe que isso era normal, que a gestação de rainhas sempre era assombrada pelas rainhas caídas que vieram antes, e que o Chalé Negro era cheio de fantasmas. Até mesmo as irmãs envenenadas de Camille.

Foi a primeira vez que Willa falou nas irmãs de Camille. Depois que eram mortas, nunca mais se falava nas rainhas caídas. Elas eram esquecidas, exceto pelas famílias que as tinham educado, e pela irmã que sobrevivia. Camille havia sobrevivido e se tornado rainha. Suas irmãs, não. Irmãs de uma verdadeira envenenadora, elas haviam morrido no mesmo dia, na mesma hora, em agonia. Cuspindo sangue.

— Eu ainda te amo e sempre amarei, Camille — Willa disse. — Mas não posso fazer isso.

— Eu farei — Camille pôs a mão no ombro de sua parteira. — Eu sei que tirei minha coroa e a atirei em você. Mas ainda sou a rainha.

De manhã, a Rainha Camille e seu rei consorte se prepararam para deixar a ilha. Era algo estranho, arrumar as próprias malas e vestir sozinha seu corpo dolorido. Mas ela se acostumaria.

— Tem certeza que você está bem? — Philippe perguntou. Ele olhou para as manchas de sangue no chão, para a piscina de sangue na cama, manchando suas roupas e os lençóis. — Nosso navio pode esperar, se você precisar descansar mais tempo. Eles não partirão sem nós.

— Vamos embora hoje — Camille disse. Ela se sentia mais fraca nessa manhã do que tinha se sentido durante a noite, enquanto observava as

novas rainhas. Mas seu tempo na ilha havia acabado. E ela tinha feito o que podia para facilitar o caminho delas.

Não foi por elas que você fez isso, a consciência dela lembrou, foi por você e por vingança.

— Foi pela ilha — ela murmurou. E não era uma vingança realmente satisfatória, já que ela não estaria lá para testemunhá-la.

— O que você disse? Camille...

— Eu disse que estou bem. O sangramento é normal. — Ela tinha começado a tremer de leve. O sangramento era um pouco forte, talvez, mas ela não tinha certeza. Nunca havia dado à luz trigêmeas, afinal.

Philippe a observou, então suspirou e concordou com a cabeça. O quão aliviado ele deveria estar de voltar para o mundo. Seu mundo, onde os homens comandavam. Ela ficava apreensiva às vezes, pensando em como ele mudaria. Philippe a amava na ilha dela, mas lá fora tudo poderia ser diferente. Ele poderia esperar que ela fosse algo que ela não fazia ideia de como ser.

— Vou levar isso para a carruagem — ele disse, pegando as últimas malas. Camille o seguiu, mas se demorou no corredor, perto da porta aberta do berçário, onde Willa embalava e confortava as novas rainhas.

Diziam que a antiga rainha ficava feliz por partir. Feliz por ter terminado. Que o parto das rainhas e sua partida eram feitas por instinto.

Mas quando Camille olhou para os bebês, ela desejou, por um momento, ter mandíbulas como as das suas adoradas cobras, para que pudesse abri-las e engolir suas filhas de volta para dentro de seu coração.

— Como vou conseguir ir? — Ela sussurrou.

— Você vai esquecer — Willa disse, suavemente. — Assim que seus pés cruzarem o umbral. A cada passo que você der para atravessar a ilha. Quando entrar no barco. Você vai esquecer.

— Eu... me preocupo com elas.

— Mesmo que você já saiba qual delas vai ser coroada? — Willa levantou o olhar, mas Camille não conseguiu encará-la. Mirabella era a mais forte, é verdade. E noite passada, com o sangue do parto correndo por suas veias, ela pensou ter visto algo do futuro da pequena rainha. Algo escolhido. Mas à luz do dia, Camille lembrou que ela era apenas um recipiente usado. Ela sabia o que as rainhas eram, mas seus destinos pertenciam a elas. Ela não era um oráculo.

— Você vai trocá-las de volta, depois que eu me for? — Camille perguntou, então uma dor cortante invadiu seu corpo e ela gritou. Willa deixou as bebês em seus berços e veio segurá-la pelos ombros.

— Sua pele está fria — Willa disse. Ela olhou para o rosto de Camille e subitamente a abraçou e beijou sua testa. — Farei como minha rainha deseja.

O DIA DA REIVINDICAÇÃO

SEIS ANOS DEPOIS

WOLF SPRING

Juillenne Milone observa as cores dançando na pérola, colhida, fresca, de uma ostra azarada naquela manhã. Ela a segura contra a luz para admirar os verdes, rosas e dourados suaves. É muito bonita e, para falar a verdade, ela preferiria não abrir mão dela. Mas tia Caragh diz que uma oferenda não faz sentido se é algo que você não queria, de qualquer forma, então ela aperta os lábios e escolhe o lugar, bem no meio do canteiro de dentes-de-leão amarelos. Ela cava fundo e enterra a pérola, sujando o rosto e, de alguma forma, seu cabelo castanho-escuro também. Juillenne reza para que as jovens rainhas que ela e a tia Caragh verão hoje sejam abençoadas, porque tia Caragh mandou que o fizesse.

Por um momento, a terra sob suas mãos pulsa com calor, mais forte que o sol que brilha sobre sua cabeça, e ela sente a Deusa da ilha correndo em seu sangue, fazendo com que ela e tudo o que o solo toca sejam apenas um: as raízes, a pérola e o vento. Então o momento passa e ela se levanta.

Juillenne tem seis anos. Seis e meio, na verdade. Ela nasceu em dezembro, assim como as rainhas, nove meses depois das fogueiras do Beltane. Na ilha, o outono passa com barrigas pesadas sendo pintadas para a lua da colheita, na esperança de que bebês concebidos no Beltane sejam tão fortes quanto as rainhas. Essas crianças sortudas são chamadas de As Crias do Beltane, e avô de Jules, Ellis, diz que dar à luz uma foi a única coisa que sua mãe, Madrigal, fez de acordo com as leis da ilha. Ainda assim, a magia não pegou. Jules nasceu bonita, com um olho verde e o

outro azul, uma pele bronzeada e cachos escuros e grossos. Mas era pequena, fraca, e ficou doente praticamente no segundo em que conseguiu respirar. Um mau sinal para uma criança nascida na mais forte família de naturalistas de Fennbirn que, em três gerações, não teve mais do que meia dúzia de doenças.

Ou pelo menos é isso que os seus avós dizem. Ela, é claro, não se lembra; não mais do que se lembra de sua mãe, que deixou Jules e a ilha quando a menina tinha apenas três anos. Outro mau sinal.

Jules se afasta dos dentes-de-leão e limpa a sujeira de suas mãos nas calças, nas laterais e atrás, para que tia Caragh não veja. Atrás dela, a grama farfalha e seu melhor amigo, Joseph Sandrin, a empurra e diz:

— Bu!

— Eu te ouvi chegando — ela diz.

— Não ouviu nada. — Ele se abaixa para examinar o local em que ela enterrou a pérola e Jules prende a respiração enquanto espera a aprovação dele. Mesmo tendo apenas seis anos, ela sabe que algo em Joseph é especial. Algo nele não é como nos outros garotos, e o estômago dela se contrai com esse pensamento. É algo animador, mas que também assusta. Então ele a observa com os olhos apertados e o que quer que ela tenha sentido desaparece. Ele é apenas Joseph de novo.

— Foi a que eu falei, não foi? — ele diz.

— Talvez.

— Foi sim. Foi a ostra que eu escolhi. A que eu trouxe pra você.

A ostra que ele tinha trazido para ela era deliciosa e salgada, mas não tinha nenhuma pérola. Embora ele tenha nascido em uma família praticamente sem dádiva (seu irmão mais velho, Matthew, consegue encantar peixes), Joseph acredita que tem um toque da dádiva da visão, e ninguém na ilha consegue convencê-lo do contrário.

Eles ficam parados juntos, no jardim de tia Caragh, com seus rabanetes, tomates verdes, dentes-de-leão e girassóis. Duas crianças com calças sujas e camisas azuis iguais. Joseph e Jules, inseparáveis desde o nascimento.

— Quando você tem que ir? — ele pergunta.

— Não sei. Em breve — Jules olha para a casa. A estação começou quente, e a Familiar de tia Caragh, uma esbelta cachorra marrom chamada Juniper, está deitada em um punhado de terra para se manter fresca. São

só os quatro na casa agora, apenas Jules e tia Caragh, vovó Cait e vovô Ellis. A bisavó Sasha morreu durante o sono e foi queimada antes da primeira neve. Suas cinzas alimentam os dentes-de-leão onde Jules e Joseph agora pisam. Jules estica o braço e acaricia uma pétala amarela e aveludada. Nascimento, morte e renascimento. São palavras que ela conhece, e ela pensa, com um pânico súbito, que são palavras que ela deveria compreender. Que de alguma forma importante, estão ligadas a esse dia e a essas rainhas.

— Eu não sei porque são vocês que têm que recebê-la — Joseph diz. Ele nunca gostou muito de mudanças e passou as últimas semanas tentando pensar em como evitar que Jules recebesse outra garota.

— Porque ela é uma naturalista — Jules diz. — E porque nós somos os guardiões.

— Minha mãe e meu pai dizem que ela não parece ser nada.

— Bom, tia Caragh diz que é assim que um naturalista se parece — ela responde, empurrando-o.

Joseph desdenha.

— Ela não vai passar o tempo todo com a gente — ele diz, meio como uma pergunta, meio como uma exigência, e olha para Jules com seus olhos azuis tempestuosos.

— Quase nada. É uma rainha. Mas precisamos ser gentis com ela.

— Porque ela é uma rainha.

Três rainhas sombrias em um vale vêm ao mundo. Mas só uma reinará. Jules sabe o poema de cor. Mas, em sua mente jovem, é apenas um poema. Ela nunca pensou nas outras rainhas ou em quem são. Para onde elas vão.

Tia Caragh chama Juillenne por uma janela aberta.

— Acho que você tem que ir colocar um vestido — Joseph diz. — Ainda bem que eu não preciso.

— Ainda bem mesmo — Jules diz, e eles riem.

— Quer pegar o barco e ir nadar quando você voltar? Ou podemos só nadar nas docas.

— Não sei. Tia Caragh diz que a viagem vai ser demorada. E quando nós voltarmos, *ela* estará aqui.

Joseph franze a testa.

— Bom... então você vai ter que trazê-la junto, eu acho. Ela não pode ser tão ruim assim. — Ele atravessa o quintal e acena quando chega na

borda e Jules acena de volta. Ela não pode ser tão ruim assim, ele diz, mas do que ele sabe? A menina é uma rainha. Mesmo que digam que é uma naturalista, ela ainda pode ser terrível.

Jules estende a mão até o canteiro de grama azul que fica ao lado dos dentes-de-leão, sob a sombra das árvores. Por um momento, uma energia suave se move de seu centro para a ponta de seus dedos e ela respira, sem medo, impaciente por não poder amadurecer os campos como seus avós, ou fazer uma rosa florescer na sua mão como Caragh.

A grama se vira para ela como se ela fosse o sol, mas não fica mais alta. Ainda não. Quando sua dádiva se desenvolver por completo, ela poderá cultivar um jardim como esse, sem nada além de desejos e convicção. Vovô Ellis diz que a rainha naturalista Bernadine, cujo Familiar, um lobo, deu nome à cidade de Wolf Spring, podia brotar um campo inteiro só com um pensamento. Mas isso foi há muito tempo e, além disso, Jules não é uma rainha.

— Juillenne! — Caragh grita. — Pare de enrolar no jardim!

Jules corre para casa e pega no colo o cão-Familiar de seu avô Ellis, Jake, para usá-lo como um escudo branco e peludo contra a impaciência de Caragh.

O CHALÉ NEGRO

Willa observa as jovens rainhas enquanto elas se arrumam no quarto da trigêmea mais velha, Mirabella. Embora o quarto, na verdade, pertença a todas elas. Nem Arsinoe nem Katharine passaram uma noite inteira em seus próprios quartos desde... Bem, desde que trocaram seus berços por camas.

— Não — Arsinoe diz, jogando seu vestido preto formal no chão. — Não fica muito bem.

— Fica, sim — Mirabella diz. Ela o pega da mão da pequena Katharine, que o apanhou do tapete. — Fica como deve ficar.

— Você saberia disso se um dia usasse um — Katharine acrescenta e mostra a língua.

As meninas estão sendo difíceis. Katharine gosta de seu vestido, mas não quer que seu cabelo seja trançado. O cabelo de Mirabella está pronto, mas ela está insatisfeita com o cinto. E Arsinoe... Arsinoe recusa tudo.

Isso, Willa supõe, é sua culpa. Ela as criou de acordo com suas dádivas designadas. Deixou que Arsinoe corresse livre pelos bosques, se aventurasse por riachos e mergulhasse atrás de lagostins. A doce Katharine foi adornada e mimada, e todas elas a trataram como seu tesouro especial. Quanto a Mirabella, Willa se lembra bem das palavras da rainha. Mirabella é a escolhida. Forte. Nascida para reinar. Isso aparece na forma como ela trata as irmãs, sempre cuidando delas, sempre agindo como mediadora. Ou talvez isso também se deva à forma como ela fora criada. A profecia de

Camille era impossível de esquecer. Tanto que, embora não devesse, Willa acabou preparando mais Mirabella para a coroa do que suas irmãs. Assim que a garota aprendeu a ler, Willa começou a passar horas na biblioteca do chalé com ela, enchendo-a com a história da ilha.

Mas hoje é o dia. O Dia da Reivindicação, quando famílias de elementais, envenenadores e naturalistas virão para levar suas rainhas embora. Ela sempre soube que esse dia chegaria. Mas seis anos é muito tempo, cheio de longos dias de crescimento e risadas, e Willa passou a encarar as rainhas como dela. Suas rainhas. Suas meninas. Mais ainda do que com a Rainha Camille, talvez porque agora já estava mais velha e essa geração seria sua última.

— Rainha Arsinoe, venha cá.

Arsinoe obedece, se arrastando pelo quarto até ficar de frente para Willa, sua cabeça inclinada para o lado. Willa estende a mão e limpa uma mancha de sujeira da bochecha da menina. Antes do dia terminar, Arsinoe vai dar um jeito de ficar imunda. Ela leva tanto jeito para a coisa que Willa quase acredita que Camille realmente tenha confundido as dádivas e ela seja mesmo uma naturalista, feita para cavar o solo.

— Levante os braços — Willa diz. — Tire esta camisa.

— Posso usar calças embaixo do vestido, pelo menos?

— Não. Hoje não. Mas você vai para casa com os naturalistas. Boas pessoas, trabalhadoras, que vivem perto do mar. Você vai gostar de lá. E eu duvido que eles te façam usar roupas formais, exceto nos dias festivos.

Arsinoe suspira e deixa que Willa tire suas roupas e coloque o vestido sem se mexer demais. Quando ela termina, a rainha vai obedientemente até suas irmãs para que os nós de seus cabelos possam ser penteados.

Talvez devido à tensão do dia, Katharine começa a chorar, e é difícil para Willa não consolá-la. Mirabella e Arsinoe param, como se devessem se virar e tomá-la nos braços. Mas elas não fazem isso. É hora de Katharine aprender a se virar sozinha e, depois de um momento, ela para de chorar e enxuga o rosto.

Os Arron não vão gostar dela. Quando a dádiva do envenenamento não chegar, eles podem tratá-la ainda pior que do que trataram a Rainha Camille. Willa já temeu o que aconteceria quando as rainhas crescessem e as famílias comesçassem a desconfiar que haviam sido trocadas. Mas eles nunca suspeitarão. Rainhas com dádivas fracas – ou sem dádivas – já não

são incomuns, mas nunca se ouviu de uma rainha trocada no nascimento. E Willa sabe melhor que ninguém. Ela pesquisou toda a história.

— Mirabella é a escolhida — Willa sussurra e faz um gesto de devoção, resquício de seus dias de jovem sacerdotisa, antes de sentir a Deusa a puxando para o serviço no Chalé Negro. — E se ela é a escolhida, as outras dádivas não importam.

Isso pode não chegar a ser um problema. Nem Arsinoe nem Katharine mostraram o menor sinal de dádiva, seja sua verdadeira ou qualquer outra, enquanto os elementos de Mirabella apareceram aos quatro anos de idade. Talvez antes disso, mas foi quando Willa a viu brincando com as chamas das velas pela primeira vez, apagando-as e as acendendo de volta com seu pequeno dedo pontudo. Outros elementos vieram depois: um tremor no chão quando ela se assustava ou o céu carregado quando ela estava nervosa, como hoje.

Então parece que a Rainha Camille estava certa.

Katharine, com os olhos secos, vai até o espelho que está ao lado das irmãs e rapidamente organiza as escovas, pentes e fitas na penteadeira. Ela é uma rainha tão bonita e delicada. E é um doce, apesar de ser mimada.

— Você está estranha com o cabelo assim — ela diz para Arsinoe.

— Você está estranha *o tempo todo* — Arsinoe rebate, e Mirabella puxa a trança dela.

— Sem brigas. — Mirabella pega um pedaço de fita preta. — É nosso último dia juntas.

— Mas nós vamos nos ver às vezes. Nos festivais. — Arsinoe diz.

— Nós vamos nos ver quando tivermos crescido — Mirabella a corrige. — Foi isso que Willa disse. Quando formos altas.

— Então nunca veremos Kat de novo. Ela nunca vai ser alta.

— E você nunca vai ser esperta! — Katharine sussurra, e Mirabella ri. Elas são tão diferentes, em temperamento e aparência. A ruga entre as sobrancelhas de Arsinoe apareceu quando ela tinha dois anos. Quando Mirabella perdeu as bochechas de neném, seus ossos delicados e seu pescoço fino realmente a fizeram parecer a mais velha. E os olhos enormes com cílios pesados de Katharine eram impossíveis de deixar passar. Desde que elas aprenderam a engatinhar, Willa não precisava usar cordões ou botões coloridos para diferenciá-las.

— E se não gostarmos deles? — Katharine pergunta. — As pessoas que vêm nos buscar?

— Você vai — Mirabella diz. — Você vai para Indrid Down. É a capital! Um dia nós vamos te visitar lá e você vai nos mostrar tudo.

Willa se vira para deixá-las sozinhas. As famílias chegarão logo e ela ainda precisa se aprontar. A risada das jovens rainhas ecoa, seguindo-a pelo corredor.

— Aproveitem seu último dia como doces meninas — ela sussurra. — Porque, quando se virem de novo, vocês não se lembrarão de nada daqui.

A REIVINDICAÇÃO

Jules segue tia Caragh pelo caminho quase nunca usado que atravessa a floresta de Greenwood e leva ao Chalé Negro, onde as rainhas nascem. Não é uma estrada bem-cuidada, e os galhos e folhas grudam na barra de sua saia preta, arranhando o couro de suas botas. Quando voltarem para a carruagem, ela vai precisar tirar os pedaços de plantas das orelhas caídas e das almofadinhas das patas de Juniper.

— Mais rápido, Jules — tia Caragh diz, e Juniper se vira e late. Jules faz o melhor que pode, uma menina pequena com pernas pequenas, nada parecida com sua tia ou os retratos que viu de sua mãe, Madrigal. Todos em Wolf Spring falam das garotas Milone, com seus brilhantes cabelos castanho-claros e corpos esguios como os ramos de um chorão-das-praias. Isso faz Jules se perguntar quem era seu pai, bronzeado e pequeno, e se ressentir um pouco.

Na carruagem, Caragh vestiu seu melhor vestido preto: comportado, com gola alta e botões brilhantes. Ela passou óleo em seus pulsos e em sua testa e tirou o cabelo do pescoço. Embora o resto da família diga que Madrigal é muito mais bonita, para Juillenne, Caragh é linda. Jules tentou arrumar o cabelo como o de sua tia, mas o seu era selvagem e ondulado demais. Ele escapou dos grampos, e Jules se sentiu feia e comprimida pelo vestido.

— Por que não levamos a carruagem até o Chalé Negro? — ela pergunta.

— Porque a Reivindicação acontece no prado — Caragh responde. — E porque é um assunto de rainhas e, portanto, tudo é um ritual. Nós devemos chegar de direções diferentes e levá-las para direções diferentes.

— Isso é idiota.

— Sim, e você não é a única que pensa assim. — Caragh se vira e sorri de canto de boca. — Mas segure a língua quando chegarmos lá. Eles já estarão bravos o suficiente por termos vindo no lugar da vovó Cait.

Jules faz que sim, tentando não pensar no Chalé Negro e no que encontrarão lá. Ela prefere sonhar com a volta para Wolf Spring, em sair desse vestido quente, que a espeta, e na água fresca e gelada da Enseada de Sealhead, perto da casa de Joseph. Nos dias claros, ela pode ver até o fundo.

— Caragh!

Elas se viram e veem um garoto alto as seguindo pelo caminho, tirando folhas do cabelo e a poeira do colete e da calça. É Matthew, irmão de Joseph, onze anos mais velho que ele. Jules grita seu nome e corre para saltar em seus braços, e ele faz cócegas nela até ela ficar sem fôlego.

— Matthew! — Caragh exclama. — O que você está fazendo aqui?

— Senti sua falta. Então esperei um dia e te segui a cavalo.

— Mas você não deveria estar aqui. E ponha minha sobrinha no chão. Ela já tem muita influência dos Sandrin, flertando com Joseph o tempo todo. — Apesar de seu tom, Caragh vai até Matthew e o beija na bochecha.

— Ela não é a única Milone com um fraco pelos garotos Sandrin — ele diz.

— O que é flertar? — Jules pergunta.

— Nada — os dois adultos respondem ao mesmo tempo.

— O que você está fazendo aqui, Matthew? — Caragh pergunta. — De verdade.

— Eu realmente senti sua falta — ele diz. — E não podia te deixar vir aqui sozinha. Não com as multidões e caravanas que os Arron e os Westwood exibirão.

— Então Jules e eu sozinhas somos uma vergonha, mas você, Jules e eu não somos?

— Um Sandrin faz toda a diferença.

— Sabe, existe sempre a chance de chegarmos atrasados. Eu não fiz os cavalos correrem pelas montanhas.

Matthew balança a cabeça.

— As irmãs saem ao mesmo tempo — Ele se abaixa até Jules e faz uma careta. — Separadas aos gritos, como quando se tira um coágulo de uma ferida aberta.

— Matthew, isso é só uma história — Caragh briga enquanto Jules ri. — Uma história péssima.

— Jules aguenta. Ela já tem suas cicatrizes. E se quisesse protegê-la, não deveria tê-la trazido.

O vento, frio por ter descido pelo Cabo Horn e depois atravessado o vale, aumenta e sacode as árvores, fazendo galhos estalarem e folhas passarem voando pelo rosto de Jules.

— Parece que os Westwood chegaram.

Talvez seja a dádiva elemental ou talvez seja apenas uma brisa de primavera, mas de repente Jules se sente insignificante e puxa a longa e esvoaçante saia de Caragh.

— Não tenha medo, pirralhinha — Matthew diz. — Isso e mais uma nuvem de chuva provavelmente já acabam com metade do clã Westwood. — Mas assim que ele termina de falar, um grande raio parte o céu e atinge o topo rochoso da montanha.

Caragh pega Jules no colo e a apoia em seu quadril. Elas se movem rapidamente até o Chalé Negro e chegam ao prado sem trocar uma palavra. Jules não consegue se impedir de chorar, embora seu choro seja o mais baixo possível.

Elas olham para o vale lá embaixo. Mesmo dessa distância, o Chalé Negro é imponente sob as sombras de altos carvalhos. O quintal, um tanto selvagem, com flores silvestres e ervas daninhas, é ladeado por um largo córrego cuja fonte fica embaixo do Cabo Horn. O chalé em si não é realmente preto, mas feito de tijolos marrons com madeira branca e madeira escura. No calor de maio, nenhuma fumaça sobe pelas chaminés de seus telhados inclinados. Jules olha, espantada. Não é o que ela tinha imaginado, mas é grandioso. Então Caragh para subitamente e a coloca no chão.

Dois pequenos aglomerados de pessoas se encontram no prado, todos vestidos de preto. Um deles é liderado por uma mulher alta e imponente,

com o cabelo loiro platinado preso em um coque apertado. Seus rostos parecem congelados em expressões severas, suas cabeças inclinadas levemente para trás. O outro grupo é liderado por uma mulher usando uma capa macia e esvoaçante, com pedras azuis brilhantes costuradas na barra. No futuro, a única coisa que Jules lembrará dela serão as pedras preciosas e a forma nervosa como ela aperta as mãos.

— Milones — uma mulher mais velha diz. Ela tem a cintura e as pernas grossas, e seu cabelo loiro escuro é rajado de cinza. — Vocês estão atrasadas.

— Nos atrasamos, mas chegamos, parteira — Caragh responde, e Jules puxa seu braço. Com certeza ela não deveria falar assim com a mulher que comanda a cerimônia. — Embora eu lamente por tê-los feito esperar.

— Não podemos estar tão atrasados assim — Matthew diz. — Aquele show não foram os Westwood chegando?

A mulher velha olha para Matthew com severidade e Jules pensa que ele deve ser muito estúpido. Até ela pode ver que o raio deve ter vindo da garotinha alta, de olhos e cabelos pretos, se agarrando às irmãs, com uma nuvem de tempestade acima de si e suor em sua testa.

São as rainhas. Jules se pergunta se deve fazer uma medida, mas não consegue parar de olhar. As três garotinhas têm as mesmas cores, olhos e cabelos pretos, mas, fora isso, cada uma é diferente, nenhuma delas tem a mesma altura ou os mesmos traços. Elas têm quase a idade de Jules, mas parecem mais velhas, mesmo com as duas menores chorando muito.

— Já chega, Mirabella — a parteira diz.

A menina do meio sacode a cabeça. Suas tranças pretas voam por cima do seu rosto e pelos seus pequenos ombros.

— Não — ela grita. — Elas estão com medo, Willa!

— Essa é a nossa — a matriarca dos Westwood diz. Ela dá um sorriso desafiador para os Arron, agrupados na ponta ao lado.

— Claramente — a alta mulher Arron responde. — Causando tempestades e se comportando mal. Emotiva e pouco confiável, como tantos elementais.

Cada um dos orgulhosos rostos Arron tem uma ruga tão profunda no semblante que parecem cicatrizes. *Eles são uma família pálida*, Jules pensa, embora ela tenha ouvido outros descrevendo a beleza deles como “glacial”.

Depois de três rainhas envenenadoras, eles são a família mais forte e rica da ilha. Joseph contou para Jules uma vez que eles ficaram tão fortes que até seu sangue se tornou veneno, mas vovó Cait e vovô Ellis disseram que isso era apenas um boato. Nos velhos tempos, eles disseram, o sangue de um envenenador podia se tornar tóxico, mas apenas no caso de uma rainha. E mesmo assim era raro. *Como eles sabem?* Jules perguntou, imaginando de quem seria o trabalho de provar o sangue de uma rainha, e vovó Cait fez Ellis parar de atizar a curiosidade da menina.

No meio do prado, as três rainhas ouvem os insultos trocados entre suas novas famílias com olhos arregalados e assustados.

— Minha Deusa — tia Caragh murmura. — Elas não estavam preparadas para isso. Olhe para elas. São apenas crianças.

— Envenenadora Rainha Katharine — a matriarca Arron diz. Ela estende a mão para que a garota venha, mas as rainhas só se aproximam mais, então ela suspira e estala os dedos. — Willa... Que tipo de meninas mimadas você criou? Separe-as. Agora.

A parteira encara a grama. Ela parece tão cansada e triste, e Jules deseja que as garotas não sejam levadas. Que Willa não seja deixada sozinha dentro do Chalé Negro até que a próxima geração de rainhas nasça. É uma grande honra para uma sacerdotisa servir como Parteira, mas para Jules parece ser muito difícil.

— Vamos lá, Rainha Mirabella — Willa diz. — Solte-as. — Ela não olha para as pequenas rainhas quando diz isso, mas elas a olham, sentindo-se traídas e aos prantos.

— Me deixe ir com elas — a Rainha Mirabella implora. — Só até se ajustarem! — Ela agarra as irmãs com mais força e a mulher Arron limpa a garganta.

— Ah, faça isso você mesma, Natalia — Willa dispara.

Natalia Arron marcha à frente com suas pernas longas. Seu cabelo loiro está preso em um coque tão apertado que o vento elemental não pode tocá-lo. Para Jules, ela parece atemporal, forte e bonita demais para ser velha, mas dura e assertiva demais para ser jovem. Jules olha espantada quando a pequena Mirabella levanta o queixo e a encara.

— Você vai protegê-la — ela diz, apertando as irmãs. — E tratá-la como uma pedra preciosa?

A expressão no rosto de Natalia diz que ela gostaria muito de dar um tapa na cara da garota, mas ela não dá. Mirabella é uma rainha. Em vez disso, Natalia grita:

— Westwood!

E os Westwood avançam. Esse é o poder dos Arron depois de tantos anos comandando o Conselho Negro. Os Westwood agarram Mirabella pelos braços finos e a puxam. As rainhas menores começam a gritar, tentando alcançar a irmã, mas levam tapas nas mãos. Enquanto Mirabella solta sua raiva, Jules esconde metade do seu rosto na saia de Caragh. Os ventos aumentam, barulhentos o suficiente para cobrir as palavras de consolo dos Westwood, mas não o suficiente para encobrirem os gritos das rainhas.

Logo Mirabella se vai, arrastada para as árvores do Greenwood, e a tempestade vai embora com ela. No prado, as duas pequenas rainhas ficam juntas, abraçadas, seus braços cruzados nas costas uma da outra.

— Caragh — Jules sussurra e puxa seu braço.

— Shhh, Jules. Espere sua vez.

Mas Jules não consegue assisti-las sendo separadas de novo. E ela sabe o nome da rainha pela qual elas vieram. Arsinoe. Arsinoe, a naturalista, de quem elas deverão cuidar. E Joseph também, goste ele ou não. Ela se solta da tia e pisa no prado.

— Rainha Arsinoe? — ela chama, estendendo a mão.

As cabeças das rainhas se levantam dos ombros uma da outra. A mais alta das duas olha para ela e Jules sabe que é Arsinoe. Jules sorri. Ela aponta para si mesma e então para sua tia e Matthew.

— Eu sou Jules Milone. Essa é minha tia Caragh e nosso amigo Matthew. Nós viemos te levar para Wolf Spring.

O rosto de Arsinoe está marcado por lágrimas e sujeira. Ela olha para Jules, que estende a mão novamente. Então a rainha olha de volta para sua irmã menor e sussurra para ela.

— Não! — a garota menor diz. — Eles são maus!

— Você precisa ir, Kat — Arsinoe diz. — E seja boazinha. Nós vamos nos ver de novo.

Pela primeira vez, Natalia Arron nota Caragh, Matthew e Juillenne. Seus olhos passam por eles apenas por um momento, mas Jules não gosta desse olhar e se endireita.

— Bom — Natalia diz, agarrando o braço da rainha menor. — Venha, então. — Ela sai, arrastando Katharine consigo enquanto a menina olha para trás por cima do ombro, quase rápido demais para acompanhar.

De repente, Katharine puxa o braço com força.

— Arsinoe! — ela grita e Arsinoe acelera como um gato. Ela arranha de forma selvagem os braços e rosto de Natalia Arron, arrancando sangue antes de Willa conseguir agarrá-la. Quando os braços de Arsinoe estão bem presos, Natalia lhe dá um tapa no rosto.

Caragh e Matthew engasgam e Jules sente, em seu estômago, borboletas e vespas, medo e revolta.

— Ninguém bate em uma rainha — Willa ruge.

— Ela não é uma rainha coroada — Natalia diz. — É uma morta-viva. — Ela puxa Katharine, que chora, para fora do prado, e a procissão de Arron a segue para dentro do bosque.

— Venha, Caragh Milone — Willa diz, acariciando suavemente o cabelo preto e bagunçado de Arsinoe, que está suja de suor, catarro e lágrimas. Ela dá um beijo na menina e se vira para ir embora pelo prado, na direção do chalé. Ela criou as rainhas desde o nascimento. E agora seu trabalho acabou.

Arsinoe fica sozinha. Uma rainha não deveria parecer tão triste, perdida ou derrotada. Jules se aproxima e, quando Arsinoe não se move, ela dá mais um passo e envolve a garota em seus braços.

ROLANTH

A jornada do Chalé Negro à casa dos Westwood marca os dias mais miseráveis da vida de Mirabella. Ela sofre com a memória de seus últimos momentos junto de Arsinoe e Katharine. Ouve os ecos de seus gritos e sente os fantasmas de seus dedos agarrando as mangas de seu vestido. Quanto à sua nova família, eles mal falaram com ela.

— Endireite-a — a matriarca, Sara Westwood, diz. — Pegue água para a rainha. — Nunca “Mirabella”. Nunca chamando-a pelo seu nome ou falando diretamente com ela, nunca.

Quando ela finalmente parou de gritar, depois de muitos longos minutos na carruagem, eles ficaram aliviados. Eles a secaram e a arrumaram, como se ela fosse um cavalo. Nenhum deles ousou olhá-la nos olhos.

— Não falta muito para chegarmos em Rolanth — Sara Westwood diz para seu irmão, Miles.

— Nós deveríamos parar e mandar um cavaleiro na frente? — ele pergunta. — Para que as pessoas possam vir saudá-la?

Sara dá uma olhada na direção de Mirabella.

— Não tenho certeza. Depois do que aconteceu na Reivindicação e na frente dos Arron...

— Pelo menos eles não terão dúvidas a respeito do que ela pode fazer — Miles diz. — A força de sua dádiva.

— Ainda assim... Talvez seja melhor esperar até que ela esteja acomodada. Bree a acalmará logo, você vai ver. Então ela poderá encarar a multidão.

— Eu não me importo — Mirabella diz baixo. — Quero conhecer o povo.

Sara e Miles finalmente a encaram. As duas garotas de Westwood, quietas e assustadas, também. Primas, ela imaginou, que vieram visitar apenas pelo prestígio da Reivindicação e não ficarão ou morarão com eles na casa dos Westwood.

Mirabella tenta sorrir. Talvez não tenha parecido régia o suficiente, porque Sara bufa e se vira para olhar pela janela. Essas pessoas são assustadas como pássaros. Por que elas não são como Willa? Por que elas parecem não saber o que fazer?

No Chalé Negro, Willa educou todas as rainhas, ensinando-as a ler e escrever, mostrando-lhes os números e aritmética. E quando Katharine adormecia em cima de um livro e Arsinoe corria para perseguir as galinhas lá fora, ela ensinava Mirabella sobre a cidade elemental de Rolanth. Agora, Mirabella deseja vê-la de verdade, não em pinturas. Ver o rio correndo para o mar e ladeá-lo pelo Distrito Central, onde é contido por barragens. Ela imaginou o cheiro das árvores e do oceano, o som de seus saltos contra as pedras de Shannon's Blackway, no alto dos penhascos de basalto perto do Templo de Rolanth. Mas parece que sequer será permitido olhar pela janela.

Ela tenta chamar a atenção de Sara de novo, mostrar a ela que é uma rainha, que foi criada assim e sabe se comportar. No chalé, com suas irmãs, Mirabella nunca se sentiu pequena e, sendo a mais velha, nunca se sentiu criança. Mas agora ela se sente ambos, muito pequena e muito nova, nessa carruagem cheia de Westwoods. Finalmente, depois de um longo silêncio, ela adormece, encolhida em seu lugar, com as pernas enfiadas embaixo da saia.

— Rainha Mirabella.

Ela acorda com a mão de alguém em seu ombro.

— Você dormiu por muito tempo. Chegamos. Estamos em casa, na casa dos Westwood.

Mirabella abre os olhos. Eles passaram muitos dias na carruagem e só pararam para trocar de cavalos — nenhuma vez para dormir em uma cama decente. Entre reclamações sobre os Arron, Sara falou algo sobre o quanto a rainha era preciosa e o quanto era importante levá-la de volta a Rolanth rapidamente. Mas quando Mirabella sai da carruagem com as pernas bambas, ela não se sente nem um pouco como uma rainha. Só se sente suja, com fome e com muita vergonha.

Ela levanta o rosto, piscando por conta da luz forte, e olha para a casa dos Westwood. É de fato um lugar grandioso, pelo menos o dobro do tamanho do Chalé Negro. A carruagem parou em frente aos degraus da frente, em um caminho de pedras que circula uma fonte alta e borbulhante.

— Você é muito bem-vinda aqui, Rainha Mirabella — Sara diz, parecendo mais à vontade agora do que antes, em sua propriedade cercada de pinheiros, no alto das colinas e acima da cidade em si.

— É vermelha — Mirabella diz, e Sara levanta uma sobrancelha.

— Ah, sim. Velhos tijolos vermelhos. Talvez você esperasse o branco do mármore e do calcário do resto da cidade.

Mirabella não sabia o que esperava. Ela sai do caminho e segue para a entrada da casa, onde uma pequena equipe de criados está reunida para recebê-la. No fim da entrada, uma garotinha mais ou menos da sua idade está lutando contra a mão de uma das criadas. Ela se sacode com uma ferocidade silenciosa até se soltar e correr até Mirabella e Sara.

A garota está tão animada que parece que vai explodir, puxando as pontas de suas tranças castanhas e brilhantes.

— Mãe — ela grunhe, finalmente. — Me apresente!

— Rainha Mirabella, essa é minha filha. Bree.

Bree imediatamente segura as mãos de Mirabella.

— Eu vou ser sua irmã de criação — ela diz. — Nossos quartos são bem perto um do outro. No mesmo andar. Eu sempre quis que mamãe tivesse mais filhos, só que ela ainda não teve. Mas estou tão animada por você estar aqui!

— Dê um espaço para a rainha respirar — Sara diz, e Bree se aquieta. Ela não solta as mãos de Mirabella, apenas larga uma e dá um passo para o

lado. Mirabella tenta escutar enquanto eles a levam pela ampla casa. Bree é gentil e é bom ter alguém que olhe para ela e a chame pelo nome de novo. Mas quando eles finalmente a deixam sozinha em seu quarto novo e ricamente decorado, Mirabella se afunda ao lado da cama e abraça os joelhos. Bree quer ser uma boa irmã de criação, mas ela não pode substituir Arsinoe e Katharine.

— Seja corajosa — ela diz para si mesma. — Não chore.

Ainda por muitas semanas, Mirabella faz o que pode para parecer animada, tentando ser boa e solícita, porque Willa lhe ensinou que ser uma rainha é tanto sobre servir quanto sobre reinar. Ela vai onde lhe mandam ir e veste o que lhe mandam vestir. Ela elogia a casa dos Westwood, seus cozinheiros, sua cidade e seu gosto para roupas. Mantém seu quarto arrumado e tenta ajudar Bree a arrumar o dela (embora talvez isso realmente seja uma causa perdida) e impressiona Sara com seus conhecimentos sobre a propriedade e suas histórias.

Por um tempo, parece que tudo vai sair como planejado. Os Westwood estão satisfeitos e a exibem por Rolanth como um novo cavalo premiado. Ela faz visitas as melhores barracas do mercado de Penman e às melhores lojas da rua principal. Reza para a Deusa em frente ao altar do Templo de Rolanth todas as noites. E em todo lugar que ela vai, as pessoas da cidade ficam boquiabertas. Eles a encaram e sussurram, e os mais corajosos encostam em suas roupas: na ponta de sua manga ou na barra de sua saia. Eles fazem perguntas sobre ela, mas nunca para ela.

— É verdade que a dádiva dela apareceu quando ela mal tinha aprendido a andar?

— É verdade que ela pode controlar todos os elementos? Até o clima?

— Ouvi rumores de que ela tem um péssimo temperamento, mas ela parece perfeitamente gentil e dócil... Quais as chances de uma rainha dócil, mesmo com uma dádiva forte como a dela?

Sara sempre responde por ela, confiante, embora Mirabella não entenda por que eles estão chocados por ela ser forte ou por que precisam que suas chances sejam boas. Ela se pergunta sobre isso, mas não se preocupa, porque Sara parece não ligar e deve ser algo para um futuro distante.

Por um tempo, parece que tudo vai ficar bem. Até uma certa tarde, quando Mirabella e Bree entram escondidas nos cômodos de Sara para

surpreendê-la com um bolo de framboesa.

As garotas se esgueiram para dentro do quarto como ladras, cada uma segurando um lado de uma bandeja de prata. Elas se escondem atrás do braço do sofá e Bree aperta os lábios para abafar uma risadinha. O bolo não está muito bonito, mas elas mesmas o decoraram com voltas de merengue de framboesa. O sabor está ótimo, nem seco nem doce demais. Sara vai gostar. Ela vai colocar as mãos no rosto e fechar os olhos ao dar a primeira mordida. Então vai abraçar Bree e Mirabella e pedir para elas a ajudarem a comer o resto.

Elas fazem tantas surpresas como essa que Mirabella se pergunta como ela pode se surpreender tanto todas as vezes.

— Falta muito tempo para a Ascensão — Sara diz para tio Miles, que está sentado na frente dela, na cadeira verde. A sala de estar de Sara é cheia de azuis hipnóticos e esverdeados que ela gosta e, frequentemente, quando está lá, Mirabella se sente embaixo d'água. É um quarto que acalma. Um espaço elegante. E ela e Bree são como golfinhos agitados.

— A cidade já a ama — Miles diz. — Há tantas oferendas no templo. Tantas velas acesas. Ela terá todo o apoio que precisar. Nós não precisamos do Conselho Negro. E não precisamos ter medo dos Arron.

— Todos nós precisamos temer os Arron. Os Westwood, os elementais, até o último cidadão, todos devemos temê-los. Eles estão muito fortes agora, e espalhados como carrapatos. Nós temos a rainha escolhida, mas eles não vão desistir tão facilmente. Não ficarei surpresa se custar mais do que o sangue de rainhas para colocar Mirabella no trono.

Os sorrisos somem dos rostos de Bree e Mirabella. Elas vieram em um momento ruim. A voz de Sara é infeliz e séria, e tio Miles não está leve como de costume.

— Qualquer que seja o custo — Miles diz. — Valerá a pena. Os envenenadores fazem o que querem há tempo demais. Nos enforcam com taxas e tarifas do continente. Rolanth era a joia da ilha no tempo da nossa avó. E quando ela lutou contra as injustiças deles, eles a colocaram numa cela. A envenenaram no escuro com um de seus coquetéis.

— Eu não esqueci, Miles.

— Ninguém esqueceu. Mas agora chega. A Rainha Arsinoe e a Rainha Katharine...

Mirabella congela ao ouvir o nome das irmãs.

— Elas são fracas. Mirabella as matará facilmente. Rapidamente. Com certeza mais rápido do que qualquer uma daquelas rainhas envenenadoras levou para matar as irmãs.

Mirabella olha para Bree. Os olhos da garota estão arregalados, mas de medo, não de surpresa. O mundo de Mirabella flutua enquanto ela ouve Sara falar sobre oráculos obscuros e mortes rápidas, morte por raio ou por fogo. Matar Arsinoe e Katharine. É tão terrível que ela quase ri. Ela deve ter escutado errado. Como alguém pode pensar em matar Arsinoe e Katharine? Como alguém pode pensar que *ela* faria uma coisa dessas?

A bandeja com o bolo de framboesa cai no chão com um estrondo, a cobertura se espalhando pelo tapete azul-escuro como espuma do mar. Sara e tio Miles dão um salto.

— Rainha Mirabella! Bree! — Sara olha para a filha com raiva. — O que vocês estão fazendo aqui?

— Nós trouxemos bolo — Bree responde e começa a chorar.

Nenhum dos dois adultos se move para confortá-la. Eles encaram Mirabella com medo.

— Vocês querem que eu mate minhas irmãs? — ela pergunta e ninguém responde. Bree começa a chorar mais ainda. Ela é uma criança. Uma menininha. Mas embora elas tenham a mesma idade, Mirabella não é uma criança. É uma rainha. A mais velha das trigêmeas.

— Mirabella — tio Miles diz. — Por que se preocupar com esses assuntos chatos de adulto? Agora nós te assustamos e estragamos essa linda surpresa.

— Não. O que vocês estavam dizendo antes — Mirabella diz, sem se abater. — Uma rainha deve matar suas irmãs?

— Mirabella...

— Me digam! — Quando Mirabella grita, um raio atinge a casa e até Sara recua.

— Você não deveria ter escutado isso — Sara diz. — Há tempo suficiente para essas coisas difíceis quando você for mais velha.

— Mas é verdade — Mirabella diz e começa a chover do lado de fora. As gotas batem no teto e nas laterais da casa com cada vez mais força, virando uma tempestade. Trovões rugem pelos penhascos de Blackway, cada vez mais altos, fazendo com que Bree cubra os ouvidos.

Sara tenta se aproximar da rainha, mas Mirabella grita e faz as chamas das velas crescerem, queimando as paredes.

— Miles! Bree! Apaguem as velas!

A pequena Bree está assustada demais para se mover, mas Miles range os dentes, colocando sua dádiva contra a da rainha. Ele é mais velho e tem mais prática, e as velas se apagam, soltando fumaça. Mas nem ele, nem Sara, nem ninguém pode frear a ferocidade da tempestade.

— Rainha Mirabella, por favor!

As cortinas se soltam. As janelas balançam e ameaçam se quebrar. Raios caem tão perto que as fundações da casa tremem e cada elemental do lado de dentro sente a eletricidade pelas solas dos pés.

— Não! — Mirabella grunhe. — Eu nunca, nunca, nunca vou...

A tempestade diminui quando ela cai no chão, depois de Miles saltar por trás dela e usar uma lâmpada pesada para acertá-la na parte de trás da cabeça.

GREAVESDRAKE MANOR

A Rainha Katharine caminha pelos corredores de Greavesdrake Manor, agarrando com força a barra da calça de Edmund, o mordomo. É fácil se perder na grande casa que os Arron ocupam, e Katharine se sente ainda menor do que já é. Na semana passada, na biblioteca, ela teve que lutar para conseguir atravessar as cortinas até outro aposento. E o salão de baile é tão grande que o Chalé Negro inteiro caberia ali dentro.

Seus passos ecoam enquanto eles seguem pelos cômodos, e Katharine olha para trás o tempo todo, certa de que a srta. Genevieve está se escondendo em algum lugar, pronta para surgir do nada e assustá-la. O jogo era divertido no começo, mas se tornou tão frequente que está perdendo a graça – e a srta. Genevieve a belisca com força suficiente para deixar marcas.

— Não há ninguém ali atrás, pequena rainha — Edmund diz. Ele olha para baixo e lhe dá uma piscadela por cima da bandeja de prata. — A srta. Genevieve já está no pátio com os outros. Eles estão jogando croquet.

— Ela deve gostar muito desse jogo — Katharine diz. — Já que pode usar uma marreta tão grande.

Edmund ri e ela solta um risinho em resposta, embora não saiba qual é a graça. Faz sentido Genevieve gostar de algo que envolve uma grande marreta. Ela parece gostar de qualquer coisa em que possa bater.

Eles passam pelas cozinhas e saem em direção ao pátio. Os Arron montaram tendas em preto e branco; os parentes que visitavam precisavam

de mais sombra do que os amieiros poderiam fornecer. Edmund a leva até a tenda maior, onde Natalia está sentada observando a irmã, Genevieve, e o irmão, Antonin, jogarem uma rodada com os primos mais novos.

— Aí está você — ela diz quando Katharine entra. Edmund pousa a bandeja de prata na mesa enquanto Katharine faz uma mesura para Natalia e se senta na cadeira da frente. — E você trouxe o vinho de maio. Que ótimo.

— Vinho de maio — Katharine diz. — Ele tem esse nome por causa do mês? Nós só o bebemos em maio?

— Vinho de maio é uma tradição dos envenenadores — Natalia pega a jarra transparente, cheia de um líquido brilhante e dourado. — Nós sempre o bebemos, mas é especialmente feito para as crianças. Deixe-me te mostrar.

Ela serve o vinho em uma taça de prata e a estende para que Katharine cheire. O aroma é ácido e doce, um pouco herbal. Katharine franze o nariz.

— A toxina vem de uma aspérula — Natalia explica. — Mas está em pouca quantidade. É por isso que mesmo aqueles que começaram a apresentar sua dádiva recentemente podem bebê-lo com segurança. Como as crianças. E também porque é melhor quando servido assim. — Ela pega uma pinça e coloca três cubos de açúcar na taça. Ela para, ergue uma sobancelha para a rainha e então coloca um quarto, fazendo-a rir. — Quase lá — Natalia diz, mas antes ela pega um grande morango e faz pequenos cortes em sua ponta, então usa os dedos para abrir a fruta como um leque. Ela mergulha o morango em um pote de mel e joga a meleca na taça de vinho.

Katharine segura a taça com as duas mãos e dá um gole enquanto Natalia lambe os dedos. Ela ainda consegue sentir o cheiro amargo de ervas, mas a bebida é doce e maravilhosa.

— Então? O que acha?

— É uma delícia — Katharine diz, dando outro gole. Natalia sorri e volta a observar os primos jogando. Aos olhos de Katharine, nenhuma mulher no mundo poderia ser mais bonita que Natalia Arron. Seu cabelo loiro brilha como a luz do sol, e seus lábios são vermelhos como maçãs. Tudo nela é régio e elegante. Cada passo que ela dá é cheio de confiança. Os outros Arron e os criados a temem, mas desde que Katharine chegou em Greavesdrake, Natalia foi boa para ela.

Katharine toma sua bebida e observa as bolas de croquet rolares pelo gramado. Ninguém a convida para jogar. Ninguém presta muita atenção nela, exceto para lhe lançar olhares curiosos ocasionalmente. Mas Katharine não se incomoda com isso. O dia está ensolarado e agradável, e o vinho de maio refresca sua barriga. Ela nunca ligou para croquet, de qualquer forma. Arsinoe nunca seguia as regras quando elas tentavam jogar no chalé, e as marretas são grandes demais para que ela pudesse usá-las confortavelmente.

Depois de algum tempo, Natalia se levanta e chama Genevieve.

— Eu vou entrar para acertar algumas contas — ela diz para a irmã. — E então vou para a capital. Ficarei fora até a hora do jantar. Você pode ser a anfitriã até lá?

— Claro, irmã — Genevieve responde, sua marreta apoiada no ombro e seus belos olhos lilases brilhando.

— Sirva mais vinho de maio para as crianças. Está fraco o suficiente para elas. Mas não os envenene com mais nada. Os primos menores ainda não têm nenhuma dívida e não queremos vômito na grama.

Em sua terceira taça de vinho de maio, o estômago de Katharine começa a doer. De início ela tenta esconder, pensando que a dor vai passar, como daquela vez em que ela e Arsinoe comeram toda a torta de ameixa que Willa fez e não conseguiram andar por horas. Mas então sua cabeça começa a latejar e sua visão escurece. Ela tem uma vaga consciência de estar vomitando e de seu corpo desabando na grama verde e macia abaixo da tenda preta e branca.

Mais tarde, quando ela acorda, Katharine se sente nauseada e com arrepios, mas pelo menos está em sua cama dentro da mansão, e não estirada no gramado, sendo vista por todo mundo. Ela abre os olhos e vê luz de velas. Está escuro. De noite. Do mesmo dia? Ela espera que sim.

Natalia e Genevieve estão ao lado de seu quarto, na sala de estar. Elas estão falando em voz baixa, mas com raiva. Talvez assustadas. Katharine geme para que elas saibam que não precisam fazer silêncio, que podem entrar para vê-la. A conversa para, mas elas continuam do lado de fora.

Curiosa e um pouco mais acordada, a rainha se vira para o lado e observa através da porta entreaberta. Apenas a visão de Natalia já é suficiente para acalmá-la: suas costas retas, vestindo uma camisa cinza com as mangas arregaçadas até os cotovelos. A parte da frente de sua calça preta está suja, e Katharine percebe, horrorizada, que deve ter vomitado nela.

— Ela é mais fraca do que Camille era, e agora toda a família sabe disso — Genevieve sussurra.

— E de quem é a culpa? Quantas taças de vinho de maio ela bebeu? Eu não te disse para vigiá-la? Para deixar o vinho fraco? Agora temos uma rainha doente e dois primos passando mal em uma carruagem de volta para Prynn.

— Essa história vai se espalhar. As pessoas vão mergulhar de cabeça nela. Especialmente com os boatos vindo de Rolanth sobre a rainha elemental. Sobre o quanto ela é forte. As tempestades que ela produz. A Rainha Mirabella...

O som de um tapa ecoa e Genevieve grita.

— Quantas vezes eu preciso te dizer para não falar os nomes delas? Não quando ela puder ouvir.

— Ela está inconsciente — Genevieve diz.

— Eu não me importo. Ninguém fala os nomes delas. Elas não existem. A memória de uma rainha é curta nessa idade, e em um ano ou dois ela as terá esquecido completamente, desde que nós não fiquemos lembrando. Ignore-a quando ela falar nelas, como se não tivesse ouvido. E nunca diga seus nomes!

Roupas farfalham e Genevieve geme de novo. Mesmo desorientada e doente, o som assusta Katharine e ela se aninha em seus cobertores.

— Será mais fácil quando ela esquecer — Natalia diz.

— Será mais fácil quando a dádiva dela se fortalecer — Genevieve diz.
— Permita que eu a treine. Me deixe despertar sua dádiva. Esses métodos já funcionaram antes, e mesmo que a dádiva esteja demorando para aparecer, ela pode construir uma tolerância natural.

Uma longa pausa se segue. Katharine levanta a cabeça e vê Natalia a encarando. A rainha se afunda de volta em seus travesseiros, sentindo-se segura. Natalia não vai abandoná-la. Ela provavelmente passará a noite ao

lado da sua cama. Seus olhos se fecham. Nada de mal pode acontecer enquanto Natalia estiver ali.

WOLF SPRING

A casa da família naturalista Milone fica nos limites da cidadezinha de Wolf Spring. É uma terra agrária, onde alguns dos habitantes têm dádivas mais fortes que os outros, mas a magia mais forte tem uma inclinação naturalista. As colheitas e o gado crescem bem, e os peixes são abundantes nas águas depois de Enseada de Sealhead – cujo nome não vem de sua forma, mas da frequência com que focas aparecem descendo e subindo em suas ondas.

A família de Joseph vive na baía. Seu pai constrói barcos e os veleja ocasionalmente, embora a maior parte de suas obras siga a costa e vá para as famílias mais ricas de Prynn e Beckett. Nem ele, nem nenhum dos outros três meninos Sandrin têm dádivas. Matthew insiste que consegue encantar peixes e golfinhos como sua mãe, e Joseph diz ter a dádiva da visão. O pequeno Jonah não deve apresentar nenhuma dádiva também, embora ele ainda seja um bebê e esteja muito cedo para saber.

Juillenne e Joseph flutuam nas ondas mornas ao lado das focas. Da ponta do deque, a ilha se estende nas duas direções. A Ilha de Fennbirn. Ela é chamada assim pelos forasteiros que encontram seu caminho pelo mar através da neblina. Para seus habitantes é apenas a ilha, e o vovô Ellis diz que seu nome verdadeiro é guardado pelas mulheres mais velhas. Elas mordem suas línguas, irritadas porque os mais jovens não conseguem sequer pronunciá-lo, muito menos entender o que significa. Sua raiva irá

engolir a palavra, e em uma geração ou duas o verdadeiro nome da ilha será esquecido.

De toda forma, Juillenne duvida que a ilha se importe com o jeito como é chamada. Para ela é apenas seu lar, vasto e infinito, cheio de montanhas e lagos, córregos e cidades com pessoas de dádivas variadas. Caragh diz que a mãe de Jules, Madrigal, fugiu da ilha em busca de coisas maiores. Mas Jules não entende como alguém pode desejar algo além da ilha e sua Deusa.

Nas docas, perto da costa, Caragh está sentada com Matthew, suas pernas balançando na água e as calças enroladas até os joelhos. Abaixo da superfície, Joseph puxa um dos tornozelos de Jules e ela tenta a todo custo não chutar a cara dele.

Ele sobe e cospe água.

— Corrida até as docas — ele diz. Jules sacode a cabeça. Ela não está a fim de ser vencida hoje. Hoje ela gostaria de ter um tubarão como Familiar, para que ele pudesse puxar Joseph para o fundo e lhe dar tempo de ultrapassá-lo. Ela já ouviu centenas de vezes, das pessoas velhas de Wolf Spring, que tais desejos são perigosos porque a Deusa pode realizá-los.

Jules aperta os dedos contra os lábios e aponta com a cabeça na direção de Matthew e Caragh, perfeitos para serem jogados na água. Ela e Joseph se esgueiram lado a lado pela baía, suaves e silenciosos como libélulas. Então se seguram no deque e esperam pelo momento certo.

— Você acha que é assim todas as vezes? — Matthew pergunta. — Os raios. O choro. Arrancando-as umas das outras. Eu sei que disse isso para Jules, mas realmente achei que fosse só uma história.

— Eu não sei — Caragh responde. — Mas se a Deusa quiser, vai ser a única Reivindicação que teremos que ver.

— Talvez tenha sido culpa da parteira. Talvez ela não as tenha preparado da maneira certa.

— Como você prepara uma criança para algo assim? Como vamos prepará-la agora? A Rainha Arsinoe está conosco há uma semana e tudo que ela faz é olhar na direção de Rolanth. Esperando sua irmã mandar um raio. — Caragh aponta com a cabeça na direção das docas, onde Arsinoe está estudando o céu.

— Deixe ela ter seus raios. Porque um dia eles vão parar. Então Arsinoe não verá esses raios até a Ascensão, e será por uma razão totalmente diferente.

Jules agarra o ombro de Joseph e ele a encara com a testa franzida. Ela puxa os dois para baixo do deque.

— Três irmãs sombrias, lindas de se ver — Matthew diz.

— É do jeito que sempre foi — Caragh diz. — E nunca pareceu cruel até eu ver pessoalmente.

— Não é cruel. Está na natureza delas. Sempre três, sempre em dezembro, concebidas no Beltane, sempre filhas. Uma rainha não é como nós. Elas não são pessoas normais com dádivas normais. É assim que deve ser.

— Nem sempre — Caragh sussurra. — Às vezes há uma quarta. A Rainha Azul. Você se lembra do ano do nascimento? Alguns oráculos falaram nisso. Eles pensaram que a falta de sinais significava algo especial.

Matthew joga algo na água, que espirra ao lado de Joseph e os dois entram mais para baixo do deque.

— Algo especial — Matthew brinca. — Agora a falta de sinais é um sinal?

Caragh está com uma expressão distraída, perdida em alguma memória. Então ela sacode a cabeça com força.

— Você está certo. É bobagem. Sinais e oráculos. Não significam nada.

— Teria sido melhor se significassem. Mas não há uma Rainha Azul desde...

— A Rainha Illiann — Caragh diz. — Nascida dez gerações de rainhas atrás. Reinou em harmonia até o nascimento de suas trigêmeas, quarenta e seis anos depois. Um longo reinado. Eu perguntei para o papai.

— O que é uma Rainha Azul?

A voz baixa de Arsinoe é uma surpresa para todos. Jules não ouviu os passos dela mesmo estando embaixo da madeira.

— Nada — Caragh responde rapidamente. — Apenas uma rainha muito sortuda e muito rara.

— Apenas uma das minhas irmãs, ou eu, será a verdadeira rainha — Arsinoe diz. — Então, se ela tem tanta sorte, é sempre ela?

— Sim.

— E o que acontece com as irmãs dela?

Sobre a madeira, Caragh limpa a garganta.

— Por que você não vai ao mercado? O pescado do dia já deve estar limpo, e a essa altura já está sendo frito em suas barracas.

Arsinoe não diz nada. Ela se afasta, para dentro das docas. Jules e Joseph nadam atrás de sua sombra. Quando ela para, eles já estão tão no raso que quase podem tocar o fundo.

Ela está tão triste. Jules pensa e Joseph franze a testa como se pudesse ler sua mente. Ele respira fundo e mergulha, fazendo barulho suficiente para que Arsinoe saiba que estão lá. Jules, então, nada um pouco e sorri para ela, apertando os olhos para o sol.

Tem sido estranho dividir a casa com a garotinha emburrada de cabelos pretos. Ela passa a maior parte do tempo olhando pela janela em busca dos raios de Mirabella ou sussurrando o nome de Katharine várias vezes, como um encanto que eles não conhecem. Mas ela come (muito), dorme e é sempre educada. E pensar que Jules achou que a jovem rainha estaria sempre atrás dela, puxando sua manga e estragando suas brincadeiras com Joseph.

Joseph emerge e sai da água como uma foca, agarrando o deque e rolando sem muita elegância sobre a madeira ao lado de Arsinoe. Ainda assim, ele consegue na primeira tentativa. Jules precisa de bem mais tempo, se contorcendo e bufando. Eles se sentam ao redor de Arsinoe e Joseph espalha as coisas que trouxe do fundo da baía: três conchas recurvadas, uma preta, uma branca e uma manchada de marrom. Ele dá um tapinha no centro de uma das conchas e uma perna de caranguejo se estica para fora de sua imensa casa. Ele cutuca a concha de novo e ela acena com suas pequenas antenas.

Jules dá um tapinha em uma das outras conchas e o caranguejo dentro dela recua. Joseph puxa Arsinoe até ela ficar de joelhos. Leva um momento, mas ela finalmente fica curiosa o suficiente para cutucar o último caranguejo. Pelos próximos minutos, pelo menos, os raios de sua irmã são esquecidos enquanto as três crianças cutucam caranguejos para ver qual será o primeiro a voltar para a água.

Seis semanas depois dos Milone terem acolhido a jovem rainha em sua casa, Caragh está deitada de costas no pasto ao lado da Lagoa Dogwood com sua cabeça apoiada na barriga de Matthew Sandrin. Sua Familiar, Juniper, descansa o focinho marrom na curva de seu braço, as costas da cachorra cobertas das flores silvestres brancas e amarelas que Matthew derrubou em cima delas. O dia está quente e preguiçoso, e Caragh traça o braço de Matthew com o dedo, enrolada em seu peito. Não é sempre que ela tem um dia para si mesma. Normalmente, está ocupada demais criando a filha da irmã.

Jules é filha de Madrigal, mas faz anos desde a última vez que Caragh pensou nela como algo diferente de sua filha. Caragh a observa todos os dias enquanto ela anda pelas flores e vegetais do jardim, convencendo seus ramos e galhos a crescerem retos, incentivando as raízes a irem mais fundo. Ela vê seu amor pela ilha e pela Deusa, que corre como água pelo coração de tudo. Jules é dela. Da Deusa e de Caragh. Jules não é nada parecida com Madrigal.

— No que você está pensando? — Matthew pergunta.

— Em nada.

Ele sorri, aquele sorriso travesso que às vezes faz Caragh se preocupar com o problema que Joseph vai causar a Juillenne, o mesmo tipo que Matthew lhe causa.

— Em nada... — ele repete e a puxa mais ainda para seus braços. — Mentirosa.

Caragh o beija, apertada contra o seu peito, e não demora muito para que as mãos de Matthew passem de gentis para ávidas. Juniper rosna e morde a camisa de Matthew, mas, antes de ir embora, ela lambe a mão dele. Juniper é a Familiar de Caragh, e, porque Caragh ama Matthew, ela também o ama.

— Caragh Milone — ele diz contra os lábios dela e, enquanto beija seu pescoço, ela se arqueia para encontrar suas mãos, atrapalhando-se com os botões da camisa. — Case comigo.

O coração de Caragh dispara entre eles. Ela desliza um braço por trás das costas dele e o segura com força enquanto diz que não.

Matthew não fica surpreso. Ele já pediu antes e ouviu a mesma resposta. As mãos dele deslizam para baixo, pela perna de Caragh, e ela prende a respiração.

Depois, quando eles ficam deitados enlaçados um no outro, quase cochilando no sol de fim da tarde, ele pergunta por que ela disse não dessa vez.

— Porque você não está falando sério — ela diz em voz baixa. — Você só tem dezessete anos, Matt. E eu sou cinco anos mais velha que você.

— Eu não sei por que você fica me dizendo isso. Como se eu já não tivesse ouvido. Ou não soubesse contar.

Caragh sorri. Matthew acha que as idades deles são perfeitas. Naturalistas com dádivas fortes vivem vidas longas, então ela terá cem anos e ele terá noventa e cinco e eles morrerão juntos em sua cama, no mesmo dia. Caragh toca em seu rosto.

— Se você sabe contar, conte até três. E pergunte de novo.

— Três dias?

— Matthew.

— Três meses?

Ela sacode a cabeça.

— Três anos, Caragh — ele diz. — É esperar para sempre.

— Para você, é mesmo. E é por isso que estou dizendo não.

TRÊS ANOS DEPOIS

ROLANTH

Sara Westwood está sentada na frente da Alta Sacerdotisa da Ilha de Fennbirn. Elas se encontraram em segredo em uma hospedaria em Trignor, uma cidade costeira com um porto que cheira tanto aos carneiros das fazendas de Waring quanto a peixe, mas Sara não liga. Ela implorou silenciosamente por esse encontro durante anos, e isso foi o melhor que elas puderam fazer no meio do caminho entre Rolanth, a cidade de Sara, e os aposentos da Alta Sacerdotisa no templo de Indrid Down.

— Mais cerveja? — ela pergunta, estalando os dedos para a garota que as serve. Ela não se refere a Alta Sacerdotisa por seu nome, já que suas vestes simples estão em preto e branco, como qualquer sacerdotisa de templo usaria. Ela sequer a chama de “Luca”, seu nome, conhecido por toda a ilha.

Depois que a cerveja é servida, a Alta Sacerdotisa Luca a encara com seus marcantes olhos azuis.

— Como estão as coisas na sua casa, Sara?

— É sorte ela ainda estar de pé, verdade seja dita — Sara responde. — Temos que dar graças à Deusa pelos telhados reforçados. Eles são bem resistentes quando tentam arrancá-los.

Luca ri.

— Você está sendo dramática.

— Alta Sacerdotisa, não estou. Quanto mais forte ela fica, mais difícil é controlá-la. Nós temos... — ela pausa, envergonhada — Nós

começamos a deixá-la trancada no porão.

Do lado de dentro, embaixo do chão e longe das janelas, Mirabella é controlável. Mas eles ainda tiveram que tampar a lareira com tijolos. E as persianas parafusadas pelo lado de fora não enganam ninguém.

— Uma rainha? Trancada em um porão?

— Estamos falhando com ela. Não nos preparamos para isso.

Sara dá um grande gole em sua cerveja. Eles vão melhorar. O tempo dos Westwood só está começando. Os Arron irão cair e os Westwood ascenderão, aumentando suas casas e sua cidade até que Rolanth concorra com a capital Indrid Down. Se ao menos eles conseguirem dominar essa rainha.

— Há boatos — Luca diz. — Dizem que ela é difícil. Mas com certeza suas cartas foram exageradas.

— Eu não tenho o costume de exagerar. E certamente não para você. Ela não esqueceu as irmãs.

— Uma rainha sempre esquece. Dê tempo a ela.

A voz de Luca é reconfortante, mas indiferente. Ela vai tentar acalmar Sara e dispensá-la com não mais que um tapinha nas costas, se Sara permitir. E Sara implorou para as sacerdotisas e escreveu cartas demais para isso.

— As pessoas desejaram uma rainha elemental — ela diz com amargor em sua voz. — Elas temeram que a Deusa não pudesse oferecer nada além de envenenadoras. E agora eles têm uma elemental e sussurram que ela é difícil. Ela é mais que difícil. E nós vamos falhar se ninguém nos ajudar.

— As rainhas fortes são sempre difíceis no começo.

— Tem sido assim por três anos.

Luca dá um longo gole em sua cerveja e morde um biscoito salgado.

— Como ela é, além disso? Ela te olha nos olhos? Responde a suas emoções?

— Sim. Há momentos em que ela é quase doce — Sara sabe o que a sacerdotisa está perguntando. A loucura não deve se manifestar em uma rainha, isso significaria a morte instantânea de Mirabella. — Ela não mostra sinais de loucura.

— A ilha não pode ter outra Elsabet — Luca diz, se referindo a Rainha Elsabet, uma rainha com a dádiva da visão que, ao prever uma trama de assassinato, mandou executar três casas inteiras sem provas.

— Nunca — Sara faz um gesto piedoso para a Deusa da ilha. — Mas como devemos proceder agora? Há algo que possa ser feito?

Luca grunhe.

— Sempre há algo a ser feito. Abrigar uma rainha nunca é fácil. Você achou que seria? O templo deve ser neutro, Sara. Eu não sei o que você quer de mim.

Sara inclina a cabeça e Luca suspira, como se não pudesse aguentar mais nenhum momento da expressão preocupada de Sara.

— Você realmente acha que ela é a rainha escolhida? Nossas rainhas ganham suas coroas matando. As pessoas têm seus favoritos, mas se ela é realmente tão forte como você diz, a vitória dela está quase certa.

— Ela é muito forte. Ela é a escolhida. E precisa do templo para guiá-la. Todas as rainhas precisam. Com certeza você ajudaria todas as jovens rainhas dessa forma.

— Com certeza — Luca diz.

Sara mantém os olhos na mesa enquanto a Alta Sacerdotisa reflete, pesando tradição contra o que é certo, fé contra ação. Mas Sara sabe que Luca odeia os envenenadores tanto quanto ela. Embora eles não tenham assassinado a avó de Luca, eles fizeram pior ao tirar o poder do templo.

Luca limpa sua boca com um guardanapo e o deixa ao lado de sua cerveja.

— Bem. É melhor você me levar para conhecer a rainha. Vamos deixar que ela se prove.

Quando a porta do porão se abre com um rangido, Mirabella pisca curiosamente para o raio de luz. Não é hora das aulas ou das refeições. Embora seja difícil dizer na escuridão de seu confinamento.

Os passos de Bree soam suaves pelos degraus. Ela até ousou levar uma pequena vela para iluminar seu caminho.

— Rainha Mirabella — diz. — Vamos te levar para conhecer alguém muito importante hoje. Você permitiria que eu te ajude a se vestir? Nós preparamos um banho e um belo vestido novo e eu vou arrumar seu cabelo, se você quiser...

O lado teimoso de Mirabella, o mesmo lado que se agarra às memórias de suas irmãs enquanto elas escapam, quer fazer a vela de Bree pegar fogo em sua cara. Mas o outro lado, o que mal viu o céu durante três longos anos, ganha. Talvez ela também já esteja forte o suficiente para controlar a chama.

Com um toque gentil, Bree a leva escada acima, para o dia. A luz dói no início, queimando seus olhos. Pelas caretas nos rostos dos criados, ela deve estar lhes causando a mesma dor.

— Para a banheira, Rainha Mirabella.

Trouxeram uma grande banheira de cobre para o meio da cozinha e a encheram com água quente e perfumada. Duas criadas tiram o trapo sujo que é seu vestido até que ela esteja em suas roupas de baixo. Os braços e pernas estão manchados de poeira e seu cabelo ostenta nós oleosos.

Ela entra na banheira e submerge imediatamente, o calor e a força da água pesando nela como um cobertor. Água sempre foi seu pior elemento. O mais escorregadio. Quase brincalhão em sua tendência a ignorar e desobedecer. Mas hoje é diferente. Hoje ela sente que a água sentiu sua falta.

Mirabella emerge e deixa que Bree e as criadas lavem seu rosto e escovem suas unhas. É bom ser tocada. Bom estar aquecida. E, depois do banho, eles a vestem em uma camisola macia e escovam seu cabelo até que os nós tenham ido embora.

— Quem está aqui? — Mirabella pergunta, quando elas passam um vestido de uma fina lã preta por sua cabeça. — Quem eu vou conhecer?

— Ninguém está aqui — Bree responde. Nos últimos três anos, ela ficou linda. Seu cabelo castanho está preso em coques atrás de sua cabeça e ela veste uma saia azul-clara com uma faixa preta na barra.

— Nós vamos viajar para encontrá-las no Lago Starfall. Você vai conhecer a Alta Sacerdotisa da ilha. A Alta Sacerdotisa Luca.

Leva um bom tempo até que a Alta Sacerdotisa Luca e Sara Westwood cheguem ao fim do caminho pedregoso e serpenteante que leva à borda do Lago Starfall e, quando chegam lá, Sara está sem fôlego.

— Você está surpresa — Luca estica um braço. — Provavelmente pensou que eu seria velha e frágil. Você só me viu de longe, sendo levada em carruagens chiques e comendo em travessas de prata nos dias de festa.

— Eu estou impressionada, mas não surpresa. Você já esteve no lago antes?

— É claro. Embora já faça muitos anos. Lago Starfall. Nomeado por causa das estrelas cadentes que se refletem nas águas, ainda hoje frequentemente visíveis no céu de inverno neste lado da ilha. É lindo, não é?

— Sim, lindo — Sara diz, sua voz como um aceno de mão. O lago não é importante. A única coisa importante é a menina chegando pela margem oposta. Várias Westwood formam um círculo em volta dela. Poderia parecer proteção, se Luca já não tivesse ouvido a respeito do mau comportamento da rainha.

As Westwood chegam e fazem sua homenagem à Alta Sacerdotisa. Algumas levam a insígnia do templo em volta do pescoço e se curvam para ela com um fervor pouco usual, talvez tocadas pela Deusa para se tornarem sacerdotisas um dia. Luca as cumprimenta com a cabeça e oferece bênçãos distraídas a elas. Seu foco está na rainha, e o delas também deveria estar, mas no momento em que as Westwood viram Luca, correram para ela, aliviadas, se escondendo atrás das vestes da Alta Sacerdotisa e deixando Mirabella de lado.

Enquanto isso, a Rainha Mirabella entrou no lago até a água atingir seus tornozelos.

— Mirabella — Sara Westwood chama. — Venha conhecer a Alta Sacerdotisa.

Outras Westwood começam a se reunir cautelosamente em volta do lago, fechando um semicírculo em volta da rainha, mas Luca sacode a cabeça. Mirabella se aproxima sozinha e a tola Sara sente a necessidade de sussurrar:

— Tome cuidado. Ela aprende novos truques a cada dia que lhe é permitido sair.

Luca não dá atenção. Ela tira os sapatos e entra no lago, a água batendo em seus tornozelos naquele dia quente de verão, lado a lado com a rainha.

— É lindo aqui — ela diz.

— Sim.

— Agradável. Calmo.

— Sim.

Mirabella é uma rainha de poucas palavras. Ou talvez ela seja só tímida, como a Rainha Camille, e fale sem parar quando tem a oportunidade de fazê-lo com privacidade. Luca lhe dá uma olhada rápida, da cabeça aos pés. Uma bela menina, com traços equilibrados e uma boca firme, mesmo tendo apenas nove anos. Olhos escuros e determinados. Ela não parece a coisa selvagem que Sara descreveu, embora talvez isso seja porque a arrumaram e disfarçaram com uma fina lã preta e um véu etéreo.

— Você sabe quem eu sou? — Luca pergunta.

A Rainha Mirabella olha para ela.

— Você é a Alta Sacerdotisa. Isso, pelo menos, me disseram. Mas eu sei o que é uma Alta Sacerdotisa. Das minhas aulas. Você é a líder do templo.

— É isso mesmo. E quem foi sua professora?

— Os Westwood me ensinam agora. Sara e o tio Miles. Mas minha primeira professora foi... Willa.

— Você se lembra dela com carinho?

— Eu me lembro — Mirabella diz, mas Luca vê a verdade através de seu maxilar tenso. A verdade é que ela se lembra de Willa, mas não tão bem quanto costumava. E ela se lembra das outras rainhas, embora ainda menos. Sua luta se tornou uma luta contra o esquecimento. E é dessa luta que nasce a raiva.

— Está tudo bem se lembrar — Luca diz. — Você não vai ser punida por lembrar.

— Por que você está aqui?

Luca inclina a cabeça. Ela dá pequenos chutes, de brincadeira, na água do lago.

— Eu vou aonde a Deusa me manda — Ela sorri para a rainha. — Como todos nós devemos fazer. Como você certamente faz. Alguém com uma dádiva forte como a sua deve senti-la com cada batida de seu coração.

— A Deusa — Mirabella murmura pensativa. — Willa disse que ela era minha... nossa mãe.

— A Deusa é mãe de todos nós. Mas especialmente sua. Você é o corpo dela aqui na ilha. A mão dela. Como eu sou seus ouvidos e olhos. E

sua voz para as pessoas.

— Por que você está aqui? — Mirabella pergunta de novo, sua testa franzida, e o lago se revira de repente, toda a superfície se contraindo como se um terremoto tivesse acontecido no fundo.

— Para te conhecer, é claro. Eu estou aqui porque você está triste.

— O que é isso? — Da margem, Sara aponta para a água. Luca não consegue ver o que ela quer dizer, mas pela forma como todos recuam, não pode ser algo bom. — Tem alguma coisa no lago!

Mirabella tira a criatura da água e Luca engasga. O corpo líquido e translúcido é estranhamente belo enquanto flutua sobre a superfície. Talvez seja o espírito da água do Lago Starfall que ganhou forma. Mas, se for, então Mirabella pode fazer algo que nenhum elemental foi capaz de fazer, recentemente, na história.

— Eu não estou triste — Mirabella diz e Luca a olha, vendo gotas de suor na testa da menina. — Eu estou com raiva.

— Rainha Mirabella...

— Me devolva minhas irmãs!

A criatura de água mergulha na direção de Luca, enfiando dedos aquosos em seus olhos, nariz e orelhas. Ela ouve os gritos dos Westwood enquanto a água força caminho por sua garganta. Luca quer conseguir gritar, mas tudo o que pode fazer é se agitar e cair no chão, molhando os braços enquanto tenta lutar.

— Mirabella, pare! — Sara grita. Mas a rainha não para. Há aço em sua espinha e gelo em seu coração, que não será derretido com uma sacerdotisa morta. Mas Luca sabe que seu assassinato os forçará a dizer que Mirabella é louca. As pessoas tomarão Indrid Down e exigirão que ela seja morta.

Com um esforço gargantuesco, Luca se força a não entrar em pânico. Ela olha para a rainha com compaixão e estica uma mão. Por um momento, ela pensa que não vai funcionar, que a queimação em seus pulmões vai aumentar até que sua visão fique preta. Mas então a água cai no chão. Ela tosse até que sua garganta fique arranhada e seus músculos doloridos, mas consegue respirar de novo.

Os Westwood circulam Mirabella, prontos para a arrastarem para fora do lago e trancá-la de volta onde a encontraram.

— Não! — Luca grita entre suas tosses. Eles recuam e Luca olha para a rainha com carinho. — Ninguém toca nossa rainha escolhida.

WOLF SPRING

Arsinoe segue Jules enquanto Joseph as leva em uma alegre caçada pelo bosque. Por mais que ele tente, não consegue deixá-las para trás. Ambas ainda têm os quadris tão estreitos quanto o dele, e o que falta a Jules em tamanho de perna, ela compensa em rapidez. Todos os três correm pelo simples prazer infantil de correr e nunca parecem se cansar, embora as bochechas estejam vermelhas. Há três anos Arsinoe se juntou a eles e, embora ela ainda seja muito mais séria que Jules ou Joseph, agora ri e tem um novo tom em sua voz, travesso e sarcástico. Ela é feliz. Jules e Joseph se tornaram seus amigos e, se uma parte dela se lembra de que eles não substituem o que ela perdeu... Bem, essa parte se aquietou bastante.

— Não tão rápido, Joseph! — Arsinoe grita de trás.

Joseph se vangloria e grita:

— Mais rápido! — Ele vira a cabeça para olhar. Arsinoe e Jules estão logo atrás dele, e ele sorri como se tivesse orgulho delas. À frente, a trilha sai do bosque e se alarga na grama alta e iluminada do pasto ao lado da Lagoa Dogwood. Jules arrisca, ultrapassando Arsinoe, suas pernas curtas dando tudo de si. Ela alcança Joseph no último momento e acelera na frente, para a luz do dia.

— Isso é praticamente roubar! — Joseph diz, e Arsinoe ri. Seus passos desaceleram e seus músculos relaxam até uma caminhada preguiçosa.

— Ela sempre faz isso. Você já devia saber. Você já devia estar esperando.

Arsinoe dá um tapinha nas costas de Joseph. Mas ele não responde ou lhe devolve o tapa, como sempre faz. Ele congelou atrás de Jules e ambos encaram algo do outro lado do campo. Arsinoe pisca contra o sol de verão e levanta uma das mãos para proteger os olhos.

É uma mulher. Uma linda mulher jovem em um vestido verde vibrante e com cabelo castanho-claro descendo até sua cintura. Arsinoe acha que conhece essa mulher de alguma forma, de algum lugar, embora tenha certeza de que nunca a encontrou. E algo na forma como Jules a encara inquieta Arsinoe.

Do outro lado do pasto, a mulher estende os braços e chama:

— Juillenne!

— Mãe! — Jules grita e corre para ela.

Caragh está na pia da cozinha limpando cenouras gordas e macias que colheu no jardim. Naquele ano, ela e Jules passaram mais tempo do que nunca no jardim incentivando plantas, e toda a colheita é forte. A dádiva de Jules está quase completa. Ellis brinca que, quando ela estiver crescida, poderá alimentar Wolf Spring toda sozinha.

— Aqui, me deixe fazer isso — a mãe de Caragh, Cait, diz, abrindo caminho. — Você é lenta demais. Isso já devia estar pronto. — Já devia estar pronto horas atrás, enquanto Caragh estava por aí fazendo sabe-se lá o que com aquele menino Sandrin, é isso que Cait quer dizer. Mas as horas roubadas com Matthew valem todos os comentários maldosos que a mãe dela queira fazer. — Onde está Juillenne?

— Onde sempre está — Caragh diz. — Brincando com Joseph e Arsinoe.

— Você devia ficar de olho neles. Nove anos é uma idade traiçoeira.

— De fato. E passa tão rápido. Deixe que eles se divirtam um pouco.

Cait faz uma cara de desprezo, uma linda mulher tornada atraente pelo tempo. Ela é alta, como todas as mulheres Milone exceto Jules, e seus ossos são retos e fortes.

— É isso que você está fazendo com Matthew? Se divertindo um pouco?

Caragh coloca mais água na pia.

— Não. Matthew é diferente. Com Matthew eu pretendo me casar.

— Diferente — Cait diz com tristeza. — Como foi para minha tia Philippa. Como foi para minha irmã Rosaline.

Caragh aperta as cenouras quase com força o suficiente para quebrá-las. Philippa e Rosaline. Ela ouviu esses nomes tantas vezes. Sussurrados em outro cômodo, ou ditos diretamente para ela, como se Caragh fosse elas. Philippa, que se casou com Giuseppe Carlo. Ela se jogou da ponte Hawthorne no meio do inverno e seu corpo se partiu como uma taça de champanhe contra o gelo. Rosaline, que não se casou, mas não podia encarar o útero fértil de sua irmã Cait e morreu sozinha em Portsmouth, na costa ocidental.

As azaradas irmãs Milone. As amaldiçoadas que não tiveram filhos. Ninguém sabe de onde a maldição veio. Eles só sabem que é a maldição de todas as Milone. Duas meninas nascem em cada geração. E uma é estéril. Sasha e Philippa. Cait e Rosaline. Madrigal e Caragh. E Madrigal já teve Juillenne.

— Não é a mesma coisa comigo — Caragh diz.

— Não é — Cait concorda. — Porque você é uma Milone. Uma naturalista. E esterilidade para nós é — ela respira em silêncio — como arrancar nossos corações.

— Não é a mesma coisa comigo porque *eu tenho Jules* — Caragh diz. — Eu tenho Jules e eu vou ficar bem. Matthew a ama como se fosse dele. — Ela não diz que ela o ama. É admitir demais, e Caragh sempre guardou seus sentimentos para si mesma.

— Ele é jovem demais para ser um pai para Jules.

— Ele ama Jules — Caragh diz, sua voz distante.

— Ele é só um menino. Ele não sabe o que ama — Cait esfrega as cenouras com força e Caragh sabe que sua mãe só diz essas coisas porque tem medo de perdê-la para a loucura e a solidão, ou pior, para o gelo sob uma ponte no inverno. Ela já perdeu uma filha para o continente.

— Você tem tanta certeza, não tem? — Caragh brinca. — Tem um pouco da dádiva da visão agora, como o pequeno Joseph?

— Todos temos, em Fennbirn — Cait diz. — Nós apenas nos cegamos quando convém. Quando precisamos.

Caragh suspira. Ela começa a dizer mais coisas, mas sua mãe já parou de ouvir. Cait olha pela janela, por cima da pia da cozinha, para o quintal e para o jardim que contorna o longo caminho da casa delas.

— Pela Deusa — Cait sussurra e seca as mãos em uma toalha. Ela arranca o avental e o joga na bancada. — Ellis! Ellis! Onde você está?

— O que aconteceu? — Caragh pergunta enquanto Cait passa por ela e corre para o quintal. Ela segue até a porta e olha para fora. Se for Jules de novo, coberta de lama da cabeça aos pés, ela vai esfregar essa menina até assar. Mas não é Jules que vem correndo pelo caminho e pula nos braços de Cait.

É a irmã de Caragh, Madrigal. É a mãe de Jules.

Ninguém vai embora ou tem permissão de achar o caminho da ilha se essa não for a vontade da Deusa. Foi isso que sempre ensinaram a Caragh. Então ela tenta aceitar com alguma graça o retorno de sua irmã. Com certeza a Deusa tem um motivo para isso, além de estragar a vida cuidadosamente organizada e relativamente feliz de Caragh.

Ela olha pela janela enquanto a mãe chora e o pai gira Madrigal no ar, como fazia quando ela era uma menininha. *Madrigal!*, eles gritam. Madrigal está em casa.

Por quanto tempo e por que, Caragh não sabe. Ninguém teve notícias de Madrigal desde que ela deixou a ilha seis anos atrás para ir ao continente, e ninguém esperava ter. Dizem que quando uma mulher deixa Fennbirn, ela começa a perder a memória. E então, devagar, sua dádiva. De fato, quando Madrigal finalmente vê Caragh através da janela da cozinha, é quase como se ela não a reconhecesse.

— Mas eu te reconheço — Caragh sussurra e, aos seus pés, Juniper rosna. O que quer que Madrigal tenha aprontado no continente, só a deixou ainda mais bonita. Ela ainda é esguia, mas agora está arredondada em todos os lugares certos. Seu cabelo castanho-claro brilha e seus olhos faíscam. Sua Familiar já voltou para ela e está empoleirada em seu ombro: Aria, um belo corvo preto. Madrigal inclina a cabeça e o pássaro a imita.

— Caragh — ela diz com um tom que é ao mesmo tempo familiar e ofensivo. *Ah, Caragh, aí está você. Onde mais você estaria?*

Caragh seca as mãos nervosamente na saia e vai encontrar a irmã nos degraus da entrada. Madrigal está vestida como uma forasteira, em um vestido de corte estranho feito de seda verde. Ela usa argolas douradas nas

orelhas e pulseiras douradas nos pulsos. Segura Jules com uma mão e a garota se agarra a ela com força, como se tivesse medo que ela fosse desaparecer de novo caso a soltasse.

— Eu espero que você não se importe por eu não ter vindo direto para cá — Madrigal diz. Ela passa um braço pelos pequenos ombros de Jules. — Queria encontrar minha filha primeiro.

Minha filha. As palavras inundam o estômago de Caragh como o sangue de um soco. Ela se pergunta se em Fennbirn todas as irmãs devem se odiar. Não só as rainhas.

— Ela não ficou alta — Madrigal segura o rosto de Jules entre as mãos. — Mas com certeza mudou desde que a vi pela última vez.

— Ela era um bebê quando você a viu pela última vez — Caragh diz, e Cait e Ellis olham para ela com dureza.

— Um bebê? — Madrigal sorri. — Ela tinha três anos e meio. Andava e falava e até já tinha alguma dádiva. Um bebê. Caragh, o que você está insinuando?

Não muito longe dali, na grama, o rosto pálido de Arsinoe espia por trás de Joseph. Ele parece curioso e confuso, como se devesse estar feliz, mas não conseguisse se lembrar por quê. Arsinoe parece desconfiada.

— Você voltou para casa de vez, mãe? — Jules pergunta. — Para ficar?

— Sim, minha Jules — Madrigal enche a cabeça dela de beijos e a família fecha um círculo em torno das duas, todos sorrisos e lágrimas. Ninguém vê Caragh pressionar seus pulsos contra a barriga, onde dói tanto que ela tem certeza que só pode estar sangrando.

GREAVESDRAKE MANOR

Greavesdrake Manor fica na ponta oeste da capital Indrid Down e se espalha por bosques e pastos. A grande casa fica em uma baixa colina central e foi ficando maior com o passar dos anos, expandindo-se constantemente, como se tivesse aprendido a se alimentar. Mais uma rainha envenenadora e Greavesdrake tomará as ruas.

Seus telhados inclinados foram pintados de preto para mostrar a devoção dos Arron à Coroa. Foi isso que Natalia disse à pequena Katharine naquele primeiro dia, mais de três anos atrás, quando a carruagem a deixou ali. Mas Katharine passou a acreditar que os telhados são pretos por outro motivo: eles gritam para a capital e para toda a ilha, *é aqui que suas rainhas são educadas*.

Katharine se senta na penteadeira e deixa que sua criada penteie seu longo cabelo preto. Seus olhos são vazios e assombrados, e ela está dolorosamente magra. Simplesmente perdeu o gosto pela comida. Não é fácil fingir gostar da comida envenenada que servem lá. Nem segurar o choro quando eles a deixam ser picada por um escorpião, ou espalham urtigas por suas costas. Mas ela tenta. Tudo isso é parte de ser uma rainha envenenadora. Natalia diz que é o dever dela se tornar forte, sua obrigação para com os Arron que a abrigam e vestem e para com a ilha que a adora como se fosse a Deusa. *Aceite a dor em você, Natalia lhe diz, e ficará mais forte*.

Mas às vezes parece que sua dádiva nunca será forte. Que nunca virá e ela nunca gostará de venenos como os Arron gostam. Parece que ela tem sido envenenada desde sempre. Ela nem consegue se lembrar do que veio antes.

— Devemos trançar seu cabelo, senhorita? — a criada pergunta, e Katharine não responde. A criada vai fazê-lo de qualquer forma.

Um tempo depois, Katharine caminha sozinha até a sala de jantar para tomar café da manhã com Natalia. Seu cabelo está arrumado e ela foi vestida em um vestido macio e fino de musselina preta. Quando Natalia a vê, ela sorri. Mesmo exaurida e triste, Katharine ainda é muito bonita, e tudo que Natalia vê é uma perfeita rainha envenenadora.

— Bom dia, Rainha Katharine.

— Bom dia. — Alguém puxa uma cadeira e ela se senta em frente a uma tigela de mingau de aveia e um prato de morangos cortados.

— Como vão seus estudos? — Natalia parece severa, como sempre, mas não sem bondade. Uma cobra coral vermelha e preta está enrolada em seu braço como uma pulseira.

— Ela tem um nome? — Katharine pergunta.

— Não — Natalia beija a cabeça da cobra. — Mas é linda. Agora, como vão seus estudos? O novo tutor é mais do seu agrado?

— Nós estamos lendo *Toxicologia: O uso dos venenos na medicina moderna*.

— Muito bom — Natalia levanta a cúpula prateada de seu prato. Ela toma sopa no café da manhã, um caldo amargo cheio de cogumelos venenosos. No almoço, pode saborear um baiacu ou uma salada de sanguinárias. O jantar é carne amaciada e regada a veneno de escorpião. Veneno em todas as refeições. Essa é a força dela.

Natalia promete que um dia Katharine comerá a mesma coisa. Mas a garota não consegue imaginar tal coisa.

— Eu preciso ir à capital hoje, Rainha Katharine. Mas devo voltar antes do jantar.

Katharine baixa sua colher.

— Eu gostaria de ir com você — ela diz em um sussurro. — Talvez... Talvez eu devesse ir com você, se vou reinar um dia.

Durante o breve percurso de carruagem até Indrid Down, Natalia estuda Katharine enquanto ela olha pela janela, o nariz pressionado contra o vidro como um cachorrinho curioso. Aos nove anos, ela tem pouco do jeito esguio e flexível da Rainha Camille. Mas a verdade é que as rainhas não passam adiante traços físicos ou talentos. Apenas a linhagem de sangue.

— Natalia — Katharine pergunta — o que faremos na capital hoje?

— Nós vamos ao Volroy. Onde *eu* tenho uma reunião com o Conselho Negro. *Você* não se encontrará com eles até depois da coroação.

— Então o que eu farei enquanto espero? — A pequena rainha se vira e pisca para ela. Não há malícia ou petulância em suas perguntas. Apenas uma curiosidade genuína de quem espera ser instruída. Katharine puxa um pouco sua própria manga, esticando a musselina para cobrir o vergão desbotado de uma picada de aranha.

Natalia suspira.

— Talvez eu possa adiar o conselho. Vou te mostrar a sala de venenos. Uma sala inteira, com um inventário completo de venenos, locais e estrangeiros. Comuns e raros. Organizada por muitos Arron antes de mim, em expedições ao continente.

— Uma sala inteira de venenos? É maior que a de Greavesdrake?

— Não maior. — A sala de venenos em Greavesdrake é do tamanho de um pequeno salão de baile. — Mas com um estoque melhor. Eu mesma colaborei com suas estantes, assim como meu irmão Christophe, quando ele atravessou a neblina e viajou para os climas exóticos e tropicais dos mares do sul.

A Rainha Katharine se inclina para a frente, sonhando com venenos enquanto olha pelo vidro da janela.

— Uma sala inteira de venenos, bem no castelo do Volroy. É por que a rainha é sempre uma envenenadora?

— Nem sempre, e você sabe disso — Natalia estende a mão e lhe dá um tapinha embaixo do queixo. — Mas nossas rainhas têm mantido essa ilha a salvo por três gerações, sem guerras ou invasões. Nossa família a manteve salva. E se os Westwood pensam que podem fazer o mesmo, com suas brisas e nuvens de chuva... Fennbirn precisa de uma envenenadora. Precisa de uma rainha que imponha medo. Morte e força são as duas únicas moedas que o continente conhece hoje.

A carruagem freia nos portões e segue quando Natalia faz um gesto de cabeça para os guardas. Dentro das vasta e frias salas do Volroy, olhos se arregalam ao verem a jovem rainha, tão raramente vista ali.

— Quando eu for rainha, vou querer pendurar mais tapeçarias — Katharine comenta, em voz baixa, para que sua voz não ecoe.

— E por quê?

— Para que não fique tão frio. Frio, distante e áspero. O Volroy não foi feito para ser amado.

— De fato não foi — Natalia responde. — Foi feito para perdurar. — Ela leva a rainha escada acima até a Torre Leste, subindo e subindo pela antecâmara que leva à sala de venenos.

Ela entra e Katharine vai ávida até o centro do chão de pedra, maravilhada com os gabinetes cheios de venenos, secos, líquidos e preservados, brilhando maleficamente em seus frascos. Ela estende a mão para tocar a longa mesa de madeira laqueada coberta com vidro, mas Natalia a agarra pelo pulso.

— Cuidado. Sua dádiva ainda não apareceu. Você deve usar luvas para tocar qualquer coisa nessa sala. Não importa o quão meticulosamente limpo seja, eu não vou arriscar sua tolerância.

Ela vai até um armário e escolhe um par de luvas pequenas e forradas para Katharine vestir.

— Agora — ela diz e sorri —, vamos fazer algo bonito? Algo bonito e mortal.

O veneno que elas misturam se chama Rosa de Inverno, já que mata ao contrair os vasos sanguíneos e fazer o corpo inteiro ficar gelado. Às vezes, a constrição faz com que os vasos capilares se rompam, o que torna o nome ainda mais adequado. É uma lição de envenenamento dada com frequência aos iniciantes, porque requer apenas quatro ingredientes — e por causa da bonita cor lilás que o veneno ganha e a forma como ele borbulha.

Katharine segura, feliz, o frasco com tampa entre seus dedos enluvados e admira o tom de roxo.

— É como os olhos da srta. Genevieve — ela diz.

Natalia ri.

— Ela teria amado ouvir isso. Mas, embora seja bonito, você deve tratá-lo com respeito. Como todos os venenos. Venenos não são brinquedo.

São sagrados, um assunto sério. Como chefe do Conselho Negro eu tenho que misturar venenos para punir aqueles que causam males na ilha. Que cometem crimes. Às vezes eles são condenados à morte. E, como rainha, você também fará isso.

A jovem rainha desliza o veneno para dentro de sua manga, praticando seu jogo de mãos. Ela ainda não é muito boa nisso. Mas a morte não lhe é estranha e ela já ouviu essas palavras antes. Cada vez ela fica um pouco menos enjoada.

— Eu farei o que for preciso — Katharine olha para ela com uma preocupação súbita. — Mas você estará lá comigo?

Natalia começa a limpar a mesa, devolvendo as garrafas de ingredientes para suas prateleiras e gavetas, recolhendo cuidadosamente fragmentos e poeira em uma cesta que será destruída. A Rainha Katharine pode ser pequena e, alguns, como Genevieve, podem pensar que ela é fraca. Mas Natalia discorda. Ela é pequena e de coração mole. Ela é boa. Mas também é resiliente e dedicada. Ela nunca recusou ou hesitou quando confrontada com veneno. Ela será uma boa rainha.

— Sim, Rainha Katharine. Eu sempre estarei com você. — Ela limpa uma das facas pequenas que usou para cortar raízes, mas a lâmina está tão afiada que afunda em seu dedo. Ela engasga ao ver o sangue correndo por suas falanges. — Tolo. Que descuido tolo da minha parte.

— Natalia, você está sangrando! — Katharine toma sua mão e rapidamente a enrola em um pano limpo. Ela parece muito preocupada enquanto acaricia os dedos de Natalia e os pressiona gentilmente. E por conta de algo tão pequeno. — Melhor?

— Bem melhor — Natalia diz. Então ela ri e puxa a rainha para si. — Você é uma garota tão estranha, Kat. Uma garota tão estranha e querida.

WOLF SPRING

Arsinoe e Joseph andam atrás de Jules e sua mãe, a pelo menos uma dúzia de passos de distância. Eles observam, desconfiados, o par, e se perguntam quem é essa mulher estranha, essa mulher estranha com um rosto lindo, cuja simples presença transforma Jules em um bichinho de estimação afetuoso. Joseph puxa um longo ramo de grama do pasto e sacode os outros enquanto Aria, o corvo, os sobrevoa. Ela nunca fica longe da mãe de Jules. Talvez tenha medo de ser deixada de novo.

Arsinoe puxa a gola de sua camisa preta. Ela é a única que precisa usar preto o ano todo, mesmo no auge do verão, quando ele absorve o sol e a deixa com tanto calor que ela acha que vai ter um enfarto.

— Você devia parar de usar preto o tempo todo — Joseph diz, e ele faz soar tão fácil que ela quer bater nele.

— Arsinoe!

Ela olha para cima – os dois o fazem – e vê Madrigal acenando para que eles as alcancem. Ela está sorrindo e a grama se move em torno dela como numa dança. É difícil resistir a Madrigal. Joseph corre de uma vez e, depois de um momento, Arsinoe, a mais cética e emburrada rainha dos últimos mil anos, também vai.

Madrigal segura Arsinoe e Arsinoe segura Joseph e Joseph segura Jules e eles giram pela grama, criando seu próprio vento. Arsinoe e Joseph riem, enquanto Jules e Madrigal jogam a cabeça para trás, fazendo borboletas aparecerem. Todas as borboletas, aparentemente, de cada fenda e de cada

canto de Fennbirn: monarcas, brancas, com as pontas alaranjadas e listradas e preto e amarelo. Elas rodopiam pelo pasto e voam por cima e por baixo deles. Com o canto do olho, Arsinoe vê lampejos azuis e amarelos brilhantes acenderem na grama: as flores silvestres florindo todas ao mesmo tempo.

Finalmente eles caem de costas, rindo. Madrigal puxa flores frescas para o nariz e Aria pausa em seu peito para comer uma borboleta azul. Asas delicadas cobrem Madrigal da cabeça aos pés, abrindo e fechando em todas as cores. Elas estão em cima de Jules também, mas Jules parece não as notar. Ela encara a mãe com tanto amor que Arsinoe sente ciúmes, embora ela não tenha certeza de quem a faz sentir assim.

— Essa foi uma ótima brincadeira, Olhos Estranhos — Madrigal diz. Ela estende um dedo para tocar o nariz da filha e o sorriso de Jules desaparece.

— Eu gosto dos seus olhos, Jules — Joseph diz. — Eu queria que os meus fossem iguais.

— Eu não disse que não gostava deles — Madrigal diz. — Eu só disse que eles são estranhos. E é verdade. — Ela toca o cabelo de Jules. — Mas é uma pena que eu não tenha encontrado um garoto com o cabelo bem preto naquele Beltane. As borboletas ficam tão lindas na Arsinoe. — Ela solta Juillenne e se inclina na direção da rainha.

— Você sente como elas falam com você? Você pode ouvir o que elas dizem quando batem as asas?

Arsinoe fica quieta por um momento. Ela só sente as pernas e antenas peludas cutucando seu couro cabeludo.

— Não.

Madrigal suspira. Ela põe uma mão em seu corvo e então a lança no ar antes que ela possa comer mais borboletas.

— Não faz duas semanas que voltei à ilha e já ouvi rumores. “Ela se tornará forte suficiente para ser rainha?”, “Poderia ser ela?”, “Quando a dádiva dela irá aparecer? Ela já tem nove anos”.

— Eu já sou uma rainha. É por isso que me chamam de Rainha Arsinoe.

— Mas você não é a única. Você sabe disso, não sabe?

Jules e Joseph olham para Madrigal com uma expressão sombria, como se sentissem que ela está prestes a arruinar a tarde ensolarada.

— Fennbirn tem três rainhas a cada geração — Madrigal continua. — Você não ganha a coroa só por ter nascido. Precisa lutar por ela. — Ela cutuca a barriga de Arsinoe de brincadeira e Arsinoe afasta a mão dela.

— Eu não acho que quero ser coroada, de qualquer forma.

Madrigal se inclina para trás, seus cotovelos na grama. Ela estala a língua, como se isso fosse uma grande vergonha, e afasta as últimas borboletas que estão presas na sua roupa estranha do continente: botas de couro com cano alto e saltos e calças justas.

— Minha mãe e Caragh querem te mimar — ela diz. — Te fazer feliz até que chegue a hora. Elas querem te tratar como se você fosse uma perdedora. Como se você já estivesse morta.

— Morta? — Jules se levanta.

— É isso que acontece com as rainhas que perdem. Elas são mortas. Mas não se desesperem — Madrigal envolve o rosto de Jules com uma mão e belisca o nariz de Arsinoe com outra. — Ainda há muito tempo para treinar. Para ficar forte. Para ser vitoriosa. E agora eu estou aqui para te ajudar.

Caragh e Matthew seguem a longa estrada de terra que leva até a casa Milone. É uma caminhada fresca e agradável, graças aos carvalhos que esticam os galhos sobre o caminho. Mas ainda assim, Matthew está quieto. Ele esteve quieto durante toda a tarde.

É o auge do verão e logo ele começa a ir embora, enquanto agosto termina e as mentes se voltam para o outono e a celebração da Lua da Colheita. É um tempo difícil para os naturalistas, suas dádivas cantando em antecipação da colheita, mas também tremendo à sombra do inverno. Em alguns, ela treme tanto que parece algo tentando escapar. Para uma Milone estéril, essa é a estação da loucura já que, por toda a ilha, as barrigas grávidas do Beltane começam a aparecer. Matthew sabe disso. Caragh suspeita que ele sempre soube, já que sempre parece saber do que ela precisa. Como ele soube que ela precisaria dele no Dia da Reivindicação no Chalé Negro. Como soube que essa mudança de

estações seria a primeira a partir o coração dela. Em todos os outros anos ela tinha Jules.

A brisa sopra as folhas acima deles e Aria, o corvo, mergulha atrás de Juniper e grasna alto, fazendo a Familiar latir e morder as próprias costas. Ela tenta morder o pássaro no ar, mas o corvo já subiu e está fora de perigo. O coração de Caragh afunda quando ela ouve a risada de Madrigal, e mais ainda quando ela se vira e vê Jules, Joseph e Arsinoe andando ao seu lado.

— Caragh Milone — Madrigal diz. — O que você está aprontando com esse menino?

— Você deveria ficar de olho no seu corvo — Matthew diz e Madrigal saltita até ele e ao seu redor. Seu longo cabelo castanho brilha em volta dos ombros dele e seus dedos deslizam pelos braços do rapaz. Mesmo quando ela está sendo insuportável, parece uma fada. Cachos e brilho. Asas delicadas.

— Eu sempre estou de olho no meu corvo. Assim como Caragh faz com a *cachorra* dela — Madrigal dá um tapinha no focinho de Juniper e olha de volta para Matthew. — Eu me lembro de você. Matthew Sandrin. Como você cresceu.

Caragh observa Matthew por cima do ombro da irmã. Ele encara Madrigal como se a odiasse, mas ainda assim, a encara. Madrigal sempre fez todos prestarem atenção nela.

— Devemos voltar juntos para casa? — Madrigal pergunta. — Se vocês aguentarem? — Ela sai correndo e as crianças a seguem, como se puxadas por uma coleira invisível. Jules nem olha para Caragh. Nenhum deles olha. Eles não agem como os pestinhas de costume.

— Espere, Madrigal — Caragh diz. — Crianças, vão na frente. Nós alcançamos vocês. — Os três andam, sombrios, e Caragh sente uma tensão neles. Um medo.

— O que foi agora? — Madrigal pergunta e revira os olhos.

— O que você fez com eles? Jules parece pronta para fazer as flores murcharem.

— Eu não fiz nada com eles. Nós chamamos borboletas e fizemos a grama crescer. Arsinoe não fez nada crescer. Você sabe que ela não vai durar muito se vocês continuarem a tratando assim. Ela estará morta no momento que a Aceleração terminar.

— Você falou com eles sobre isso?

— Claro que não.

— Madrigal, eles são novos demais. Ela não está pronta.

Madrigal cruza os braços. Faz mais de dois anos desde que Arsinoe mencionou as irmãs. As memórias provavelmente desapareceram. Mas mesmo assim, ela ainda é só uma garotinha. Uma rainha jovem demais para falar em matar.

— Por que essa decisão é sua? — Madrigal aperta os olhos. — Você não é nossa mãe. Você não é a mãe de ninguém. E se há uma guardiã para a rainha, claramente é a minha Jules. — Ela não diz mais nada, apenas se vira e anda com passos leves pelo caminho.

Caragh e Matthew não se movem até que Madrigal tenha desaparecido. Caragh fecha os punhos. Ela tem vontade de pular e gritar.

— Ela acha que pode aparecer aqui e bagunçar tudo! Ela chega, estraga tudo, e vai embora. É isso que ela faz. E ela nunca arca com as consequências!

Matthew passa um braço por sua cintura trêmula.

— Você ainda é a tia dela — ele diz. — Jules ainda te ama. Ela sempre vai te amar.

Um peso se forma na garganta dela enquanto fala. Ela sabe disso. Sabe que está sendo ingrata, desprezando a ideia de ser apenas a tia de Juillenne depois de tê-la criado por seis anos. Querendo que Jules corra para ela, não para Madrigal, quando ela chamar seu primeiro grande peixe ou tiver um pesadelo.

— Vá para casa, Matthew — Caragh diz.

— O quê? Por quê?

— Porque essa é a primeira coisa idiota que você me disse.

Os velhos contos das rainhas assombram cada momento de Jules, por dias e noites. Ela já ouviu os contos, histórias brutais e excitantes de venenos, lobos e fogo. Mas eram apenas histórias. Mesmo quando Arsinoe chegou — e Arsinoe era real —, sua jovem mente não podia conceber que ela um dia

faria parte dessas histórias. Joseph tenta distraí-la, mas nem mesmo ele consegue impedi-la de se preocupar.

— Sua mãe provavelmente estava brincando. Para nos assustar. Como as histórias contadas em volta das fogueiras na Lua da Colheita — Joseph diz. — E mesmo que ela não estivesse brincando, Arsinoe é durona. — Ele a empurra até que ela tropece, para provar seu argumento. — Eu não ia querer brigar com ela.

Mas não é apenas uma luta. Arsinoe e Joseph preferem não saber. Eles preferem esquecer a bobagem que Madrigal disse e voltar a aproveitar o verão. Acreditar significaria dificuldades. Significaria coisas para as quais eles não estavam preparados.

Significaria crescer.

Mais tarde, naquela noite, quando Jules ajoelha no tapete ao lado da poltrona de seu avô Ellis, ela não tem certeza do que quer ouvir. A única coisa que precisa descobrir é onde está a verdade no meio de todas essas histórias.

— Vê — ela diz, torcendo um pouco da linha fina que ele está tecendo em volta de seu indicador. — O que vai acontecer com Arsinoe?

Ele baixa os olhos para ela, vendo-a pela parte de baixo dos óculos. Diferente dos outros adultos, Ellis não diz que não é nada. Ele não mente.

— Você ouviu algo — ele diz. — Não ouviu?

— Só estava pensando nas velhas histórias. As histórias das rainhas. E Arsinoe é uma rainha. Ela é uma rainha como a das histórias?

— Você ainda é jovem, Jules, e isso será difícil de entender. Mas conforme a Ascensão se aproximar, você ouvirá coisas. Sobre a disputa entre as rainhas. Sobre como elas conquistam a coroa. As pessoas começarão a falar mais conforme Arsinoe cresce.

O tom dele é calmo. A Ascensão não é nada de novo. As mortes de rainhas não são nada de novo. Jules se sente profundamente envergonhada, de repente, por sua juventude e ignorância. Sua incapacidade de entender a verdade até então. Mesmo sabendo, parece impossível, quando toda a morte que ela conhece é a morte de animais ou idosos. De pescadores perdidos no mar ou pessoas acometidas por doenças ou acidentes. Mas a morte não pode tocar Arsinoe, que é jovem e cuidadosa. Que se tornou sua melhor amiga e irmã de criação.

— Ela precisa? — Jules pergunta. — Não pode ser outra pessoa?

— Não. Só pode ser ela. Arsinoe é uma rainha, Jules. Ela é especial. Está na natureza dela, você vai ver. É o seu propósito.

Naquela noite, deitada na cama e com Arsinoe roncando do outro lado do quarto, Jules não consegue parar de pensar nas palavras do vô Ellis. Matar ou ser morta. Esse é o propósito dela. Sua natureza. Mas isso não é justo. Não pode ser.

— Eu vou encontrar um jeito de te manter a salvo, Arsinoe. Vou te proteger. Eu prometo.

AS CONSEQUÊNCIAS DA TENTATIVA DE
FUGA DE ARSINOE

DOIS ANOS DEPOIS

INDRID DOWN

— **A tola rainhazinha naturalista** tentou fugir. Ela, uma pirralha Milone e um menino de Wolf Spring foram encontrados perdidos na neblina, flutuando em um barco roubado, miseravelmente pequeno. Depois que foram pegos, eles foram presos e trazidos para o Volroy, junto com Cait Milone e sua família.

— Eles chegaram agora? — Natalia pergunta enquanto ela e Genevieve andam rapidamente pelo castelo até a câmara em que o julgamento acontecerá. — Que pena. Deveriam tê-los deixado apodrecer um pouco na cela.

— O conselho estava ansioso para puni-los — Genevieve diz.

— Então eles podem acabar decepcionados. Nós não podemos punir a rainha. Rainhas não podem ser tocadas até depois da Aceleração. E ela só tem onze anos. A ilha vai ver isso como uma tolice juvenil. — Alguns até mesmo vão admirar sua rebeldia. As alianças da ilha começaram a mudar. Natalia sentiu isso desde que a rainha elemental mostrou a força da sua dádiva. Os envenenadores, sua família, governaram Fennbirn bem. Mas eles estão no poder há tempo demais. Há três rainhas envenenadoras — é de se entender que a ilha fique inquieta.

Natalia e Genevieve sobem as escadas e disparam pelas portas da câmara superior. O cômodo é amplo e aberto a leste, com um balcão com vista para o pátio e para além dos telhados do Porto de Bardon. Membros do Conselho Negro, que finalmente é delas, e não mais de sua mãe,

reúnem-se em pequenos grupos com seus lenços de seda e saias de um roxo-escuro. Onde antes eram todos envenenadores velhos, exceto por seu primo Lucian e Paola Vend, da mais forte família de envenenados de Prynn, agora o conselho está repleto de jovens: o irmão de Natalia, Antonin, e sua irmã, Genevieve. Sua prima mais jovem, Allegra. O vivaz e jovem envenenador Lucian Marlowe.

No centro da sala, ajoelhados no tapete vermelho redondo, estão a rainha naturalista e seus co-conspiradores. Eles são crianças aos olhos dela, embora a rainha e Juillenne Milone ambas lhe olhem com raiva e uma tola falta de medo. Natalia poderia mandar envenenar a pequena Milone. E o menino também. Eles cometeram uma ofensa grave e ela adoraria dá-los a Katharine como objetos de treino.

Enquanto pensa nisso, ela olha para Juillenne Milone e quase toma um susto. O olhar da menina é tão intenso que ela parece ser capaz de ler os pensamentos de Natalia.

— Nós gostaríamos de falar — Cait Milone diz. Faz muito tempo que Natalia não a vê, mas ela parece durona e orgulhosa como sempre.

— Então falem — Natalia diz. — Embora eu não saiba o que você acha que pode dizer para mudar a situação.

Natalia escuta enquanto Cait implora – na medida em que Cait é capaz de implorar – e ouve com simpatia as lágrimas da mãe do menino, uma mulher chamada Annie Sandrin. Mas, na maior parte do tempo, ela observa. Analisa a maneira como as duas Milone mais jovens se agarram ao espaldar das cadeiras, mas não uma a outra. Ela enxerga a culpa que o marido de Cait carrega. Os rostos pálidos e confusos dos homens Sandrin enquanto se perguntam como seu garoto foi se envolver com assuntos de rainhas.

E ela observa a rainha. Arsinoe. Ela ficou alta e magra nos cinco anos desde o Chalé Negro. Seu cabelo é curto, as pontas desiguais, e ela não é bonita, como sua Rainha Katharine ou como dizem que é a elemental Rainha Mirabella. É sem graça, com uma boca fina e virada para baixo, e os espiões do conselho em Wolf Spring dizem que a dádiva dela ainda não apareceu.

Para Natalia, ela parece uma presa fácil.

— Natalia? — Genevieve a cutuca e a tira de seus pensamentos. Aparentemente o suplício e as lamentações acabaram.

— A rainha terá permissão de falar? — Cait pergunta.

— Não é necessário deixar que as crianças falem — primo Lucian diz.

— Mas eu *quero* falar.

Cabeças se viram quando Arsinoe se levanta.

— Então é claro, Rainha Arsinoe — Natalia diz. — Nós iremos ouvir.

— Nada disso foi culpa deles — Arsinoe aponta para a garota Milone e o menino de cabelos escuros. — Foi minha ideia. Eu mandei eles fazerem. Eu os forcei a me ajudar.

Natalia não acredita nela nem por um momento. Mas finge. Talvez seja pedir demais a Katharine, por enquanto, que ela envenene duas crianças de idade tão próxima a dela.

— Se isso for verdade, então eles não morrerão — Natalia olha para os dois, o garoto, tenso e com medo, e a garota Milone, ainda com um desprezo desafiador. Tudo nela grita desafio, exceto a maneira desesperada como segura a mão do menino. — Joseph Sandrin será banido para o continente até ser maior de idade, ou até nós acharmos adequado trazê-lo de volta.

A boca da Rainha Arsinoe se abre, mas Juillenne Milone começa a gritar e todos os Milone na sala avançam, como para confortá-la.

— Ela tem um péssimo temperamento, Cait — Natalia diz. — Você parece quase assustada! — Ela levanta o queixo para Juillenne. — A garota Milone é condenada ao Chalé Negro. Ela vai pagar por seu crime servindo como a próxima Parteira da Coroa.

— Não! — Arsinoe e o menino começam a chorar e jogam os braços em volta de Juillenne. Uma das Milone mais jovens afunda em sua cadeira. A outra avança pela barreira de guardas e, antes que Natalia possa impedi-la, ela está grudada em sua manga.

— Por favor — diz. — Deixe-me ir no lugar dela.

— Você deveria ficar contente. Ela poderia estar morta. E há muitas sacerdotisas que ficariam exultantes com tal sentença. É uma honra maior do que ela merece.

— Ela é só uma criança. Você não tem piedade? Os Arron são realmente tão cruéis assim?

Natalia olha para seu conselho de envenenadores. A má vontade para com eles aumenta a cada dia. Tanto que ela pode ter que dispensar alguns

deles e nomear novos membros com outras dádivas. Uma guerreira, talvez. Ou até mesmo alguém sem dádiva. Isso deve acalmar o povo.

— Muito bem — ela diz e suspira. — Isso servirá.

Katharine corre para receber Natalia no momento em que ela passa pela porta da frente, como faz com frequência quando não está doente por conta do treinamento com venenos. Natalia força um sorriso e se demora tirando as luvas antes de pegar o copo gelado de suco venenoso da bandeja de prata que Edmund carrega. Katharine parece a ponto de explodir ali em pé, suas mãos apertadas e tremendo sobre sua saia preta e torcendo os tornozelos em um movimento estranho.

— Sim, Kat? — Natalia finalmente diz e Katharine a toma pela mão.

— Me disseram que algo aconteceu! Algo com a Rainha Arsinoe!

Genevieve troca olhares com Natalia enquanto desliza pelo hall.

— Eu vou falar de novo com os criados sobre fofoca.

Natalia afirma com a cabeça. As memórias de Katharine desapareceram. Há pouco perigo em falar de Arsinoe, ou mesmo de Mirabella. São apenas nomes para ela, agora. Rivals. Embora isso só tenha sido discutido vagamente, Katharine sabe que as outras rainhas devem ser mortas e, depois de mais cinco anos de treinamento, armada com uma forte dádiva de envenenadora, ela estará pronta para fazê-lo.

— Não é culpa dos criados — Katharine diz rapidamente. — Eu estava ouvindo atrás das portas.

— Ouvindo atrás das portas — Genevieve desdenha. — É provável que você só tenha ficado quieta tempo suficiente para que eles esquecessem que você estava presente, ratinha. Eu falarei com eles. — Ela toca o braço de Natalia e sai. Natalia deu um lugar para a irmã no conselho muito recentemente, mas isso parece ter dado a ela um foco. Ou pelo menos ela parece bem menos frívola do que antes.

— O que a Rainha Arsinoe fez? — Katharine pergunta. — Disseram que ela seria punida. Que você iria puni-la.

— Ela tentou sair da ilha.

— Mas rainhas não podem sair da ilha.

— Eu nem acho que foi culpa dela — Natalia suspira. — Com certeza não foi ideia dela. Ela se deixou levar por naturalistas tolos. Eles nunca foram bons guardiães.

— Não como você — Katharine baixa os olhos. Ela é tão dócil. Tão doce. Eles precisam tirar essa docilidade dela, mas Natalia não consegue sequer tentar. Ou talvez ela saiba que será impossível. Katharine sempre será uma menina boa e grata, que precisa de cuidados. — Então você foi misericordiosa? Se não foi culpa dela?

— Eu fui.

— Mas você a puniu?

— Puni. — Natalia estende a mão e toca a face pálida da rainha. — Eu sempre vou cuidar de tudo, Kat. Se você estiver cansada, eu estarei alerta. Se você estiver fraca, eu me tornarei duas vezes mais forte. Eu cuidarei da sua coroa para você.

ROLANTH

— **Rainha Mirabella**, eu trouxe algo para você — Luca baixa o capuz de sua leve capa de viagem e a rainha deixa de lado seu livro, correndo para os braços abertos da Alta Sacerdotisa. Ela aperta a garota com força e se afasta para tirar as luvas. O outono chegou cedo em Rolanth, tão ao norte, com um vento frio que corre pelos pinheiros e os penhascos de basalto. Na capital Indrid Down, de onde ela vem, eles ainda estão aproveitando o final de um verão ameno, e a mudança de clima fez os ossos das mãos da Alta Sacerdotisa doerem. Será preciso se acostumar a esse clima de Rolanth.

— Eu fico feliz por você estar aqui. É só o que importa — Mirabella diz e beija a mão dela. — Mas o que você trouxe para mim?

— Biscoitos de anis com cobertura — Luca os levanta, em uma bonita caixa listrada, e Mirabella os pega. Ela cheira a beirada. — Pensei que pudéssemos comê-los com chá. Mas antes disso, vamos direto ao assunto. Preciso contar o que aconteceu com sua irmã, a Rainha Arsinoe.

O sorriso de Mirabella desaparece. Elas evoluíram bastante desde que um espírito da água foi forçado pela garganta de Luca. Mirabella já não é um perigo. Já não é mais mantida em um porão por da ameaça que causava. Mas a rainha é teimosa. Tão teimosa quanto forte, o que a torna a garota mais teimosa da ilha.

— Eles deveriam saber que ela causaria problemas, deveriam tê-la vigiado melhor. Eles não a conhecem nem um pouco?

— Eles a conhecem e gostam dela — Luca diz. — Eu vi isso.

Luca a toma pelo braço e elas caminham pelas partes abertas do Templo de Rolanth. Conforme os anos passaram, ela se afeiçoou à rainha elemental. Mais que afeto. Ela passou a amá-la, e o favoritismo mostrado pela Alta Sacerdotisa não pode ser negado. Mas favoritismo da Alta Sacerdotisa não é a mesma coisa que favoritismo do templo. Ou pelo menos foi o que ela disse a Natalia Arron quando a mulher finalmente a confrontou. Luca nunca esquecerá a expressão no rosto de Natalia quando ela disse que deixaria Indrid Down para viver em Rolanth com a rainha.

— Qual foi a punição? — Mirabella pergunta enquanto elas passam pelo altar e chegam ao domo, com o mural da elemental Rainha Elo, a que respirava fogo, onde podem se proteger do vento. — Foi ruim como você esperava?

— Não. Foi uma rara demonstração de misericórdia da parte dos Arron. Para o menino, banimento para o continente. — Ela pausa quando Mirabella leva uma das mãos à garganta. — E banimento de outro tipo para a garota. Para o Chalé Negro, para servir como a próxima Parteira. No entanto, parece que a tia da menina irá tomar o lugar dela, para que a Rainha Arsinoe possa ter sua companheira.

Mirabella expira. Depois do primeiro encontro delas, às margens do Lago Starfall, Luca não sabia se ela poderia ser controlada. Mas a chave para domar Mirabella foi ter uma mão suave. Não tentar afastar as memórias de suas irmãs de sua cabeça, mas entendê-las. Educá-la como uma rainha e devotá-la à Deusa completamente. Torná-la uma serva.

Sara Westwood ainda espera inocentemente que, um dia, Mirabella vá esquecer, como todas as rainhas fazem. Mas Mirabella nunca vai esquecer. Talvez seja porque ela é uma rainha tão rara, com um poder tão tremendo, que as memórias sejam a forma pela qual a Deusa escolheu testá-la. Ou talvez seja porque suas irmãs foram marcadas a brasa em sua mente depois que ela passou três longos anos trancada em um porão escuro.

Levará tempo, e mais educação, mas Mirabella se tornará a rainha que a ilha precisa. Ela é a escolhida. Luca sabe disso com tanta certeza quanto sabe de qualquer coisa desde o dia que ganhou seus braceletes e entrou para o templo.

— Você ainda é selvagem — Luca estende a mão e afasta um longo cacho de cabelo preto e bagunçado do ombro da rainha. — Esteve lá fora no vento de novo, correndo por Shannon's Blackway com Bree?

— Só antes da oração da manhã. Nós duas estávamos tão inquietas esperando sua volta.

— Venha, então. Eu também estou inquieta, depois de passar dias na carruagem. Você acompanharia essa velha mulher até a cidade? Pela trilha dos pinheiros?

— Claro, Alta Sacerdotisa — Mirabella oferece seu braço.

Luca não precisa de verdade do braço. Não ainda. Suas velhas pernas ainda são fortes e não dão sinais de que irão fraquejar pelos próximos anos. Mas é bom para a rainha se sentir necessária. Como uma cuidadora. Elas caminham pela trilha de pinheiros, pelas colinas que dão vista para a cidade de Rolanth. Luca espera não caminhar muito, porque a volta não será tão fácil, mas por sorte elas cruzam com uma procissão funeral logo depois da terceira curva.

— O que é isso? — Luca pergunta e levanta um braço.

As carruagens enfeitadas de carmim freiam, os cavalos se segurando contra a inclinação da colina quando os cocheiros puxam os arreios. Três carruagens, de qualidade mediana, o tecido de lã tingida de carmim, não algo fino como seda ou musselina. São locais, gente de Rolanth. Comerciantes ou tecelões. Luca não sabe ao certo. Ela só sabe que um deles cometeu um crime e foi morto por envenenamento por causa disso.

Uma mulher desce da primeira carruagem e imediatamente se ajoelha na frente de Luca. Ela está vestida toda de carmim e suas faces estão marcadas de lágrimas.

— Alta Sacerdotisa, você nos abençoaria?

— Claro, claro — Luca diz, e Mirabella observa. — Mas o que aconteceu?

— Meu filho mais velho, condenado a morte por roubo — a mulher diz. O Conselho Negro é cruel. Sem sentimentos. Eles o torturaram com suas poções vis! — A mulher começa a chorar e Mirabella toca seu ombro.

— Roubo? — a rainha pergunta. — Mas isso é monstruoso! Condenar alguém a morte por roubo!

Monstruoso, de fato. E falso também. Luca sabe que o garoto foi julgado por assassinato, assim como ela sabia que a procissão funeral passaria por ali para abençoar o corpo dele no templo antes de queimá-lo no topo dos penhascos de Blackway. Ela vai até a segunda carruagem, a fúnebre, onde está o corpo do garoto e diz:

— Fique aí, Mirabella. — Mas ela sabe muito bem que a rainha virá junto.

Luca abre a porta. O cadáver está coberto com tecido carmim e perfumado para evitar o odor de podridão. Mas o fedor ainda está lá, depois de tantos dias viajando desde Indrid Down. Ela levanta o rosto e puxa o lençol.

Atrás dela, Mirabella engasga.

Ele está coberto de bolhas. Bolhas estouradas e vermelhas, além de profundas marcas de arranhões, feitas por suas próprias unhas, quando ele tentou escavar o veneno para fora de seu organismo. Luca deixa que a rainha olhe por apenas mais alguns momentos, mas cobre o menino antes que Mirabella comece a chorar. Ela ainda é jovem, afinal. Nem mesmo completou doze anos.

Luca garante que seu rosto esteja recomposto quando se volta para a mãe enlutada, que deve ser realmente a mãe dele, ou pelo menos uma atriz muito talentosa. Ela pousa a mão no ombro da mulher e a ajuda a levantar-se.

— Bênçãos para o seu menino agora que ele volta para o seio da Deusa — Luca pressiona o polegar contra a testa da mulher. — Bênçãos para você. Bênçãos para sua família.

— Não é justo. — A mulher chora. — O Conselho Negro! Os envenenadores!

— Eu sei. É horrível. Mas não seguirá assim. A próxima rainha mudará isso.

— Ela precisa mudar — a mulher diz. — Isso não pode continuar. Nós não aguentaremos.

Luca se vira com tristeza para Mirabella, cujos olhos estão arregalados e brilhantes. A rainha mantém sua cabeça ereta, horrorizada e com raiva, exatamente como Luca queria.

— Eu vou mudar isso — Mirabella diz. — Prometo que vou mudar.

EPÍLOGO
WOLF SPRING

DOIS ANOS DEPOIS

Arsinoe e Jules caminham pelo pasto ao lado da Lagoa Dogwood. Ninguém as observa. Elas não têm um guardião. Nem sequer avisaram aonde iam ou quando estariam de volta. Arsinoe pensou que depois do que aconteceu, depois que Jules e Joseph roubaram aquele barco e tentaram fugir da ilha com ela, que elas seriam vigiadas dia e noite. Mas é o contrário: é como se mal as vissem.

Desde que Caragh partiu para o Chalé Negro e Joseph foi banido, tanta tristeza emana da casa Milone e de Wolf Spring que é como se os corações das pessoas estivessem batendo mais devagar.

— O que você quer fazer? — Arsinoe pergunta. — Ir pescar? Nadar? A água ainda está quente o suficiente. Quer ver se ainda tem frutos do bosque no fosso Pace?

— Sim — Jules diz. Mas ela não diz para o quê. E não há fogo em sua voz, embora ela se vire para Arsinoe, sorrindo. Boa Jules. Ela fez tudo que pôde para mostrar a Arsinoe que não a culpa. Mas não importa se Jules a culpa. Arsinoe sabe que o que aconteceu com Caragh e Joseph foi por causa dela. Eles foram punidos porque tentaram salvá-la.

Tarde da noite, deitada na cama, no quarto que divide com Jules, Arsinoe ainda pensa naquele dia na capital. A expressão no rosto de Natalia Arron quando ela baniu Joseph e Caragh. O quanto Arsinoe odeia os Arron, cada um deles, com sua aparência fria e loira e seus olhos imperiosos. Ela gostaria de fazer com que perdessem tudo, como eles

fizeram com Jules e os Milone. Ela ainda não sabe como fará isso, mas tem tempo para pensar. A Ascensão das rainhas só começa daqui a três anos.

— Eu estou cansada dos caminhos de sempre — Jules diz de repente, e para. — Vamos para o bosque. A nordeste, pelo bosque.

— Tudo bem.

Arsinoe não gosta da floresta nordeste. Ela é escura e densa demais. Abriga grandes criaturas, longe do barulho e das pessoas da cidade. E sempre que vão lá, elas as ouvem, esgueirando-se ou batendo contra a folhagem, fora de vista. Claro que ela não diz isso a Jules. Seriam as palavras menos naturalistas já pronunciadas por uma naturalista.

Jules a leva mais e mais fundo na floresta, andando tão rápido que parece ter esquecido que Arsinoe está ali. Com as árvores tão densas, Arsinoe perde o rastro do sol no céu e toda a luz parece oblíqua. De vez em quando, Jules fareja o ar e escuta, mas tudo que Arsinoe ouve são os sussurros das folhas e o zumbido baixo e irritante dos insetos. Onde estão os pássaros? Por que o Familiar de Madrigal, Aria, não está batendo as asas em algum lugar acima delas, grasnando nos galhos?

— Olhe — Jules aponta.

Sem que Arsinoe notasse, elas chegaram a uma clareira. O sol brilha sobre um pedaço arredondado de grama verde, musgo e arbustos com folhas brilhantes e oleosas. No centro há uma pedra grande e plana, alta o suficiente para ser escalada.

— Eu nunca vi isso antes — Arsinoe comenta.

Jules não responde. Seu rosto está concentrado, seus olhos verdes e azuis presos na rocha. Ela limpa um pouco de suor de seu lábio superior. Mechas de seu cabelo castanho se soltaram de sua trança e ela parece tão selvagem quanto o resto da floresta.

Jules anda na direção da pedra. Arsinoe a segue e observa enquanto ela sobe e fica em pé na pedra. Jules olha em volta, mas isso não a deixa muito mais alta, e com certeza não alta o suficiente para ver acima das árvores.

— É uma pedra estranha — Arsinoe põe as mãos nela, lisa e quente do sol. — Tão quadrada e lisa. Você acha que costumava ser algo? Parte de uma coisa antiga.

Jules baixa os olhos para a pedra.

— Eu acho... que se depois de hoje nós tentássemos procurá-la, nunca a encontraríamos de novo.

Arsinoe engole em seco e um arrepio desce de sua cabeça até o fim de sua espinha. Para disfarçar, ela sobe na pedra ao lado de Jules.

— Vamos só... ficar aqui por um tempo. — Jules diz e se senta. — Eu não quero ir para casa.

Com o calor da pedra em suas costas e a suave luz do sol em seus rostos, não demora muito para que Jules e Arsinoe peguem no sono. Quando Jules acorda, é de um sonho bom que ela não consegue se lembrar muito bem, mas no qual havia risadas e calor. Ela acha que Joseph e Caragh podem ter estado nele.

No arbusto à sua esquerda, protegido pela sombra das árvores, algo faz barulho e Jules se senta. Ela coloca um braço na frente da rainha, pronta para protegê-la ou mandá-la correr. Jules não tem uma aparência muito impressionante, com suas pernas curtas e olhos estranhos, mas ela é corajosa. Não hesitaria em lutar por Arsinoe. Ela não tem medo de se machucar.

Mas, depois de um momento, sua apreensão desaparece. Ela se transforma em uma calma profunda. Paz. Os arbustos se sacodem mais uma vez e Jules espera prendendo a respiração.

A peluda filhote de gato da montanha se arrasta cautelosamente até a luz do dia. Ela pisca os olhos, tão nova que eles ainda são meio azuis, e se equilibra em patas grandes e macias. Sua pele é a pele pintada de um bebê.

Qualquer um que não fosse Jules ainda estaria com medo, porque onde há uma filhote de gato da montanha, há a mãe, não muito longe. Mas quando Jules e a filhote se olham, algo se encaixa.

— Camden — Jules diz, e a pequena filhote saltita alegre pela grama, pulando em seus braços.

CONHEÇA OS OUTROS LIVROS DA SÉRIE TRÊS COROAS NEGRAS:

TRÊS COROAS NEGRAS
UM TRONO NEGRO
DOIS REINOS SOMBRIOS

E NÃO PERCA O DESFECHO DA TETRALOGIA:

CINCO DESTINOS SOMBRIOS

Copyright © 2019 by Kendare Blake
Copyright da tradução © 2020 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo no 54, de 1995).

Título original: *Queens of Fennbirn*

Editora responsável: **Veronica Gonzalez**
Assistentes editoriais **Júlia Ribeiro e Lara Berruezo**
Diagramação **Douglas Kenji Watanabe**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Revisão **Daniel Austie e Isabela Sampaio**
Capa **Aurora Parlagreco**
Arte da capa **John Dismukes**
Editora de livros digitais **Cindy Leopoldo**
Produção do e-book **Ranna Studio**
Cotejo do e-book **Manuela Brandão**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B568r

Blake, Kendare
Rainhas de Fennbirn : a rainha oráculo e as jovens rainhas / Kendare Blake; tradução Isadora Sinay. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Alt, 2020.
(Três coroas negras)

Tradução de: *Queens of Fennbirn*
ISBN 9786580775125

1. Ficção coreana. I. Sinay, Isadora. II. Título.

20-62422

CDD: 895.73
CDU: 82-3(519)

1ª edição, 2020

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
R. Marquês de Pombal, 25
20.230—240 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil
www.globolivros.com.br